

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.**

**José Carlos Rocha**

**Bauru.  
Populismo e paisagem urbana:  
1948 – 1968.**

**Mestrado em Geografia**

**São Paulo  
2008**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.**

**José Carlos Rocha**

**Bauru.  
Populismo e paisagem urbana:  
1948 – 1968.**

**Dissertação de Mestrado apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração Territorialidade e análise sócio-ambiental, sob a orientação do Professor Doutor Gustavo de Oliveira Coelho de Souza.**

**São Paulo  
2008**

**Banca examinadora**

---

---

---

*Aos meus filhos: Luís Geraldo, Júlia, Lorena e Giovana.  
À minha esposa Carla Cristina. Fiel depositária desta aventura...  
A todos os bauruenses que viveram intensamente este período.*

## RESUMO.

O populismo constituiu-se em um fenômeno político consolidado no país a partir da Era Vargas. Em 1945 com a democratização, tornar-se-ia hegemônico nas relações políticas brasileiras. O populismo multiclassista, com sua utópica tentativa de representação de todas as classes sociais, respondendo às suas demandas, foi considerado como instrumento de análise mais adaptado às características da realidade bauruense.

A hegemonia populista em Bauru estendeu-se entre 1948 e 1968. Neste período, o janismo e o ademarismo disputaram o poder político municipal, refletindo na produção de paisagens urbanas específicas. Durante o transcorrer de vinte anos de domínio populista, o ademarismo prevaleceu entre 1948 e 1955, o janismo entre 1956 e 1959 e uma terceira fase composta de elementos janistas e ademaristas, conduziram uma transição entre o próprio populismo e o poder tecnocrata. Tecnocracia instalada a partir de 1968, com a eleição de um grupo político associado aos interesses do governo militar.

O populismo ademarista em Bauru possibilitou uma evolução urbana harmoniosa, construindo uma paisagem vinculada à esfera educacional. O janismo, antagonicamente, propôs e produziu uma intervenção surpreendente na evolução do tecido urbano de Bauru, construindo bairros sem infra-estrutura, definindo problemas ainda não solucionados nos dias atuais. A junção do ademarismo e do janismo nas administrações finais do período populista, determinou a concretização de intervenções urbanas já associadas ao período posterior: a tecnocracia.

*Palavras-chaves: Bauru, populismo, ademarismo, janismo, poder político municipal, paisagem urbana.*

## ABSTRACT.

Populism consisted in a phenomenon politician consolidated in the country from the Age Vargas. In 1945 with the democratization, one would become hegemonic in the relations brazilian politics. Multiclass representative Populism, with its utopian attempt of representation of all the social classrooms, answering to its demands was considered the adapted concept more to the space and secular circumstances of Bauru.

The populist hegemony in Bauru was extended enters 1948 and 1968. In this period, the janismo and the ademarismo had disputed the political power municipal, reflecting in the production of specific urban landscapes. During transcorrer of twenty years of populist domain, the ademarismo prevailed between 1948 and 1955, the janismo between 1956 and 1959 and one third composed phase of janistas and ademaristas elements, had lead a transistion between proper Populism and the power technocrat. Tecnocracia installed from 1968, with the election of a group politician associated with the interests of the military government.

Ademarista Populism in Bauru made possible a harmonious urban evolution, constructing an entailed landscape to the educational sphere. The janismo, its opposite, not yet considered and produced a surprising intervention in the evolution of the fabric urban of Bauru, constructing quarters without infrastructure, defining solved problems in the current days. The junction of the ademarismo and the janismo in the final administrations of the populist period determined the concretion of urban interventions already associates to the posterior period: the tecnocracia.

*Word-keys: Bauru, populism, ademarismo, janismo, political power municipal, urban landscape.*

## SUMÁRIO.

Mapas.....	01
Plantas urbanas.....	02
Fotografias.....	05
Figuras.....	10
Tabelas.....	11
Siglas.....	12
Prefeitos de Bauru no período populista.....	15
Apresentação.....	16
Agradecimentos.....	19
Considerações iniciais.....	23
Parte I	
O populismo.....	40
Capítulo I	
A construção teórica do populismo no Brasil.....	41
Capítulo II	
Origens do populismo ademarista e janista.....	58
1. A concepção do mito ademarista.....	58
2. O PSP e a vida democrática de Adhemar de Barros.....	61
3. O populismo janista: formação, ascensão e declínio.....	68
Parte II	
O populismo e a paisagem urbana.....	75
Capítulo III	
A evolução urbana de Bauru.....	76

1. A constituição do patrimônio.....	76
2. O processo de urbanização e as ferrovias.....	83
3. A mancha urbana entre os anos 1920 e a década de 1960.....	90
Capítulo IV	
A formação do populismo.	
O ademarismo e a paisagem urbana: 1948 – 1955.....	104
Capítulo V	
O janismo e a produção da paisagem urbana: 1956 – 1959.....	129
Capítulo VI	
O colapso do populismo e a ascensão do poder tecnocrata: 1960 – 1968.....	166
Considerações finais.....	190
Fontes.....	201
Referencial bibliográfico.....	205

## MAPAS.

### Mapa 01

Bauru no Estado de São Paulo.

### Mapa 02

O sertão paulista no século XIX.

### Mapa 03

Fazenda Flores – década de 1850.

### Mapa 04

Antigo município de Espírito de Fortaleza.

### Mapa 05

Traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

## PLANTAS.

Planta urbana 01

Patrimônio de Bauru.

Planta urbana 02

Área ocupada de Bauru – 1920.

Planta urbana 03

Rua Araújo Leite e Rua Batista de Carvalho.

Planta urbana 04

Área ocupada de Bauru – 1930.

Planta urbana 05

Área ocupada de Bauru – 1940.

Planta urbana 06

Estação central da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Planta urbana 07

Vetores de crescimento urbano nos anos 1940: Vila Antártica e Cemitério da Saudade.

Planta urbana 08

Área ocupada de Bauru – 1950.

Planta urbana 09

Área ocupada de Bauru – 1960.

Planta urbana 10

Área ocupada de Bauru – 1970.

Planta urbana 11

Bairros nobres ao sul da cidade, a partir da década de 1940.

Planta urbana 12

Rodovia Marechal Rondon seccionando a malha urbana da cidade.

Planta urbana 13

Vetor de crescimento ao sul da cidade: aeroporto.

Planta urbana 14

Vetor de crescimento a sudoeste da cidade: “Recinto de exposição Mello Moraes”.

Planta urbana 15

Vetor de crescimento urbano a leste: Horto Florestal.

Planta urbana 16

Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Final da Rua Agenor Meira.

Planta urbana 17

Vila Falcão: o primeiro bairro de Bauru.

Planta urbana 18

Hospital de Base.

Planta urbana 19

Viaduto Mauá.

Planta urbana 20

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus.

Planta urbana 21

Instituição Toledo de Ensino.

Planta urbana 22

Viaduto JK.

Planta urbana 23

Canalização do Córrego das Flores.

Planta urbana 24

Bairro Ferradura Mirim.

Planta urbana 25

Parque Santa Edwirges.

Planta urbana 26

Parque Industrial Manchester.

Planta urbana 27

Antiga TV Bauru.

Planta urbana 28

Faculdade de Odontologia de Bauru.

Planta urbana 29

Viaduto João Coube.

Planta urbana 30

Avenida Pinheiro Machado.

Planta urbana 31

Avenida Elias Miguel Maluf.

Planta urbana 32

Avenida Dr. Nuno de Assis.

Planta urbana 33

Avenida Nações Unidas.

Planta urbana 34

Avenida Waldemar G. Ferreira.

## FOTOGRAFIAS.

Foto 01

Pátio central da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1959.

Foto 02

Visão panorâmica da área central de Bauru. Década de 1950.

Foto 03

Foto de satélite da área urbana de Bauru.

Foto 04

Estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Início do século XX.

Foto 05

Estação original da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Foto 06

Sede da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil: 1938.

Foto 07

Interior da estação da “Noroeste”: anos 1940.

Foto 08

Rua Araújo Leite no final do século XIX.

Foto 09

Octávio Pinheiro Brisolla em cerimônia no Palácio dos Campos Elíseos em São Paulo.

Final dos anos 1940.

Foto 10

Octávio Pinheiro Brisolla em cerimônia pública na Prefeitura Municipal de Bauru. Final da década de 1940.

Foto 11

Octávio Pinheiro Brisolla em recepção a Adhemar de Barros no Bauru Tênis Clube. Final da década de 1940.

Foto 12

Visão panorâmica da região central de Bauru. Início dos anos 1950.

Foto 13

Avenida Rodrigues Alves em meados dos anos 1950.

Foto 14

Rua Batista de Carvalho no início dos anos 1950.

Foto 15

Matadouro municipal: 1951.

Foto 16

Construção do Hospital de Base.

Foto 17

Viaduto Mauá. Atualidade.

Foto 18

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus. Década de 1950.

Foto 19

Instituição Toledo de Ensino. Atualidade.

Foto 20

Paço municipal de Bauru. Atualidade.

Foto 21

Adhemar de Barros em almoço no Bauru Tênis Clube: 1957.

Foto 22

Loja comercial de Nicola Avallone Júnior. Rua Batista de Carvalho. Década de 1950.

Foto 23

Nicola Avallone Júnior como presidente do Bauru Atlético Clube. Início dos anos 1950.

Foto 24

Jânio Quadros em Bauru. Campanha para a Presidência da República. 1960.

Foto 25

Outdoor sobre a construção do Viaduto JK. Final dos anos 1950.

Foto 26

Visita de Jânio Quadros a Bauru. Final dos anos 1950.

Foto 27

Primeira página do jornal “A Verdade”. 12 de junho de 1957.

Foto 28

Rua 1º de Agosto na década de 1940.

Foto 29

Manchete do jornal “A Verdade”. 17 de abril de 1958.

Foto 30

Vista aérea de Bauru. 1958.

Foto 31

Construção do Viaduto JK. Foto aérea.

Foto 32

Canalização do Córrego das Flores. Final da década de 1950.

Foto 33

Bairro da Ferradura Mirim.

Foto 34

Jardim Santa Edwirges. Atualidade.

Foto 35

“Parque Industrial Manchester”. Atualidade.

Foto 36

Primeira sede da Bauru Rádio Clube. Anos 1940.

Foto 37

Telegrama do advogado Hélio Augusto Ribeiro informando Nicola Avallone Júnior sobre os trâmites legais para a instalação da TV Bauru. 11 de agosto de 1958.

Foto 38

Getúlio Vargas e João Simonetti em Bauru. Década de 1950.

Foto 39

Estúdios da TV Bauru. Entrevista com o comediante “Canarinho” em 1959.

Foto 40

Nicola Avallone Júnior entrevistado na TV Bauru em 1959.

Foto 41

Instalações da PRG -8 no Jardim Bela Vista. Década de 1950.

Foto 42

Ademaristas na Prefeitura Municipal de Bauru. Governo Nuno de Assis.

Foto 43

Inauguração do Parque Infantil de Vila Falcão. Nicolinha e Irineu Bastos em campanha para a Prefeitura em 1958.

Foto 44

Construção dos blocos iniciais da Faculdade de Odontologia de Bauru.

Foto 45

A FOB na década de 1970. Vista aérea.

Foto 46

Viaduto João Coube. Atualidade.

Foto 47

Avenida Pinheiro Machado. Atualidade.

Foto 48

Avenida Elias Miguel Maluf.

Foto 49

Avenida Dr. Nuno de Assis.

Foto 50

Avenida Nações Unidas.

Foto 51

Avenida Waldemar G. Ferreira.

## FIGURAS.

### Figura 01

Gráfico demonstrando os resultados do pleito majoritário realizado em Bauru - 1947.

### Figura 02

Gráfico demonstrando os resultados do pleito majoritário realizado em Bauru - 1951.

### Figura 03

Gráfico demonstrando os resultados do pleito majoritário realizado em Bauru - 1955.

### Figura 04

Propaganda das Organizações Avallone Júnior – 1958.

### Figura 05

Gráfico demonstrando os resultados do pleito majoritário realizado em Bauru - 1959.

### Figura 06

Gráfico demonstrando os resultados do pleito majoritário realizado em Bauru – 1963.

TABELAS.

Tabela 01

Loteamentos originários da Fazenda Flores estabelecidos por décadas.

## SIGLAS.

BAC

Bauru Atlético Clube.

BNH

Banco Nacional de Habitação.

BTC

Bauru Tênis Clube.

CEI

Comissão Especial de Inquérito.

DAE

Departamento de Água e Esgoto de Bauru.

DER

Departamento de Estradas de Rodagem de São Paulo.

FAU

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP.

FOB

Faculdade de Odontologia de Bauru.

IBESP

Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política.

IBGE

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

JK

Juscelino Kubitschek de Oliveira.

NOB

Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

OVC

Organização Victor Costa.

PRG – 8

Bauru Rádio Clube.

PRP

Partido Republicano Paulista.

PR's

Partidos Republicanos.

PSD

Partido Social Democrático.

PSP

Partido Social Progressista.

PTB

Partido Trabalhista brasileiro.

PTN

Partido Trabalhista Nacional.

REBRATEL

Rede Brasileira de televisão.

SEPLAN

Secretaria de Planejamento de Bauru.

SFH

Sistema brasileiro de habitação.

UDN

União Democrática Nacional.

UNESP

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus Bauru.

## PREFEITOS POPULISTAS.

Octávio Pinheiro Brisolla: 1948 – 1951.

Ademarista.

Nuno de Assis: 1952 – 1955.

Ademarista.

Nicola Avallone Júnior: 1956 – 1959.

Janista.

Luiz Zuiani: 1959.

Janista.

Irineu Bastos: 1960 – 1963.

Janista e posteriormente “carvalhista”.

Nuno de Assis: 1964 - 1968.

Ademarista.

## APRESENTAÇÃO.

Produzir uma investigação científica não é uma tarefa simples. Requer decisão e desprendimento. O ato de pesquisar constituiu-se em um trabalho isolado, particularizado, repleto de “idas e vindas”, cujo diálogo constante entre o sujeito e o objeto é permeado por uma teia de sonhos. Sim, talvez a palavra “sonho” possa ser considerada o termo ideal para descrever e identificar um trabalho de Mestrado e de Doutorado. O sonho, segundo o pequeno dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, possui diversos significados: seqüência de fenômenos psíquicos como imagens e representações; aquilo com que se sonha; seqüência de pensamentos, de idéias vagas; desejo veemente, aspiração. Diante destas diversas acepções, optei pela última aqui apresentada, expressando-se o sonho como um sentimento de aspiração. Este desejo de evoluir, de crescer pessoalmente, como profissional, como ser humano induziu-me a caminhar novamente para a pesquisa científica, possibilitando a eventualidade de retorno à vida acadêmica. Esta decisão foi assumida há três anos quando percebi que, necessitava ampliar meus horizontes profissionais, estabelecendo transformações em minha trajetória de vida.

Durante o final dos anos 1980 até meados da década de 1990 toda minha aspiração estava orientada para a ascensão na vida acadêmica. Nesta fase apresentava-me como professor da Universidade do Sagrado Coração, localizada também em Bauru. Trabalhos publicados e aprovação no programa de Mestrado na área de Ciência Política na Universidade Federal de São Carlos indicavam que estas perspectivas realmente se concretizariam. Entretanto, questões pessoais, muitas vezes, não controladas por nós mesmos, fizeram-me com que me afastasse do meio universitário. Na última década participei da vida política de minha cidade, candidatei-me à vereança, chefiando

posteriormente o Gabinete de uma administração municipal. Em seguida, efetivei-me como professor da rede pública estadual, acumulando também o cargo de Coordenador Educacional da Prefeitura Municipal de Agudos. Entretanto, nada compara-se ao crescimento intelectual proporcionado pela vida acadêmica. O diálogo cotidiano, entre profissionais de diversas tendências epistemológicas da ciência geográfica deixou-me boas lembranças. Enfim, decidi voltar ao circuito universitário, tentando realizar uma Pós-Graduação. Durante alguns meses frequentei várias seleções. Após algumas tentativas, fui aprovado para o programa de Mestrado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Durante os últimos meses, me esmerei na construção de um trabalho digno da instituição e da própria cidade que escolhi como tema: Bauru em uma fase não considerada por nenhuma pesquisa anterior. A primeira versão do projeto sobre o populismo bauruense já definia a paisagem como elemento preponderante. Entretanto, havia uma variação: a pesquisa estaria baseada na análise de políticas públicas, diferenciadas entre administrações ademaristas e janistas. Este posicionamento necessitaria da inclusão de opções políticas, expressas na produção de obras públicas. A pesquisa estaria alicerçada na comparação entre elas. Infelizmente, a Prefeitura Municipal de Bauru não possui arquivos, que resguardem a memória administrativa do órgão público em questão. Não há dados orçamentários, expedições de “empenhos” e contratos do período. Circunstâncias típicas do Brasil, em relação à preservação de nosso passado. Em consequência, considerei uma nova metodologia, analisando a relação entre o populismo e as paisagens urbanas, construídas na fase hegemônica deste movimento político em Bauru. Acredito que tenha me aproximado deste objetivo.

Ao finalizar essa apresentação, uma referência a meu orientador Prof. Dr. Gustavo de Oliveira Coelho de Souza é necessária. Sua aposta no projeto, desde seus primeiros momentos, foi primordial para sua concretização. Desta forma, espero que tanto esta apresentação, quanto a própria dissertação estejam a contento. Ao desculpar-me pela emoção, transparente em muitos trechos, fico na expectativa, de que possa este trabalho direcionar-me a novos horizontes, produzindo frutos, conduzindo-me ao prosseguimento desta trajetória, encaminhando-me a um futuro Doutorado. Por fim, acredito que o trabalho valeu a pena. O sonho parece que transfigurou-se em realidade...

## AGRADECIMENTOS.

Recompôr horizontes, reproduzindo caminhos que deveriam ter sido trilhados, possibilitando transformações em uma existência, é tarefa complexa. Nos últimos três anos, esta remontagem de vida foi se constituindo gradualmente, peça por peça, circunstância por circunstância. Finalmente, consegui após uma série de avanços e recuos, iniciar estas mudanças. A muitas pessoas sou agradecido, sem elas tenho certeza de que não teria conseguido atingir minha meta síntese, constituída pela apresentação de uma óptica geográfica sobre o período populista em Bauru. Entretanto, acima de tudo, agradeço a força ofertada por Deus, durante todos estes anos. A fé, que um dia resguardou-se, demonstrou-se novamente após um longo período de dificuldades...

Ao nível das relações familiares, estou em débito com pessoas muito queridas. À minha esposa Carla Cristina, incentivando-me inquestionavelmente, apoiando-me sempre. Aos meus filhos, Luis Geraldo, Júlia, Lorena e Giovana, que ao compreenderem minha ausência em vários momentos de suas vidas, possibilitaram a concretização harmônica deste trabalho. A meus pais, José e Alice que invariavelmente, propuseram-me a auxiliarme de diversas formas. A todos minha gratidão. Estes foram os alicerces espirituais desta pesquisa.

Na esfera das amizades, também sou devedor. Muitos amigos incentivaram-me, dirigindo-me palavras de apoio e consideração. A minha amiga Benê, colega de trabalho, quase uma irmã, um agradecimento especial: seu estímulo foi decisivo nos momentos iniciais, quando decidi realizar uma Pós-Graduação. Muitos me ajudaram em questões econômicas, emprestando-me um dinheiro ali, outro acolá. Estudar em São Paulo, viajando duas vezes por semana, requer uma disponibilidade financeira expressiva, que

evidentemente, não é o meu caso, como não é da maioria dos professores do país. Agradeço aos amigos Dárcio, Paulo, Antonio Emílio e Marco Antonio. O companheirismo e a confiança em minha pessoa tornaram este projeto viável. Paralelamente, é necessário novamente frisar não somente o apoio moral, mas também material de meus pais, minha sogra Maria Lúcia e de meus tios Júlio e Maraíza com o objetivo de finalizar minhas idas a PUC. A meus amigos e familiares um abraço agradecido.

No interior do programa de Pós-Graduação construí grandes amizades, através de diálogos fecundos com meus colegas e professores. Em relação ao corpo docente gostaria de agradecer a simpatia e o respeito com que me trataram. Aos professores Marísia, Carlos Alberto, Douglas e Gustavo por compreenderem minha situação pessoal e a distância de minha cidade, da capital paulista. Ao mesmo tempo, desejo também agradecer ao coordenador do programa de Geografia, professor Marcos Bernardino de Carvalho que possibilitou a liberação da bolsa Capes para a concretização da matrícula. Sem este ato, dificilmente poderia eu estar aqui hoje, agradecendo a todos. Ao meu orientador Professor Gustavo de Oliveira Coelho de Souza, meus agradecimentos pela gentileza e disponibilidade com que se reportou a mim durante este período, bem como a facilidade com que abordou as diversas etapas metodológicas da realização desta pesquisa. A liberdade proporcionada por sua orientação segura e concomitantemente flexível, foi essencial para a dinamização dos trabalhos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, inúmeras pessoas auxiliaram-me. Ao senhor Gabriel Ruiz Pelegrina, célebre memorialista bauruense, meus agradecimentos por ceder-me importante material iconográfico e jornalístico do Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região, bem como, ao conceder-me depoimentos que considero essenciais na confecção final da dissertação. Ao senhor Irineu Azevedo Bastos,

brilhante historiador de Bauru, meus reconhecimentos pela disponibilidade no tocante ao diálogo sobre as características do populismo nesta cidade. Ao senhor Marco Aurélio Pinheiro Brisolla, advogado e professor minha gratidão pela verdadeira aula sobre o populismo bauruense, demonstrando um expressivo conhecimento do período. A Célio Losnak, também pesquisador de Bauru, agradecido pela indicação de algumas fontes e por discutir alguns critérios de direcionamento da pesquisa. Ao DAE – Departamento de Água e Esgoto de Bauru, na figura de seu presidente José Clemente Resende, meus agradecimentos pela cessão de cópias do Plano Diretor de 1996, bem como de plantas de Bauru, demonstrando sua evolução urbana. À Secretaria de Planejamento – SEPLAN, na figura da arquiteta Maria Helena Riginato pelo atendimento oferecido e pela disponibilidade em facilitar-me o acesso à documentação solicitada.

Um último agradecimento: ao bauruense anônimo que auxiliou-me na construção da pesquisa. Sua capacidade em encarar com dignidade as adversidades, recebendo com hospitalidade as mais diversas nacionalidades e brasileiros de todas as origens, apresentou-se como um símbolo desta cidade. A toda esta coletividade envolvida, minha gratidão por permitir, por alguns meses, a participação em sua rotina de vida, em seu cotidiano. Ao observar a força coletiva emanada por esta comunidade, passo a acreditar cada vez mais na possibilidade de Bauru encontrar novos caminhos. Este é a aspiração deste professor, que agora apresenta o resultado de seu trabalho.

*José Carlos Rocha.*

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

*Janeiro de 2008.*



***Foto 01 - Pátio central da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Bauru – 1959.***

***Fonte: [http://br.geocities.com/estradaferro\\_noroeste\\_do\\_brasil/](http://br.geocities.com/estradaferro_noroeste_do_brasil/)***

***Acessado em 12 de janeiro de 2007.***

*“Criança, criança! Basta! Como fustigados por espíritos invisíveis, os cavalos solares do tempo arrebataam consigo o carro leve do nosso destino, e nada mais nos resta senão segurar firme as rédeas, com toda a nossa bravura, todo nosso sangue frio, e desviar as rédeas ora para a direita, ora para a esquerda, aqui de um pedra, ali de um precipício. Para onde vamos... quem o sabe? Mas nos lembramos de onde viemos”...*

*Goethe, Memórias, “Poesia e verdade.”.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

A cidade de Agudos, universo cultural onde estou inserido desde a juventude, destaca-se como elemento marcante em minhas lembranças de vida. Distanciando-se quinze quilômetros de Bauru, objeto de pesquisa desta dissertação de Mestrado, apresenta-se acoplada à realidade econômica, social e política deste pólo regional. A presença ativa de Bauru, sede da 7ª Região Administrativa do Estado de São Paulo, no cotidiano de seus moradores, no qual me incluo, determinou a produção de identidades e comportamentos típicos de uma relação centro-periferia. Tornaram-se comunidades irmãs, a partir de um contexto inicial espaço-temporal único: a expansão cafeeira que atingiu o oeste paulista, em finais do século XIX. (1)

Como cidades próximas, localizam-se no centro-oeste paulista, Agudos e Bauru apresentam identidades sociais, culturais e políticas semelhantes. Desenvolveram seu espaço urbano através do estabelecimento do migrante mineiro, na segunda metade do século XIX, das ferrovias e da imigração européia, estas já adentrando o século XX. Entretanto, a fixação do ponto inicial da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil separou os destinos destas duas cidades. Bauru integrou-se à economia de serviços, voltada para a expansão ferroviária e comercial, permanecendo sua co-irmã produtora agrícola e posteriormente industrial. Bauru tornou-se centro regional, eclipsando Agudos através de sua expansão econômica e política. Como reflexo, a antiga “*São Paulo dos Agudos*” passou também a conviver proximamente com a vida da “*Sem limites*”. Uma grande parte da população agudense trabalha no centro regional, utiliza-se de seu comércio, de sua

---

1 ROCHA, José Carlos. *A urbanização da cidade de Agudos sob a lógica da acumulação*. Bauru: USC, Caderno de divulgação cultural 26, 1988, p. 11 – 17.

assistência médica, de suas áreas de lazer e entretenimentos. Sua vida passa a integrar-se à Rua Batista de Carvalho, à Rua 1º de Agosto, à Avenida Rodrigues Alves, à Avenida Duque de Caixas, à Avenida Nações Unidas, à Avenida Getúlio Vargas, ao Hospital de Base, à Universidade do Sagrado Coração, à UNESP, à Instituição Toledo de Ensino. Enfim, relacionando-se diariamente com os aspectos urbanos marcantes desta comunidade. Neste ambiente cresci, ouvindo histórias sobre Bauru e os bauruenses ...



**Mapa 01 – Localização de Bauru no estado de São Paulo.**  
**Fonte: <http://www.guianet.com.br>. Acessado em 27 de março de 2007.**

O relato e a análise da vida política de um célebre prefeito da “*Capital da terra branca*”, que alcançou também uma grande popularidade regional, atingiram-me quando menino e adolescente. De tempos em tempos, ouvi relatos de meu pai e de muitos contemporâneos seus, sobre as arrojadas atitudes do empreendedor prefeito, que tirou a cidade de Bauru do torpor e da letargia dos primeiros tempos após a Segunda Guerra Mundial: Nicola Avallone Júnior, reconhecido por toda a região como “*Nicolinha*”, governou Bauru entre os anos de 1956 a 1959 e posteriormente por três eleições consecutivas, foi eleito deputado estadual. A atuação de Avallone Júnior como ator político, transformando a paisagem urbana de sua cidade, constituiu-se na grande razão motora inicial desta pesquisa, que agora se apresenta como uma dissertação de Mestrado.

Paralelamente, seu enigmático e provocador relacionamento político com Jânio Quadros e sua atuação como um dos maiores políticos populistas da história de Bauru, tornaram este trabalho, para quem agora se apresenta e o introduz, sedutor e gratificante. A discussão sobre o envolvente fenômeno Nicola Avallone Júnior, conduziu esta pesquisa por outros caminhos. Estendi o trabalho, apresentando e discutindo todo o período populista de Bauru, compreendido entre 1948 e 1968. Nesta época, os populismos ademarista e janista possuíam a hegemonia política das cidades paulistas. Portanto, a ampliação temática da pesquisa possibilitou-me a produção de uma nova problemática, mais abrangente que a idéia original. Diferenciações ideológicas e visões de mundo antagônicas oriundas dos grupos ademarista e janista em Bauru, refletiram-se na construção de paisagens urbanas próprias, individuais e visualmente diferenciadas. Vislumbrando-se através da análise das paisagens construídas, a ação do poder populista e sua caracterização: disputas pelo poder, vitórias, derrotas, atuações e estratégias administrativas.

A idéia e a disposição em escrever sobre o populismo, já eram bastante antigas, percorrendo minha mente durante muito tempo. Em 1991 apresentei a Universidade Federal de São Carlos, em um processo de seleção para o programa de Mestrado em Sociologia Política, um projeto de pesquisa sobre o janismo em Bauru. O projeto foi aceito, bem como fui aprovado na seleção. Naquela época, trabalhava como professor de Geografia do Brasil e Metodologia das Ciências na Universidade do Sagrado Coração em Bauru. Devido a alguns problemas pessoais, o Mestrado não foi finalizado e o projeto adiado por



***Foto 02 – Visão panorâmica da área central de Bauru. Destacam-se a Praça Rui Barbosa, ao centro do lado inferior e a estação da “Estrada de Ferro Noroeste do Brasil” ao fundo do lado superior direito. Década de 1950.***

***Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.***

alguns anos. A investigação atingiria somente uma porção do que hoje apresento à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, através de seu programa de Mestrado em

*Geografia*. A pesquisa atual oferece uma análise do populismo em um centro regional do interior de São Paulo e sua atuação na produção de paisagens urbanas, via reflexões sobre suas origens nacionais, suas características, sua tipologia. Analisou-se o populismo em sua orientação ademarista e janista, por intermédio de sua adequação a uma comunidade interiorana com características específicas e com universos espacial e histórico particulares.

É necessário elucidar nestas considerações iniciais, os pressupostos, as origens que nortearam esta pesquisa e as questões que evidenciaram o tratamento oferecido a esse tema. Questionamos internamente durante algum tempo, se este seria realmente um trabalho geográfico, com uma geograficidade definida e inquestionável. Esta produção atenderia aos requisitos mínimos da Ciência Geográfica? Questões pertinentes, sem dúvida alguma! Reporto-me às aulas da disciplina “Teoria e Método”, ministrada pelo Professor Douglas Santos e sua incisiva inquietação em estabelecer esta “*geograficidade*” aos diversos e, naquele momento específico, precários projetos de pesquisa. Entretanto, a preocupação persistiu, mesmo durante a pesquisa propriamente dita, ao trabalho de campo, à leitura da bibliografia indicada e a produção do relatório final. A opção pelo populismo, tema caro à Ciência Política conduziu-me a algumas indagações. Para que estas possíveis ambivalências se dissipassem, busquei um referencial teórico que pudesse alicerçar-me na construção de um produto, que atendesse as reais expectativas da pesquisa: a análise de um fenômeno político e seu reflexo na paisagem urbana. Para tanto, apresento texto de Milton Santos (1994), que possui uma grande preocupação em inserir a paisagem, uma das questões-chave deste trabalho, como categoria geográfica essencial na atualidade:

...”A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é

uma herança de muitos diferentes momentos. Daí a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. A cidade é uma heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado”... (2)

Neste contexto, Santos op. cit., identificou a importância da paisagem como elemento catalizador das transformações urbanas realizadas em tempos diferentes, constituindo-se em um legado de vários passados. Caminhando a partir deste pressuposto, Andrade (1998) apresenta as formas de organização do espaço como resultado de sua transformação. Em consequência, analisa o populismo como fenômeno que exige um intenso trabalho de interdisciplinaridade, principalmente no tocante a sua influência no contexto espacial:

...”A organização do espaço e os reflexos das estruturas sociais nas formas que a mesma apresenta também é de grande complexidade e a sua reflexão contraria os tradicionais padrões de conhecimento geográfico. O estudioso que se propõe a refletir sobre o relacionamento entre o populismo e as formas de organização do espaço, se vê obrigado, quando procura encarar a problemática em sua totalidade, a manejar com categorias científicas as mais diversificadas. Necessita refletir, levando em conta que o espaço nunca está organizado de forma definitiva, que ele ao contrário, é profundamente dinâmico e vai se modificando dialeticamente de forma permanente”... (3)

A construção da pesquisa obedeceu a alguns critérios específicos, vinculados a uma metodologia de trabalho definida pela junção de algumas categorias e conceitos, construídos por outras Ciências Sociais. O populismo trabalhado como condicionante da paisagem urbana, requer um aprofundamento metodológico no qual extrapola o

---

2 SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 66.

3 ANDRADE, Manoel Côrrea de. *Caminhos e descaminhos da Geografia*. São Paulo: Papirus, 1998, p. 35.

conhecimento geográfico. Sendo assim, optei pelo aprofundamento do conceito de populismo, visto por diferentes autores: Jorge Ferreira (2001), Francisco Weffort (1980), Michael Conniff (2005), Octávio Ianni (1989), Gino Germani (2001), Celso Frederico (2001). A maioria constitui-se de sociólogos, sendo que Conniff apresenta-se como historiador. Através da análise destes conceitos, conclui uma proposta de definição estrutural de populismo, que atendeu aos requisitos da pesquisa. Verifica-se que a proposição de Michael Conniff estabeleceu padrões coerentes que satisfazem às perspectivas do trabalho. Segundo o autor, o populismo brasileiro nasceu no final dos anos 1920, estruturou-se durante a década de 1930, estabelecendo como seu grande expoente: a figura do político carioca Pedro Ernesto, prefeito do Rio de Janeiro durante parte do primeiro governo Vargas. Neste período, Ernesto direcionou o fenômeno populista como um movimento político, que visava a integração das emergentes massas populacionais a uma nova sociedade urbana, em efervescência nas grandes cidades brasileiras. Para tanto, Conniff construiu o conceito de “*populismo multiclassista*”, que definiu a reorganização cidadina com enfoque prioritário às classes proletárias. Contudo, não contrariando os propósitos das elites do país. O significado de populismo utilizado por este trabalho, envereda por esta trajetória conceitual. O *capítulo I* discute a problematização levantada, define o conceito de populismo, empregando-o durante o desenvolvimento da pesquisa.

Naquele período, o populismo não possuía o mesmo significado da atualidade. Jorge Ferreira op. cit., trabalha suas concepções originais, expressando-se da seguinte maneira:

...”Portanto, naquela época, ser um líder populista, tanto para os trabalhistas, como para seus adversários, não descrevia um político que utilizava como recursos a manipulação, a demagogia e a mentira. A palavra tinha outro sentido do atual – talvez o oposto. A expressão, embora pouco utilizada, pode ser traduzida, na linguagem de nossos dias, no que chamamos de líder popular, de alguém que representa, autenticamente, os anseios políticos populares ou dos movimentos populares. Se hoje, pelo menos na sensibilidade política das

esquerdas, ser um líder popular é algo elogioso, nos anos 50 e início dos 60, de maneira singular, surgia como meritório definir alguém como líder populista”... (4)

*O capítulo II* exprime a necessidade de discutir os grandes expoentes do populismo em São Paulo: Adhemar Pereira de Barros e Jânio da Silva Quadros, através do relato e da



**Foto 03 – Foto de satélite da área urbana de Bauru. Fonte:**  
**[http://209.15.138.224/brazil\\_mapas/s\\_Sao\\_Paulo\\_brazil.htm](http://209.15.138.224/brazil_mapas/s_Sao_Paulo_brazil.htm), Acesso realizado em 24 de março de 2007.**

4 FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001, p.116.

análise de suas vidas políticas no período especificado. A importância deste tópico para o tema central da pesquisa, demonstra-se na definição das características ideológicas de seus realizadores e de sua transposição para os atores políticos de Bauru. A construção do janismo e do ademarismo bauruense obedeceu aos mesmos critérios do pensamento de seus criadores originais? Ocorreram transformações associadas a aspectos diferenciados de Bauru? O pensamento modelar de Adhemar e de Jânio, refletidos em seus líderes produziram paisagens urbanas peculiares? Estas foram questões que se apresentaram, sendo respondidas durante o desenvolvimento da pesquisa. O instrumental bibliográfico foi composto dos seguintes autores: Kwak (2006), que discutiu a vida de Jânio e de Adhemar, relacionando-os e comparando-os por intermédio de suas trajetórias políticas, enfatizando os momentos de aproximação histórica; Sampaio (1982) apresenta a vida política de Barros, enfatizando sua máquina partidária: o PSP – Partido Social Progressista; Duarte (2002) produziu sua tese de Doutorado em História Social pela UNICAMP, analisando o ademarismo e o janismo no bairro paulistano da Mooca, concluindo que o predomínio político destes movimentos populistas, impediu o desenvolvimento de partidos vinculados às lutas sociais; Francisco Weffort *op. cit.*, em sua arquitetura clássica sobre o tema “O populismo na política brasileira”, estabelece as bases sociais destes fenômenos populistas em São Paulo; Arnt (2006) produz uma bibliografia de Jânio Quadros, com imparcialidade, desde os primeiros tempos como vereador até seu falecimento em 1991; Benevides (1982) em sua obra: “O governo Jânio Quadros” reconstrói criticamente este período, fixando a figura de Jânio como político conservador e manipulador das massas urbanas.

A metodologia que possibilitou determinada leitura da realidade, caracterizada pelo diálogo permanente entre o autor e o objeto, foi produto de uma série de reflexões e inquietações que nortearam a produção do projeto de pesquisa. A partir da opção definitiva,

o método proposto direcionou o referencial bibliográfico, o próprio trabalho de campo e a confecção do relatório final. Trabalhando as características do método e apresentando conceituação e tipologia próprias, Sposito (2003) identifica seu relacionamento com a produção científica da Geografia:

...”Consideramos entretanto que, diferentemente de alguns autores já citados, os métodos são os seguintes: hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico, porque eles contêm as características de um método científico, como leis e categorias, e estão, historicamente, relacionados a procedimentos específicos e teorias, disseminados pela comunidade científica”... (5)

O método dialético, por não possibilitar nenhuma relação de soberania entre o sujeito e o objeto, passou a realizar uma determinada leitura da realidade. Por seu intermédio, observa-se antíteses e teses em constante movimento. (6) A partir desta configuração conduzi a pesquisa, dentro de parâmetros que se apresentaram adequados a sua objetivação. Através do *método dialético*, a investigação científica sobre o populismo e seus reflexos na paisagem urbana de Bauru, auferiu um panorama que identificou um processo, o relacionar constante das idéias, a ideologia política com a concretude material. Desta forma, a hipótese construiu-se dentro de um método específico, que analisou uma realidade singular. A fase ademarista, definida entre os anos de 1948 a 1955, é considerada a *tese* original, expressa politicamente pelos governos Octávio Pinheiro Brisolla e Nuno de Assis. Conjuntamente, uma paisagem urbana específica é construída. Sua *antítese*, o período janista coordenou-se através do governo *Avallone Júnior*, entre 1956 e 1959,

---

5 SPOSITO, Eliseu Savério. *Contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 29.

6 *Ibid.*, p. 46.

com uma organização espacial diferenciada. A *síntese* surgiu com a administração *Irineu Bastos*, em conjunto com o segundo governo de *Nuno de Assis*, dispostos entre 1960 e 1968, compostos simultaneamente de elementos ademaristas e janistas, delimitando o término do período populista em Bauru.

A paisagem é amplamente discutida por Milton Santos op. cit e pelo filósofo Besse (2006) que a trabalharam como a marca da atuação do homem sobre o espaço, através dos tempos. A paisagem constitui-se uma escrita, produzida por um conjunto de códigos, necessitando ser lida e interpretada. É a percepção através dos sentidos. Dardel apud Besse possibilita a expressão destas tendências através da Fenomenologia, determinando a paisagem como aparência, não como essência do fenômeno.

Os aspectos referentes à evolução urbana estendendo-se até o final do populismo, serão apresentados no *Capítulo III*. As técnicas utilizadas serão baseadas na apresentação de mapeamento urbano, desde meados do século XIX, passando pela formação da municipalidade em 1896, até o final da década de 1960, período aproximado de término do populismo. As bases cartográficas foram extraídas dos Planos Diretores de 1967 e 1996, bem como de cartas topográficas da biblioteca virtual do IBGE. A descrição do crescimento de Bauru obedeceu ao trabalho de sistematização dos respectivos Planos Diretores. Os vetores de desenvolvimento urbano estão dispostos em plantas com escalas 1:10.0000, cedidos pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru e pelo DAE – Departamento de Água e Esgoto. A pesquisa de Pelegrina et Zanlochi (1991) caracterizou a evolução urbana bauruense até meados da década de 1920, enfatizando o período da instalação das ferrovias e seus reflexos sobre o desenvolvimento citadino. Constantino et Reginato (s/d) trabalharam a questão do estabelecimento inicial da “urbis” bauruense, destacando a transformação da Fazenda Flores, em patrimônio no final do século XIX.

Bastos (2002) apresentou Vila Falcão como o primeiro bairro de Bauru, evidenciando sua importância para a evolução urbana da “*capital da terra branca*”. Losnak (2004) produziu obra de interesse capital para a história bauruense, analisando a edificação de seu significado como comunidade, através de uma série de representações que foram paulatinamente produzidas ao longo de sua história. O autor trouxe como instrumental histórico, a releitura da mídia impressa, analisando-a desde os primeiros tempos de Bauru até os anos 1980, definindo os jornais como co-responsáveis pela identidade atual desta cidade. A descrição do sertão paulista e a análise da expansão cafeeira no século XIX são trabalhadas por Monbeig (1998), autor utilizado como elemento marcante na discussão da gênese desta comunidade.

O instrumental metodológico caracterizou-se pelo emprego da dialética, que possibilitou a construção da estrutural central da pesquisa, determinando sua hipótese central. As técnicas de pesquisa compreenderam acesso ao material jornalístico e iconográfico do período e entrevistas com personalidades que presenciaram a vida política de Bauru entre 1948 e 1968. Os jornais “Diários de Bauru”, “Correio da Noroeste” e “Folha do Povo” foram consultados na tentativa de recompor uma época, reconstituir parâmetros políticos, reproduzir vidas que se perderam com o tempo, enfim dialogar com o período que deu origem a Bauru moderna. Entretanto, o semanário “A Verdade” foi o único meio de comunicação que apresentou uma vertente diferenciada na análise da vida político-administrativa de Avallone Júnior. Portanto, “A Verdade” foi a base da reconstituição do urbanismo e sua inserção na paisagem urbana bauruense. O levantamento dos loteamentos produzidos na administração Avallone Júnior, foi realizado nos dois Cartórios de Registro de Imóveis da Comarca de Bauru. Sua função para a pesquisa constituiu-se como elemento

de análise da expansão urbana da fase populista janista, especificando seus reflexos para os dias atuais.

Em relação às entrevistas, as dificuldades foram muitas. A maioria dos personagens do período já faleceu, ou não possuía capacidade física e mental para serem entrevistados. “Nicolinha” era o único prefeito ainda vivo em 2007, contava com oitenta e sete anos. Entretanto, já estava debilitado e não se apresentava em condições de dialogar. O antigo deputado federal e ex - Chefe de Gabinete de Jânio Quadros durante a primeira administração frente ao Executivo paulistano, Luiz Francisco da Silva, muito ligado a Bauru, com quase noventa anos, estava fisicamente fragilizado. Diversas tentativas foram realizadas com o objetivo de entrevistá-lo, todas foram mal sucedidas. As lacunas foram preenchidas por vários depoimentos de bauruenses, que viveram aquela época. Gabriel Ruiz Pelegrina cedeu-me vários. Com idade avançada, também com oitenta e sete anos, o memorialista bauruense, diretor do “Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região” apresentou um quadro grandioso das disputas políticas entre ademaristas e janistas durante os anos 1950 e a década de 1960. Paralelamente, sua atenção em oferecer apoio ao acesso à documentação do Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica, foi expressiva. Irineu Azevedo Bastos, historiador bauruense, filho do ex-prefeito Irineu Bastos, uma das “chaves” que explicam a fase populista através da dialeticidade, foi entrevistado em vários momentos, auxiliando-me a reconstruir o quadro de disputa entre ademaristas e janistas, sugerindo respostas às várias indagações... Muricy Domingues, Professor Doutor aposentado da área de Geografia e antigo chefe de Gabinete da Reitoria da Universidade do Sagrado Coração, apresentou-me um Bauru agitado na década de 1950, enfatizando a importância das ferrovias em sua evolução urbana. Também constituiu-se em um dos primeiros a alertar-me, para as diferenças de pensamento do janismo e do

ademarismo, adaptados a realidade desta cidade. Outro depoimento exemplar foi-me cedido por Nilson Ferreira Costa, ex-vereador no período populista pela UDN, ex-deputado estadual cassado pela Revolução de 1964 e ex-prefeito de Bauru do final dos anos 1990 ao ano de 2004. Sua entrevista foi de capital importância para que se possa compreender a administração Avallone Júnior, pois foi líder de oposição na Câmara Municipal, durante seu governo e idealizador do semanário “A Verdade”. Paulo Pereira Rangel, também vereador pela antiga UDN, opositor de Avallone Júnior reafirmou o depoimento de Nilson Costa, caracterizando detalhes da postura político-administrativa do ex-prefeito. Entretanto, a melhor entrevista realizada durante a pesquisa foi cedida por Marco Aurélio Pinheiro Brisolla, filho do ex-prefeito ademarista Octávio Pinheiro Brisolla e ex-vereador por dois mandatos. “Brisollinha”, codinome carinhosamente reconhecido pelos bauruenses, é advogado e ex-professor. Possuidor de uma cultura raramente encontrada, Marco Aurélio concedeu-me o depoimento na Câmara Municipal. Surpreendeu-me, apesar da idade, já adentrava os setenta anos, o vigor, a memória e o desembaraço com que relatou a vida de seu pai, seu amor por Bauru, as características do ademarismo, do janismo bauruense e do populismo de maneira geral. Alertou-me para a singularidade de sua cidade. Na “*Sem limites*”, as crises econômicas mundiais e nacionais nunca continham o ímpeto de suas regiões de origem. As ferrovias com sua intensa movimentação de capitais e de pessoas refletindo na atividade comercial, impediam a progressão do desemprego, da miséria e das adversidades de maneira geral. Durante o transcorrer de sua entrevista, Marco Aurélio demonstrou grande conhecimento dos anos populistas, pois viveu com seu pai, as glórias e as derrotas sofridas naqueles tempos. Suas palavras demonstraram o grande cidadão e o grande homem público que caracterizou a figura de Octávio Pinheiro Brisolla. Muitos bauruenses poderão discordar de seu posicionamento. Entretanto, sua análise produzida

sobre o homem e o político Nicola Avallone Júnior, ferrenho adversário de seu pai, demonstrou a qualidade e a firmeza de sua crítica e de seu caráter. Ao referir-se a Nicolinha, Marco Aurélio não demonstrou mágoas, pelo contrário solicitou-me que o abstinhasse de qualquer apreciação sobre o ex-prefeito. Circunstância que indicou imparcialidade e respeito pela figura de Avallone Júnior, referindo-se a ele como grande personalidade política do passado bauruense.

O material iconográfico sobre a paisagem urbana de Bauru, construída pelas administrações populistas, base contextual da pesquisa, foi consequência de investigação produzida em vários estabelecimentos públicos e privados. Além da consulta ao Núcleo de Pesquisa e Documentação e Histórica de Bauru e Região, obtive acesso ao material jornalístico do Museu Histórico Municipal e das seguintes instituições: Associação Hospitalar de Bauru, Faculdade de Odontologia – USP, Câmara Municipal, Departamento de Água e Esgoto – DAE, Secretaria de Planejamento e TV TEM – associada à Rede Globo de televisão. As dificuldades encontradas constituíram-se da ausência de material documental do período, configurando-se na confirmação clássica de que o poder público no Brasil, em suas diversas esferas de poder, não preserva adequadamente sua memória. Um número expressivo de fotografias foi cedido por Gabriel Ruiz Pelegrina, Nilson Ferreira da Costa, Irineu Azevedo Bastos, Giro Ishicava, ex-vereador pessedista e Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.

O referencial bibliográfico que deu sustentação ao diálogo com o populismo reportou-se, além das entrevistas já comentadas, a um conjunto de autores que trabalharam o período indicado e seus pressupostos metodológicos. Kerbauy (1979) demonstrou a problemática da metamorfose entre o coronelismo da República Velha e o populismo, personificado como consequência do Estado Novo e posteriormente da República Liberal,

implantada em 1946. Em outra obra de sua autoria, Kerbauy (2003) analisa a formação do clientelismo de estado, caracterizado também nesta fase. Losnak trabalha a apresentação de dados populacionais de Bauru no período populista, confirmando as altas taxas de urbanização do município, diferenciando-o das demais cidades da região.

Ao comentar a formação do clientelismo político, Bahia (2003) apresenta um trabalho que visa esclarecer as características deste fenômeno sociológico, um dos aspectos marcantes do movimento populista. Analisando a vida política do ex-prefeito Octávio Pinheiro Brisolla, Bastos op. cit., afirma sua importância no quadro analisado por esta pesquisa. Kwak op. cit., determina as razões do envolvimento de Nicola Avallone Júnior com o antigo PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. Definindo políticas públicas como resultado do posicionamento ideológico dos mandatários, a obra de Marques (2003) é empregada nesta pesquisa como suporte básico para relacionar populismo e paisagem urbana. Dias (1993) proporciona um depoimento de Nicola Avallone Júnior sobre sua trajetória política, confirmando suas características desenvolvimentistas e suas defesas perante as possíveis irregularidades de sua administração. Mello (2002) destaca um conjunto de relatos da vida política de Nicola Avallone Júnior, produzidos através da vida da cafetina bauruense “Eny”. Caldeira (1984) apresenta a história do Rádio em Bauru, suporte para visualizar suas influências sobre a televisão bauruense. Boteon (1995) discute a formação da TV Bauru e seu processo de implantação. Trabalhando a relação de Avallone Júnior com a expansão urbana, Losnak, op. cit., apresenta uma descrição da atuação do então prefeito na constituição de novos loteamentos nos anos 1950, avaliando suas conseqüências para a ocupação humana e a construção da paisagem bauruense.

Ao discutirmos sumariamente os pressupostos que nortearam a produção desta pesquisa, durante essa breve introdução, é necessário também sublinhar as dificuldades em

construí-la. Trabalhar um conceito político, o populismo e empregá-lo como instrumento central na análise de um fenômeno geográfico, a paisagem urbana, é tarefa complexa. Demandou um diálogo constante entre a Ciência Política e a Geografia. Acredito que, a interdisciplinaridade resultante desta pesquisa, possa ser avaliada concretamente, constituindo-se em um de seus elementos mais atraentes. A leitura das próximas páginas poderá proporcionar, a verificação concreta desta afirmativa.

## *Parte I.*

# *O populismo.*

*...”Não havia diferenças ideológicas entre janistas e ademaristas em Bauru... Todos fomos atrás de ilusões políticas, de Mussolini, de Hitler, de Getúlio, de Adhemar, de Jânio... Fomos todos atrás daqueles que diziam: ‘ Venham comigo porque quero que vocês parem de sofrer, que o seu sofrimento seja o meu sofrimento! Venham comigo por que eu sou contra os erros que existem aqui, contra a opressão que vocês estão sofrendo... Venham comigo pois apesar de não lhes poder dar o paraíso, lhes darei justiça!’ Na raiz do populismo de todas as matizes esta consolidada somente a disputa pelo poder, pois o poder é o único capaz de garantir ao homem que ele não será atingido, que ele não será injustiçado, que ele será perdoado!”.*

*Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.*

## CAPÍTULO I

### A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CONCEITO DE POPULISMO NO BRASIL.

...”Compreender o populismo é essencial para quem estuda a política brasileira moderna, embora os estudiosos não tenham chegado a um consenso sobre a questão. Em geral, concordam que o populismo abrange uma massa eleitoral urbana, liderança carismática e o equilíbrio de diversos interesses na arena política. Entretanto, além dessa simples convergência, eles têm formulado as interpretações mais diversas do populismo. Para alguns, o termo significa uma manipulação oportunista de leitores que haviam recém-adquirido o direito de votar. Para outros, é primordialmente um mecanismo de controle social para o refreamento dos trabalhadores braçais urbanos. Outros, ainda o consideram um instrumento pelo qual os elementos mais novos de uma elite dirigente arrebatarem influência política dos elementos mais velhos. E outro grupo de estudiosos considera o populismo uma adaptação imperfeita dos procedimentos democráticos ocidentais nos países recém-industrializados do Terceiro Mundo”... (1)

O populismo constituiu-se como um movimento político hegemônico no Brasil, entre 1945 e 1964. Respectivamente no período estabelecido entre a redemocratização, após o final do Estado Novo e o Golpe-Militar de 1964. Suas origens remontam ao final da República Velha, nos anos 1920 e a primeira fase da Era Vargas, entre 1930 e 1945. Analisar o populismo brasileiro é destacar as profundas transformações estruturais que foram efetivadas no Brasil, durante este período. O historiador Conniff (2006) enfatiza a metodologia utilizada, na análise do nascimento do fenômeno populista no Rio de Janeiro, nas décadas de 1920 e 1930:

...”Mas volto a destacar que tentei refrear meus julgamentos e ‘entrar’ na política populista como um antropólogo estrutural o faria, compreendendo e reconstruindo a política em seus próprios termos, prestando especial atenção às manifestações históricas”... (2)

Segundo o historiador Conniff op. cit., o estruturalismo é a metodologia adequada para a construção do histórico de formação do populismo. Partindo desta proposta, o autor

---

1 CONNIFF, Michael. *Política urbana no Brasil. A ascensão do populismo. 1925-1945*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005, p. 15.

2 Ibid., p. 16.

apresenta, antecipadamente ao leitor suas preferências políticas: governo representativo, ampla discussão das decisões sociais e o maior bem para o maior número de pessoas. Considera-se oportuno este esclarecimento, pois ocasionalmente as preferências pessoais do pesquisador, posicionamentos ideológicos e história de vida tornam-se condicionantes da pesquisa. É importante, portanto que as preferências ideológicas se tornem elementos participantes e não condicionantes do trabalho do profissional. O instrumental metodológico individual, alicerçado na visão pessoal de mundo, deve ser considerado como condição necessária e não restritiva, para que se possa conduzir um trabalho técnico de qualidade e inovador.

A pesquisa de Conniff op. cit., estabeleceu-se no antigo Distrito Federal: o Rio de Janeiro, maior cidade do país no período e caixa de ressonância de toda a atividade política do Brasil. O populismo no Brasil tem seu nascedouro nesta fase. O autor descreve o populismo como força política expressiva e o coloca como o resultado de uma determinada representatividade na sociedade brasileira:

...”Encaro a política como o modo de as pessoas se organizarem para a tomada de decisões coletivas que afetam a sociedade como um todo. A maioria das sociedades faz arranjos permanentes para delegar o poder das decisões a líderes (sejam reis, presidentes, generais ou santos), provocando o surgimento da vida política. A liderança nesses termos é um fenômeno neutro que pode variar em método de eleição, liberdade de decisão, prazo de exercício, eficiência, mandato, substituição e representatividade. O populismo tem sido uma das mais disseminadas formas de política na América Latina do século XX, e a forma dominante no Brasil do final da década de 1940 até 1964”... (3)

Através deste texto, observa-se que Conniff coloca o populismo como um fenômeno político, produto de um determinado arranjo social e de uma sociedade específica.

---

3 Ibid. Ibidem.

Ressalta-se que o autor inicia sua análise, colocando-o como reflexo de um determinado modelo social, não estabelecendo uma crítica política preconceituosa. A estigmatização construída sobre o populismo, expressa atualmente pela população e por uma ampla gama de intelectuais, é reflexo de mais de duas décadas de domínio militar no país e da produção teórica da intelectualidade sobre o tema. O poder militar que se estabeleceu na República, objetivou a extinção da política populista como instrumento de representação democrática do Brasil. Gomes (2000) demonstra o preconceito que o termo populista adquiriu na memória coletiva brasileira, e suas conseqüências para a vida política do país. O efeito estigmatizador que adquiriu o político populista produziu golpes e contragolpes na política brasileira, numa tentativa da elite em assumir o poder no Brasil, durante a República populista:

...”São populistas os políticos que enganam o povo com promessas nunca cumpridas ou, pior ainda, os que articulam retórica fácil com falta de caráter em nome de interesses pessoais. É o populismo, afinal, que demonstra como ‘o povo não sabe votar’ ou, em versão mais otimista, ‘ainda não aprendeu a votar’. Daí decorre uma série de desdobramentos lamentáveis que, no limite e paradoxalmente, podem justificar a supressão do voto em nome da ‘boa política’...” (4)

Também trabalhando o conceito de populismo, encontramos Ferreira (2000) que o coloca como força política contrária aos interesses das oligarquias brasileiras, que perderam o poder em 1930. Portanto, o conceito estigmatizado, propagado por toda a sociedade brasileira é fruto da atuação consensual destas mesmas elites:

...”O populismo, portanto, surgiu primeiro como uma imagem desmerecedora e negativa do adversário político, e somente depois como uma categoria explicativa de âmbito acadêmico”... (5)

---

4 GOMES, Ângela de Castro. *O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito* in FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 21.

5 FERREIRA, Jorge, op. cit., p. 09.

A conceituação do populismo como categoria explicativa de um determinado conjunto de situações políticas, surge em meados dos anos 1950. O IBESP, Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política, composto por inúmeros intelectuais que se preocupavam em analisar as complexas realidades sociais, econômicas e políticas do Brasil, trabalhou a problemática do populismo. Constituiu-se na vanguarda teórica sobre este fenômeno político no Brasil. Segundo Ferreira op. cit., o populismo, através da metodologia do IBESP é uma política de massas, vinculado à proletarização dos trabalhadores na sociedade moderna, sendo indicativo de que tais trabalhadores não adquiriram consciência e sentimento de classe. Ao mesmo tempo ele está vinculado a uma certa conformação da classe dirigente, que perdeu sua representatividade e poder de exemplaridade, deixando de criar os valores e os estilos de vida orientadores de toda a sociedade. Conseqüentemente, esta classe dominante precisa conquistar o apoio político das massas emergentes. O populismo é seu instrumento para a concretização desta tarefa. Finalmente, a última característica baseia-se no surgimento do líder populista carismático, capaz de mobilizar as massas e empolgar o poder. (6)

Entretanto Conniff, op. cit., analisa este movimento político de forma diferenciada, apresentando novos elementos, que a nosso ver, produzem uma teorização mais adequada, munida de instrumentais teóricos modernos, pois distancia-se no tempo de sua hegemonia, durante a década de 1950:

...”O populismo foi uma política inovadora no início do século XX que tentou corrigir abusos do governo elitista e acomodar as rápidas urbanização e industrialização. Englobava todas as classes, era urbano, eleitoral, reformista, ‘popular’, não autoritário e de liderança carismática”... (7)

---

6 FERREIRA, Jorge, op. cit., p. 24-25.

7 CONNIFF, Michael, op. cit. p. 19.

Esta caracterização positiva foi produzida, devido à análise da tradição urbana eleitoral e intervencionista existente no Brasil desde a Colônia, constituindo-se dos seguintes aspectos: considerável independência em relação à autoridade superior; busca de uma sociedade holística, na medida em quem assumia responsabilidades pelo bem-estar e a prosperidade de toda a população. Reflexo da experiência administrativa do Império Português, adaptada aos três séculos de domínio colonial. No final do século XIX, líderes brasileiros tentaram alterar o caráter da estrutura urbana. As transformações legais estruturaram-se devido à necessidade de adaptação aos novos tempos produzidos pelo crescimento citadino: mudanças tecnológicas, energia elétrica, sistemas de trânsito, rede de água, esgoto e de gás, loteamentos, novas visões urbanísticas importadas da Europa, principalmente da França. Da desconexão dos dois sistemas, do colonial e do moderno, surgiu o populismo no século XX. As mudanças, verificadas por Conniff op. cit., nas cidades, foram assim apresentadas:

..."No aspecto demográfico, as cidades cresciam a índices sem precedentes devido à imigração de trabalhadores rurais e estrangeiros. As sociedades tornaram-se muito mais complexas durante o final do século XIX e início do século XX, diversificando-se ao longo de linhas ocupacionais, residenciais, étnicas e de classes. O empreendimento econômico mudou do comércio e serviços para a fabricação integrada, o tardio estabelecimento da Revolução Industrial na América Latina. Mudanças tecnológicas como energia elétrica, concreto armado, aço estrutural, água potável, sistemas de esgoto, ferrovias de massa e transporte por automóvel, assim como os telefones alteraram a vida urbana a um ponto quase além da imaginação. Crescentes concentrações de pessoas nas metrópoles também necessitavam de novas formas de controle social e acomodação das aspirações políticas da população. Assim, como os outros países latino-americanos, o Brasil experimentou essas mudanças"... (8)

A nova configuração do urbano no Brasil, predominante no Brasil do final do

---

8 CONNIFF, Michael, op. cit. p. 23.

século XIX até a década de 1920, foi uma das principais causas que geraram a ascensão populista. O descaso com a questão social, os lucros excessivos da especulação com a terra, desaguando em lucrativos contratos imobiliários na cidade, produziram um disseminado descontentamento nos cidadãos e alguns protestos dos eleitores. Ao continuar sua caracterização da formação do movimento populista, Conniff op. cit., coloca seu posicionamento sobre o tema:

...”O populismo foi um movimento político que surgiu em resposta à revolução metropolitana e contra as políticas urbanas elitistas que a acompanharam. Prometendo restaurar a sociedade holística e a autogestão abandonada no final do século XIX, o populismo defendia uma sociedade em que todas as pessoas tivessem um lugar, e na qual as classes fossem indistintas. Em vez de um competitivo sistema *laissez-faire* que podia ser explorado pelos ricos, o populismo pedia um Estado intervencionista (ou governo cidadão) que tomasse conta de todas as pessoas, regulasse as relações econômicas, promovesse o bem estar dos oprimidos e trouxesse justiça social para todos. A força do populismo vinha do fato de reviver uma tradição ainda não esquecida no folclore e na memória popular”... (9)

O populismo definiu-se como um movimento político, que respondeu às metamorfoses citadinas, do início do século XX. Surgiu como um elo entre o passado colonial com suas tradições de governos locais e os sistemas políticos contemporâneos. O populismo incentivou o processo democrático, através da luta por aperfeiçoamentos eleitorais, um sistema social ascendente e reformas, como a regularização do uso do solo urbano. No Rio de Janeiro, este fenômeno político combateu durante a década de 1920 o sistema eleitoral vigente, com o objetivo de possibilitar a emergência dos trabalhadores urbanos, a categoria de cidadãos. Possuía a característica de olhar ao mesmo tempo ‘para frente e para trás’, o passado como inspiração para o futuro. Weffort (1980), autor

---

9 CONNIFF, Michael, op. cit., p. 27

contemporâneo a Conniff op. cit., produz uma análise similar em relação à gênese da política populista:

...”Desde a crise de 1929, que desarticula o velho capitalismo agrário voltado para a exportação e desde a Revolução de 1930 que rompe a hegemonia das oligarquias rurais – a cidade vem progressivamente oferecendo as condições econômicas e políticas para a proposição do conjunto dos problemas do país. Nestas circunstâncias, as populações urbanas representariam no conjunto do povo o contingente politicamente decisivo”... (10)

A rejeição das elites brasileiras em relação ao populismo se reporta a Revolução de 1930, quando estas perdem o poder e uma nova gama de representações surge no universo sócio-econômico: industrialização, crescimento do operariado urbano, migração rural e elevação da cidade como pólo condutor das relações políticas do país. Weffort, op. cit., apresenta esta questão através da citação da revista Anhembi de 1950 que analisa a vitória de Getúlio Vargas na eleição presidencial daquele ano:

...”No dia 03 de outubro, no Rio de Janeiro, era meio milhão de miseráveis, analfabetos, mendigos famintos e andrajosos, espíritos recalçados e justamente ressentidos, indivíduos tornados pelo abandono, homens boçais, maus e vingativos que desceram os morros embalados pela cantiga da demagogia berrada de janelas e automóveis, para votar na única esperança que lhes restava: naquele que se proclamava o pai dos pobres, o messias charlatão”... (11)

Ainda na conceitualização do desprezo das elites pelo movimento populista e pelas massas que eram assim representadas, Weffort op. cit., apresenta as palavras do jornalista liberal Rubens do Amaral do jornal “O Estado de São Paulo”, datado do dia 08 de dezembro de 1945 que analisa as eleições daquela época:

...”o voto secreto transfere o suborno do indivíduo para os grupos, as classes, os sistemas de interesse. Desnecessário mencionar que esta repulsa diante da democracia de massas está uma ponta de nostalgia dos tempos ‘austeros’ da República Velha onde o suborno e a corrupção eram apenas individuais”.... (12)

---

10 WEFORT, Francisco C. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 19.

11 Ibid., p. 22.

12 Ibid. ibidem

Apesar das elites brasileiras considerarem o fenômeno populista como a representação política das massas urbanas, centralizadas no operariado, este movimento produziu interpretações diferenciadas sobre a questão de seu pertencimento e de seu relacionamento com determinadas classes sociais. Conniff op. cit., apresentou-o como reflexo de todos os estratos sociais da nova cidade surgida no final dos anos 1920 e consolidada a partir da década de 1930:

...”Por isso, os populistas afirmavam representar o ‘povo’ e buscavam recrutar eleitores em todos os estratos sociais. Os movimentos populistas eram sempre coalizões. A importância dessa abordagem multiclasse era dupla: prometia fortalecer a sociedade orgânica e permitia ao populista uma grande vantagem sobre partidos ou movimentos de base estreita. Devido a seus alvos multiclasse, o populismo desenfativava a estrutura de classes e interesses conflitantes na sociedade. Na verdade, os populistas geravam e administravam a tomada de decisão de consenso”... (13)

Por outro lado, Weffort op. cit., coloca o populismo no centro da questão da luta de classes. Utiliza a análise que Marx produziu em seu “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”, para evidenciar a formação do espírito de classe e o líder populista:

...”Assim, ela só encontrava sua unidade de classe na luta política através da submissão a um senhor, a uma chefia que lhe é imposta pelas condições da luta política que, no fundamental, se move pelos interesses de outras classes. Ela só pode aparecer, manifestar-se como classe, no momento em que aparece como massa devotada a um chefe”... (14)

A pequena burguesia surge como classe social no Brasil, quando encontra no político populista, a possibilidade de alcançar suas aspirações. Na ausência deste contato, os elementos burgueses separam-se e passam a não constituir-se como grupo social

---

13 CONNIFF, Michael, op. cit., p. 29.

14 WEFFORT, Francisco C., op. cit., 29.

específico. Este fenômeno é verificado por Weffort op. cit., quando se reporta a obra de Marx, “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”, especificando uma situação similar entre a França, no século XIX e o Brasil do século XX: os camponeses apresentando-se como uma imensa massa, não estabelecendo relações entre si, isolando-se uns dos outros. Este isolamento é ocasionado pelo seu modo de produção. Não conseguindo estabelecer uma organização política, que possibilite a conquista de direitos sociais e econômicos. A política populista assegura-lhes a possibilidade de aglutiná-los, estabelecendo seu acesso indireto ao poder. Ao contrário, Conniff op. cit., vincula o populismo a procura pela essência do verdadeiro povo. Desta forma, surge o interesse pelo pobre e pelo analfabeto, em cujas vidas simples podia existir a chave para compreender a própria natureza da sociedade metropolitana. O populismo constituiu-se em uma manifestação política dessa procura do caráter nacional e a coincidência temporal dos dois, não foi acidental.

Paralelamente, surge a presença da liderança carismática, dotada de qualidades pessoais excepcionais: integridade e coragem, moralidade, devoção ao pobre, patriotismo e proteção aos valores tradicionais. A relação baseada na autoridade carismática é de troca, na qual votos e apoio são dados ao líder em troca de recompensas neste mundo, psicológicas ou materiais. Conseqüentemente, Conniff op. cit., coloca o populismo como um fenômeno que procura integrar o pobre a uma sociedade de massa. Portanto, define-o como urbano, eleitoral e multiclasse. Sua análise sobre os primórdios deste movimento lhe é extremamente favorável. Representou uma adaptação política das massas populares, a intensa urbanização ocorrida nesta fase.

Antagonicamente, Ferreira (2001) apresenta o posicionamento de Ianni, de Germani e de Frederico sobre o populismo e sua precariedade como representante das massas populares:

...”Por um aspecto, diz Ianni, há o surgimento de populações recém-chegadas do mundo rural que ‘não dispõem ainda das condições psicossociais, ou horizonte cultural’, para um adequado comportamento urbano e democrático. Por outro, a sociedade carece de instituições políticas sólidas, a exemplo de um sistema partidário. ‘Daí o sucesso da arregimentação das massas marginais, ou classes populares, pelo populismo’. Trata-se de um descompasso, retrocesso ou desvio de curso no sentido que se queria ideal. ‘No mundo urbano-industrial’, continua Ianni em sua crítica, ‘onde imperam as relações de mercado, sobrevivem ou predominam as massas e o líder, cujos vínculos são a demagogia e o carisma’... (15)

...”A passagem de uma sociedade tradicional para uma moderna ocorreu em um rápido processo de urbanização, mobilizando, desta maneira, as massas populares. Impacientes, elas exigiram participação política e social, atropelando, com suas pressões, os canais institucionais clássicos”... (16)

...”Seja nas interpretações convencionais, teorias da modernização, seja em ensaios mais refinados como os de F.C. Weffort, o populismo é sempre visto como um desvio, uma simples deformação ideológica, uma falsificação da consciência de classe”... (17)

Os três posicionamentos direcionam-se para um determinado ponto específico: o populismo como política de massas, constituiu-se em um anacronismo para o universo político brasileiro. O ‘desvio de curso’, a ‘deformação ideológica’, a ‘falsificação da consciência de classe’, a ‘demagogia’ e o ‘carisma’ são elementos presentes nas diversas interpretações que colocam a política populista, como um empecilho para o desenvolvimento da vida institucional do país. Avaliado negativamente por ideologias extremas como o marxismo e o liberalismo, o populismo passou a ser considerado uma patologia do universo público do Brasil. Entretanto, a postura que será utilizada por esta pesquisa indica outros caminhos. O populismo será considerado um instrumento de viabilização da adaptação das massas urbanas ao crescimento citadino, a partir do final da década de 1920, estruturando-se por intermédio dos anos Vargas, entre 1930 e 1945, tendo seu ápice se estabelecido entre 1945 e 1964. A democracia representativa e os direitos

---

15 IANNI, Octávio. *O populismo na América Latina*, p. 25 – 28, *apud* Jorge Ferreira, op. cit., p. 66.

16 GERMANI, Gino. *Política e sociedade em uma época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*, *apud* Jorge Ferreira, op. cit., p. 64.

17 FREDERICO, Celso. *Consciência operária no Brasil*, p. 121, *apud* Jorge Ferreira, op. cit., p. 105

sociais dos trabalhadores foram marcas definitivas deste período.

A política populista será vista como um processo produzido por demandas específicas da cidade, a partir dos anos 1930. Weffort op. cit., esboça este panorama, com alguma similaridade, desta forma:

...”Temos aí esboçado três dos elementos básicos para a compreendermos o sentido do comportamento político-popular durante o regime populista; a pressão para ter acesso aos empregos urbanos, que exercem as massas de migrantes, a pressão no sentido de ampliação das possibilidades de consumo (realizada pelas novas massas urbanas e também pelas antigas) e a pressão que se orienta no sentido da participação política dentro dos quadros institucionais”... (18)

Desenvolvendo e consubstanciando a hipótese sobre gênese do populismo no Brasil, será utilizada a pesquisa e os resultados obtidos por Michael Conniff. Este trabalho, desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro demonstra como o movimento populista configurou-se nos estertores da República Velha. O autor visualiza os problemas produzidos na antiga capital federal, pelas transformações urbanas retratadas neste período: crescimento desordenado, aumento da pobreza pela migração incessante, investimentos públicos em áreas economicamente privilegiadas e movimentos reformistas. O populismo nasce dentro deste emaranhado de representações:

...”Apesar de a vida oferecer oportunidades maiores, muita gente se sentia descontente. A privação material atormentava os que se encontravam no fundo da escala social. Além disso, uma parte de genuína anomia era causada pelo emprego industrial, a falta de raízes da vida cidadina, o declínio das instituições tradicionais e, é claro, o abandono do próprio ideal urbano orgânico. Em reação a isso, surgiu uma quantidade de movimentos reformistas na década de 1920, cada um com seu próprio programa, mas a maioria dentro da antiga tradição holística. O objetivo deles era incorporar grupos ‘marginais’ na sociedade,

---

18 WEFFORT, Francisco C., op. cit., p. 75.

fossem eles os pobres, o privados dos direitos civis ou os analfabetos. Identificar o problema era um passo importante para a solução política, que se revelou como o populismo“... (19)

...”As perceptíveis desigualdades de renda nos anos 1920 desencadearam duas reações. Primeiro, políticos e líderes dos trabalhadores formaram uma aliança que buscava obter poder por intermédio de eleições e aliviar as disparidades de renda. Segundo, um número de grupos reformistas emergiu dos setores profissionais médios e da nova elite, cujo objetivo geral era diminuir a distância entre os ricos e os pobres. Sem essa ampla preocupação com a reforma social, o populismo não poderia ter surgido”... (20)

...”Por que a sociedade industrial não podia recapturar a solidariedade de uma época anterior, em que guildas uniam trabalhadores e dirigentes num objetivo comum? E se os estratos se concretizassem rigidamente em classes que pudessem então organizar-se politicamente ou gerar revolução? E como incorporar a classe mais baixa, o povo, cujos clubes e associações nem estavam no mercado, como se diz? Estas outras questões estavam por trás da busca dos reformistas por uma sociedade orgânica cuja própria estrutura eliminaria o conflito entre os homens. Em certo sentido, o objetivo deles era a restauração da tradição colonial urbana. Como a reforma política era central para aquela tarefa, muitos dos defensores da reforma começaram a expandir o eleitorado e a armar políticos com mandatos mais ousados. Daí nasceu o impulso na direção da política de massa e do populismo”... (21)

As questões pertinentes à nova estrutura urbana no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX impulsionaram a participação popular. A capital federal, naquela época constituía-se no maior aglomerado citadino do país. A abolição da escravidão, em fins do século XIX a intensa migração, o aparecimento de bairros pobres, as “favelas”, o investimento municipal em áreas urbanas mais nobres produziram o “reformismo social”, que exigia do poder público maior atendimento ao grande número de deserdados. O reformismo atingiu todos os setores da vida pública carioca: educação, legisladores, urbanistas e finalmente políticos. Estes políticos viam na mudança das estruturas eleitorais, a única saída para o impasse produzido no Rio de Janeiro. Antes mesmo da Revolução de

---

19 CONNIFF, Michael, op. cit., p.57.

20 Ibid., p. 77.

21 Ibid., p. 84.

1930, o reformismo se estruturou e foi uma das ‘molas mestras’ da gênese populista. A reforma social era a meta comum, encontrada em todos os segmentos contrários à situação produzida e mantida pelas elites oligárquicas da República Velha. O relacionamento dos reformistas com o avanço democrático no Rio de Janeiro era descrito desta forma por Michael Conniff op. cit. :

...”Os reformistas eram a última categoria importante de líder no Rio dos anos 1920. Eram políticos que se opunham ao estado de coisas vigente e clamavam por mudanças importantes na vida carioca. No sentido mais amplo, lideravam a reação contra o ‘novo urbanismo’ elitista da geração republicana. Defendiam também, embora mais seletivamente, algumas das reformas sociais, em especial as que favoreciam os trabalhadores. Contudo, os reformistas eram, acima de tudo, políticos trabalhando: mais do que buscar um mundo filosoficamente coerente, eles recrutavam um amplo número de eleitores que viam a si mesmos como efetivamente privados de direitos civis pelo sistema existente. Milhares dessas pessoas tinham na verdade deixado de participar da política, acreditando que a mudança de dentro era impossível. O reformista os convencia do contrário e talhava uma carreira da madeira áspera da alienação do cidadão”... (22)

A Revolução de 1930 levou os reformistas ao poder, na figura do médico Pedro Ernesto, indicado interventor da cidade por Getúlio Vargas. Reformas urbanas, educacionais e na área de saúde foram dinamizadas. As eleições de 1935 elegeram Pedro Ernesto como o vereador mais votado da cidade. A legislação daquela época indicava que o vereador mais votado seria eleito prefeito. Em sua passagem pelo Poder Executivo municipal, Pedro Ernesto tornou-se o primeiro grande líder populista da história do Brasil. Sua liderança e preocupação com as questões sociais do cidadão carioca levaram-no a uma guinada ao socialismo democrático. Surgia um sério rival para Vargas em seu objetivo de angariar a simpatia das massas brasileiras. Em 13 de setembro de 1937, Pedro Ernesto é

---

22 CONNIFF, Michael, op. cit., p. 99.

deposto, encarcerado (23), sob falsas acusações, e caçado sua patente de coronel médico do Exército brasileiro.

Conniff op. cit., habilmente, ilustra a maioria do populismo no Rio de Janeiro, na administração Pedro Ernesto:

...”O populismo tornou-se a abordagem global de Pedro Ernesto e seu partido. Eles se apoiavam na tradição comunal urbana, prometendo estender o voto e em consequência a soberania para o povo. Os pobres seriam incorporados na sociedade urbana por meio de programas sociais. Pessoas de todas as posições sociais foram atraídas para a campanha com o objetivo de restaurar a sociedade holística. E elas responderam: Pedro Ernesto recebeu o apoio da nova elite, da classe média e das massas. Era um começo de uma nova era na história brasileira, na qual os votos da cidade grande se multiplicariam e eventualmente dominariam as eleições nacionais, o populismo chegara à maioria no Brasil”... (24)

Às vésperas, da decretação do Estado Novo em 1937, Getúlio Vargas inicia o processo de instalação do autoritarismo estatal, com um ataque a Pedro Ernesto, proprietário de grande poder político. O autoritarismo dos anos vindouros vinculou-se ao

---

23 *Pedro Ernesto do Rego Batista* nasceu no Recife em Pernambuco em 1886. Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ingressou na política, participando do movimento revolucionário de 1922 e tornando-se figura de grande posição da política carioca. Participou igualmente do movimento revolucionário de 1924, contra o presidente Arthur Bernardes, sendo preso e acusado de participar da conspiração chefiada pelo almirante Protógenes Guimarães. Teve atuação de destaque na Revolução de 1930, sendo um de seus líderes e organizadores no Rio de Janeiro. Em 1931, foi nomeado interventor federal em sua cidade, cargo que exerceu por quase cinco anos. Organizou e chefiou o partido Autonomista, que defendia a autonomia do Distrito Federal com a eleição do prefeito e da apreciação de seus vetos pela Câmara de vereadores e não pelo Senado federal. O partido Autonomista alcançou fácil vitória nas eleições de 1934. Preso em 1935, por alegadas conexões com políticas esquerdistas, foi absolvido. Iniciada a campanha pela sucessão presidencial, em 1937, ingressou nos quadros da União Democrática Brasileira, que apoiava a candidatura de Armando Sales de Oliveira à Presidência da República. Com o decreto do Estado Novo, passou a dedicar-se exclusivamente a atividades privadas. Sua administração como prefeito foi marcada por uma série de importantes realizações, destacando-se o reequipamento da rede hospitalar e a construção de grande número de escolas públicas. Revogou o plano apache-urbanismo. Realizou obras de saneamento, que melhoraram sensivelmente as condições sanitárias, especialmente nos bairros suburbanos. Construiu e inaugurou vários hospitais, salientando-se entre eles, o Getúlio Vargas, o Carlos Chagas e o Miguel Couto. Absolvido em 13 de setembro de 1937, passa a oposição, sendo preso algumas vezes. Falece no Rio de Janeiro em 1942. Disponível na Internet pelo site [www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev\\_bio\\_pedroernesto.htm](http://www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev_bio_pedroernesto.htm). Arquivo capturado em 28 de dezembro de 2006.

24 CONNIFF, Michael, op. cit., p. 148

populismo. Ambos eram oriundos da herança colonial urbana do Brasil. Entre 1937 e 1945, eles estabeleceram conjuntamente no Brasil, produzindo uma simbiose, retratada dentro destas circunstâncias:

..."Assim, o Estado Novo não foi um Estado totalitário, nem um autoritarismo sem mitigações, já que uma subcorrente do populismo (tênue, é verdade) sobrevivia. O populismo vira-se envolvido numa dança mortal com o autoritarismo, em que cada qual competia pelo domínio. Às vezes a dança pode ser comparada a um contraponto, nem um nem outro estando permanentemente no topo e cada linha se movendo em relação `a outra. A 'harmonia' resultava das tradições coloniais comuns das quais os dois lados se originavam. Na conclusão, será visto que os dois modos de governança haviam passado a depender um do outro numa relação simbiótica"... (25)

Conniff op. cit., também analisa esta simbiosidade, entre o populismo e o autoritarismo, dentro da origem comum dos dois processos políticos. Argumenta que, apesar do passado comum, as duas tradições apresentam aspectos diferenciados e não podem ser confundidos:

..."E o fato de as duas formas derivarem do passado colonial comum poderia também ser citado como evidência da similaridade deles. Entretanto, o populismo e o autoritarismo não precisam apoiar-se mutuamente. Agudas diferenças os separam: representação patrimonial contra tradições municipais; liderança carismática contra liderança anônima; representação eleitoral contra representação corporativista; sistema civil aberto contra sistema civil fechado; processo legal contra poderes judiciários extraordinários; reforma social contra controle social; e mobilização do eleitor contra desmobilização. Nitidamente há outras diferenças entre o populismo e o autoritarismo, mas essa lista engloba as diferenças mais importantes"... (26)

Sabendo que a associação entre o autoritarismo do Estado Novo e o populismo, herança ideológica de Pedro Ernesto, não permaneceria por muito tempo, Vargas passa

---

25 CONNIFF, Michael op. cit., p. 182-183.

26 Ibid.ibidem

a planejar uma estratégia para os novos tempos, pós Segunda Guerra Mundial, no Brasil:

...”Vargas que evitou o funeral de Pedro Ernesto, arquitetava uma estratégia populista para as eleições que seriam realizadas depois da guerra. Colocado de modo simples, Vargas estimulou a lealdade da classe trabalhadora pela legislação social e publicidade sem usar recrutamento do partido ou eleições. Exatamente como Pedro Ernesto tinha feito, Vargas desenvolveu uma imagem carismática como o ‘pai dos pobres’, fazendo com que as massas confiassem nele. Elas passaram a acreditar em sua dedicação ao bem-estar delas, o que fortalecia a legitimidade do presidente”... (27)

A política de Vargas, durante o transcorrer do Estado Novo visava garantir o poder adquirido, com a expansão de sua popularidade perante a opinião pública. Os direitos trabalhistas, amplamente divulgados pela mídia resultaram em uma grande aproximação entre Getúlio e as massas urbanas brasileiras. Seu carisma era verificado através do apoio do operariado e boa parte das classes médias a sua figura e suas propostas governamentais. A aproximação com as massas, podia ser observado gradativamente, ao transcorrer de seu primeiro período governamental, entre 1930 e 1945. Em todos seus pronunciamentos evitava a palavra classe social, desejando a eliminação de intermediários entre ele próprio e o povo. Sua estratégia populista urbana, durante o Estado Novo visualizava sua permanência no poder, quando os ‘ventos democráticos’ novamente atingissem a nação. A velha tática multiclasse, utilizada tanto por Vargas, quanto por Pedro Ernesto sofreria grandes metamorfoses durante a década de 1950. Nesta fase, a classe trabalhadora já tinha adquirido novas feições, crescendo substancialmente em número e poder de coerção. Surge o populismo sindicalista, hegemônico no país, durante os anos 1950 e início da década de 1960. Entretanto, o velho estilo populista, produzido por Pedro Ernesto Baptista e

---

27 Ibid, p. 215.

posteriormente Getúlio Dornelles Vargas, ainda tinha adeptos: Adhemar de Barros e Jânio Quadros. Herdeiros diretos deste fenômeno político foram hegemônicos em São Paulo, durante a maior parte da República Populista, constituindo-se nos maiores políticos paulistas do século XX.

A conceituação teórica que será empregada neste trabalho estará alicerçada na concepção de populismo, como um movimento político que visava à integração das grandes massas populacionais ao crescimento urbano acelerado. A pesquisa sobre o populismo em Bauru e seus reflexos na produção da paisagem urbana, se desenvolverá neste sentido.

## CAPÍTULO II

### ORIGENS DO POPULISMO ADEMARISTA E JANISTA.

#### 1. A concepção do mito ademarista.

...”O que o prefeito fazia, o governador desfazia, e vice-versa. Houve uma tentativa de aproximação e de trégua entre os dois numa recepção no Palácio dos Campos Elíseos ao presidente de Portugal, Craveiro Lopes. Lá pelas tantas, o chefe de estado luso se recolhe aos seus aposentos. O governador permaneceu nos salões, sentado num sofá. Inopinadamente, o prefeito, com todo o seu corpanzil e sua sem-cerimônia, tomou a liberdade de se esparramar no mesmo sofá ao lado de seu arquiinimigo. Para quebrar o gelo, Adhemar de Barros puxou conversa: \_\_ Você é besta. Você tinha que inventar a candidatura desse m... do Carvalho Pinto. Antes nós éramos uma gangorra, cada um governa quatro anos. Impassível e visivelmente contrafeito, Jânio não passou recibo”... (1)

...”Povo de São Paulo, eu não agüento mais. Esse homem é maluco. Ele vai botar o professor Carvalho Pinto na cadeia. Ele vai me botar na cadeia outra vez! Meu Deus, lá vou eu de novo para a Bolívia!”... (2)

Os populismos ademarista e janista convergiam para o mesmo ponto: foram reflexos do universo sócio-econômico e, conseqüentemente político de São Paulo. O janismo não possuía estrutura partidária particularizada. O populismo ademarista produziu seu próprio partido, o PSP – Partido Social Progressista, que nunca extrapolou sua função de instrumento eleitoral. Tanto o ademarismo quanto o janismo caminhavam acima das ideologias partidárias. O getulismo solidificou-se através do antigo PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, construindo uma sólida base sindical. Transfigurou-se em um movimento que defendia os interesses das classes trabalhadoras. Portanto, deixou de representar um fenômeno multiclasse, surgido durante a década de 1930 e fortalecido durante o Estado Novo; para estabelecer-se como uma força eminentemente trabalhista.

---

1 KWAK, Gabriel. *O trevo e a vassoura. Os destinos de Jânio Quadros e Adhemar de Barros*. São Paulo: Girafa, 2006, p. 340.

2 Ibid., p. 345.

Porém, no Estado de São Paulo, o trabalhismo nunca conseguiu atingir os níveis eleitorais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. (3) A hegemonia da burguesia, o surgimento de uma numerosa classe média e o antagonismo contra Getúlio Vargas, que derrotou as forças políticas estaduais por duas vezes consecutivas: 1930 e 1932, foram os produtores do enfraquecimento do populismo getulista em São Paulo. Dentro deste universo, logo após a implantação do Estado Novo, Vargas escolhe como interventor um representante das forças derrotadas de São Paulo, um elemento do PRP – Partido Republicano Paulista: Adhemar Pereira de Barros, oriundo de uma rica família de latifundiários da região de São Manuel. Adhemar ocupou a interventoria paulista de 1938 a 1942, período que construiu seus alicerces políticos. Sampaio (1982) exprime a questão do nascimento do ademarismo da seguinte forma:

...”É nesta fase que Adhemar não apenas lança as bases de sua futura máquina partidária, como também define sua imagem como governante e como personalidade política”... (4)

Como representante da oligarquia paulista Adhemar detinha algo que seus pares não possuíam: o carisma e a capacidade de relacionar-se facilmente com os elementos que não pertenciam a sua classe social. Sampaio, op. cit., o coloca também como além de sua categoria oligárquica, estabelecendo em sua administração em São Paulo novos parâmetros de atendimento público e político:

...”De uma penada, Adhemar demitiu todos os prefeitos, substituindo-os de acordo com critérios que não corresponderam às expectativas das velhas lideranças perrepiistas locais,

---

3 BENEVIDES, Maria Victória. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 22-23.

4 SAMPAIO, Regina. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global, 1982, p. 39.

afastadas por muito tempo do controle da máquina governamental e acreditando ter então sua grande oportunidade”... (5)

Dentro destas circunstâncias, Adhemar conseguiu ultrapassar a influência perrepista, adquirindo novos contornos políticos e produzindo uma administração sem paralelos em São Paulo, com um dinamismo sem precedentes. Porém, este afastamento do PRP produziria dificuldades no futuro. Após a redemocratização, não obteve sucesso em relacionar-se com o futuro PSD – Partido Social Democrático, sucessor dos antigos PR’s. Inovou a comunicação com a população paulista, utilizando pela primeira vez o rádio como meio de propaganda, criando as ‘conversas ao pé do fogo’:

...”Naquela época não havia televisão, havia apenas transmissões de rádio. Todas as noites, as setes horas, ele tinha uma palestra com o povo de São Paulo, uma conversação íntima, todas as noites, inclusive sábado e domingo. Chamava palestra ao pé do fogo e os que tinham rádio, de qualquer maneira, em todo o interior, ouviam aquela conversa muito amigável dele. Isto fez época, ele tinha aquela conversa de caboclo franco, não era discurso inflamado não... falava a linguagem deles. Falava errado até. Era uma novidade, nunca houve isto, foi daí que surgiu o termo populismo, quer dizer, nós descemos a linguagem do povo para que ele entendesse. E ele foi pioneiro neste sentido, por isso criou este carisma”... (6)

A criação do mito Adhemar de Barros iniciou-se nesta fase: de um lado um administrador ousado e brilhante e, de outro, a imagem do Estado como o responsável direto pelo amparo aos mais humildes e sem acesso às estruturas normais de poder. (7) Sua característica multiclasse aparece claramente, quando se dirige as massas paulistas pelo rádio e também nas palavras de seu sucessor ao governo do estado de São Paulo Lucas Nogueira Garcez, na década de 1950:

...”Adhemar não era considerado pelos fazendeiros pior ou melhor do que os outros governadores de São Paulo; não acredito que ele tenha pago qualquer tributo no sentido

---

5 Ibid., p. 42.

6 SAMPAIO, Regina, op. cit., p. 45.

7 Ibid.Ibidem.

político por ter contrariado princípios econômicos ou ocasionado distúrbios à classe econômica. Não se pode dizer que ele fosse uma expressão das classes produtoras, mas tinha com elas um relacionamento razoável”... (8)

A demissão de Adhemar da interventoria de São Paulo ocorreu em 1941. O pretexto para sua saída foi produzido por um suposto dossiê, composto por várias irregularidades administrativas, conduzidas em seu governo. Porém, verificou-se que os verdadeiros motivos encerram-se no crescimento vertiginoso de sua imagem, perante a opinião pública paulista. A incompatibilidade com Getúlio configurou-se a partir destas circunstâncias. Ao sair do Palácio dos Campos Elíseos, Adhemar de Barros já tinha edificado suas bases, para seu retorno após a redemocratização em 1945, deixando delineada uma série de ligações com grupos econômicos que se beneficiaram de sua administração, bem como das lideranças estaduais, suscetíveis ao seu estilo de governar. (9)

## 2. O PSP e a vida democrática de Adhemar de Barros.

...”Após a eleição para governador em 1947, foi possível a Adhemar consolidar uma poderosa máquina partidária. Portanto, para pensarmos o ademarismo e o pessepismo é necessário percebê-lo no conjunto das relações políticas em que ele disputou espaços e recursos; afinal, muitas das suas peculiaridades se definiram a partir do acesso e das possibilidades de manifestação das fontes de recursos públicos. Foi exatamente como consequência de uma sólida e bem estruturada máquina partidária implantada em todos os municípios do estado e em todos os bairros da capital que o PSP, cujo alcance sempre foi regional, teria impossibilitado o desenvolvimento de estruturas partidárias concorrentes como o Partido Social Democrata e o Partido Trabalhista. Brasileiro”... (10)

O Partido Social Progressista construído por Adhemar de Barros, no final dos anos 1940, obstaculizou o desenvolvimento das maiores agremiações partidárias brasileiras

---

8 SAMPAIO, Regina, op. cit., p. 46.

9 Ibid., p. 49.

10 DUARTE, Adriano Luiz. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimento no bairro da Mooca: 1942-1973*. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 161. (Tese de Doutorado)

durante a fase populista. A UDN - União Democrática Nacional, o PSD – Partido Social Democrático e o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro (11) não conseguiram estabelecer-se em São Paulo, com a mesma expressão do restante do país. O populismo ademarista identificado como um movimento multiclasse, oferecia ao operariado, as classes médias e aos proprietários rurais, os canais de comunicação necessários para a sua configuração e representação política. Portanto, durante sua primeira fase, que atinge até meados dos anos 1950, o fenômeno ademarista possuía uma proposta que atingia todas as classes sociais. Entretanto, a evolução do significado de classes sociais no país, durante esta fase possibilitou o arrefecimento das questões ideológicas classistas e o fortalecimento de seus contrastes na representação política. Desta maneira, analisando os resultados das eleições para o governo do Estado de São Paulo em 1962, nas quais Adhemar saiu-se vencedor, Weffort op. cit. produziu outras formas interpretativas, sobre este mesmo movimento político:

---

11 O término do Estado Novo em 1945, possibilitou que uma nova estrutura partidária fosse produzida. A UDN - União Democrática Nacional foi produto da conjunção da maior parte das oposições a Getúlio Vargas. Em seus primórdios, constituía-se de uma frente com bases liberais, opondo-se ao esquema de poder do caudilho Getúlio. Entretanto, com o passar dos anos, durante o desenvolvimento da República Populista, transformou-se em uma agremiação partidária de cunho conservador, representante das classes médias dos centros urbanos e dos grandes grupos econômicos e financeiros do país. Derrotada em três eleições presidenciais consecutivas do pós-guerra, decide lançar Jânio Quadros à presidência da República em 1960. Entretanto, vê seu sonho de poder esvanecer-se com os posicionamentos janistas à frente da administração nacional. Com a renúncia de Jânio em 1961, a UDN passa definitivamente a apoiar injunções golpistas. Foi uma das responsáveis pelo fim da República Populista em 1964, apoiando a intervenção militar. Suas maiores lideranças foram o brigadeiro Eduardo Gomes e o político fluminense Carlos Lacerda. Foi extinta em 1965 e seus elementos vieram a compor a Arena – Aliança Renovadora Nacional. O PSD – Partido Social Democrático foi constituído também no limiar do Estado Novo. Porém, sua configuração foi trabalhada ideologicamente por Getúlio. Instrumentalizado por Vargas, o PSD serviu de instrumento para a perpetuação das políticas getulistas. Representava as poderosas oligarquias interioranas, herdeiras dos antigos PR's – Partidos Republicanos da República Velha. Juntamente com o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro constituiu-se em uma aliança populista que solidificou o período entre 1945 e 1964. O PSD era um partido de centro, elegendo dois presidentes da República: o general Eurico Gaspar Dutra em 1945 e Juscelino Kubitschek em 1955. Seus maiores expoentes foram o próprio Juscelino, Tancredo Neves e Ernani do Amaral Peixoto. Era o centro

...”Barros venceu, sobretudo nas regiões onde o operariado constitui minoria ou é praticamente inexistente, com o apoio da grande massa pequeno-burguesa espalhada por todo o estado e, embora em menor densidade, também na capital”... (12)

...”Neste sentido, não há nada de estranho em caracterizar o populismo de Barros como uma forma de ‘política ideológica’ que expressa, em alguma medida, a especial condição de uma pequena-burguesia de ascensão recente preocupada com a queda iminente”... (13)

A preocupação do ‘pequeno-burguês’ em perder gradativamente, seu modo de vida conquistado com tantas dificuldades, nas décadas posteriores a Revolução de 1930, fez com que se aproximasse de Adhemar. Muitos desta categoria social, passavam por dificuldades econômicas e temiam a perda da esperança da ascensão social.

Consideravam-se ‘desfavorecidos pela sorte’, inferiorizados entre uma sociedade dividida entre pobres e ricos e cuja localização entre estes dois segmentos, tornava-os detentores de aspectos de ambas as categorias. O ademarismo penetra exatamente nesta fissura, proporcionando a pequena burguesia um alento e esperança de dias melhores. O ademarista, neste sentido, era o cidadão pessimista com a vida. O movimento ademarista instrumentalizou a pequena-burguesia, oferecendo-lhe um estado patriarcal, protetor e

---

de gravidade da política brasileira até 1964. Foi extinto pelo Ato institucional nº 02. Seus integrantes, em sua grande maioria, ingressaram também na Arena, onde passaram a conviver com seus antigos adversários udenistas. O PTB – Partido Trabalhista Brasileiro também foi criação de Getúlio Vargas. Representava as grandes massas do operariado urbano. Venceu as eleições presidenciais de 1950 com Vargas e assumiu o Poder Executivo nacional, através de João Goulart com a renúncia de Jânio Quadros em 1961. Às vésperas do Golpe Militar, o PTB caminhava para constituir-se na maior bancada da Câmara dos deputados. Era um partido de centro-esquerda, associado ao sindicalismo. Sua atuação no apoio às reformas de base de Goulart levou a intensificação da questão ideológica e o término da República Populista. Seus maiores expoentes foram Getúlio Vargas, João Goulart, San Tiago Dantas e Leonel Brizola. Com sua extinção em 1965, a maioria dos seus quadros passou a ingressar no MDB – Movimento Democrático Brasileiro, legenda de oposição criada artificialmente pelo regime militar. *Síntese do conteúdo do site [www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_hm/3231\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_hm/3231_1.asp). Arquivo capturado em 30 de dezembro de 2006.*

12 WEFFORT, Francisco, op. cit., p. 30.

13 Ibid., p. 33.

assistencialista, na qual se podia recorrer em caso de dificuldades, sem os impedimentos técnicos de uma burocracia racional e impessoal. (14)

O PSP – Partido Social Progressista era o instrumento na qual se intermediava a estrutura estatal e o cidadão individualmente. Duarte, op. cit. destaca a força interna do ademarismo e a máquina pessedista:

...”A azeitada máquina do PSP tinha uma estrutura bastante verticalizada. Os diretórios distritais, que correspondiam a um distrito de paz, formavam a base do partido. Nas cidades mais populosas, era possível criar subdiretórios distritais, por bairro, por área industrial ou residencial; esses, porém, estariam diretamente subordinados ao diretório municipal. Cada diretório distrital indicava o respectivo juiz de paz, o delegado de polícia e o subdelegado. Cada subdelegado escolhia os respectivos inspetores de quarteirão. Esta estrutura garantia, em cada distrito, uma teia de contatos e apoios que poderia ser acionada rapidamente. No interior do estado, os diretórios distritais podiam corresponder a vários bairros, mas na capital, a regra era que cada bairro possuísse um único diretório. Um degrau acima estava ainda o diretório regional que concentrava o poder de decisão em âmbito estadual. O fluxo de favores tinha que, necessariamente, passar, por toda a máquina partidária, essa foi a maneira de garantir que as demandas retornassem como votos, assegurando a força do partido”... (15)

A estrutura do PSP era inovadora. Todos os pleitos teriam que ser aprovados, primeiramente pelo partido e depois encaminhados ao governo estadual. Não havia contato direto dos prefeitos com os secretários de Estado. Estes possuíam um elemento do partido que produzia o atendimento às solicitações políticas. Cada melhoria que o Adhemar fazia como governador, era favorável ao partido. Por exemplo, na criação de um posto de saúde, todos os funcionários eram nomeados pelo PSP. (16) Conseqüentemente, a atuação

---

14 Ibid., p. 31.

15 DUARTE, Adriano Luiz, op. cit., p.162.

16 Ibid., Ibidem.

do chefe pessepista à frente do governo de São Paulo, entre 1947 e 1950, apresentou as mesmas características que já se haviam esboçado no período de sua interventoria.

Sua administração é fundamentalmente centrada na realização de grandes obras públicas e na ampliação dos serviços oferecidos pelo Estado, dentro de uma perspectiva de bem-estar social que implicava na ampliação da máquina governamental, o que, obviamente funcionava ao mesmo tempo como mecanismo de maximização dos recursos à disposição do PSP para o atendimento de sua clientela. (17) A partir desta fase, o PSP torna-se o partido majoritário, desarticulando os principais partidos nacionais em São Paulo.

Esta época se estende até a eleição do sucessor de Adhemar no governo paulista, quando passa a ter problemas no comando de sua estrutura partidária. O governador eleito Lucas Nogueira Garcez passa a disputar o comando do pessepismo, entrando em choque com seu criador. Após este período, quando Barros perde a eleição para o governo do estado para Jânio Quadros, o ademarismo passa por uma grande ressaca eleitoral. Fase em que Adhemar é derrotado duas vezes na tentativa de chegar à Presidência da República, em 1955 e em 1960 e para o governo do estado em 1958. Entretanto, o PSP elege por duas vezes o prefeito da capital paulista, demonstrando ainda sua grande força eleitoral. Fato que se destaca, quando se considera o caráter eminentemente clientelístico do partido e a dificuldades de sobrevivência, pois enfrentava uma fase em que controlava poucos recursos para a distribuição de favores. Kwak, op. cit. analisa a importância do clientelismo para a

---

17 SAMPAIO, Regina, op. cit., p. 61-62.

configuração do ademarismo como força eleitoral em São Paulo, citando palavras de William Salem, ex-prefeito da cidade:

...”Normalmente era pedido de emprego. Todo mundo queria um emprego. Depois, vinham os problemas de transporte, os problemas de habitação, o problema de matrícula nas escolas, de tal forma que parece que nós estamos falando sobre hoje. Exatamente os mesmos problemas ainda afligem a população brasileira”... (18)

O enfraquecimento político de Adhemar se refletiu principalmente no interior do estado: em 1955 elege apenas 61 dos prefeitos (20%), sendo que no mesmo grupo de municípios para o qual elegera 133 (43%) em 1951. Entretanto, a renúncia de Jânio em 1961 e a radicalização do processo ideológico durante o governo João Goulart conduziu o ressurgimento do populismo ademarista em São Paulo, como esclarece Weffort op. cit.:

...”Na campanha de 1962, o ademarismo muda de sentido: o candidato já não se apresenta, como nas eleições passadas, como ‘progressista’ e ‘realizador’ mas com uma ênfase claramente conservadora dada pelos slogans de ‘paz e tranquilidade’. Por certo as circunstâncias especificamente eleitorais tiveram sua influência. Jânio Quadros, o principal adversário, havia marcado seus períodos de governo por uma áspera impessoalidade, perseguira funcionários públicos, agitara problemas políticos etc., e os slogans pretenderam explicitamente opor a esta ‘política de ódio’, uma ‘política de amor’... (19)

A mudança no eixo ideológico do ademarismo, ao iniciarem-se os anos 1960, deveu-se também a outros fatores, foram do âmbito restritivo da política paulista. Sua

---

18 KWAK, Gabriel, op. cit., p. 236.

19 WEFFORT, Francisco, op. cit., p. 31

guinada conservadora, distanciando-se do PTB, no qual por muitos anos se aliou, deveu-se principalmente ao panorama nacional. As reformas de base de Goulart e seu relacionamento com setores esquerdistas, aproximaram-no dos conspiradores de 1964. Os trabalhistas radicalizaram: o discurso e a prática política homogeneizaram-se. Com o passar dos meses, Barros tornou-se um dos líderes civis que incentivaram à intervenção militar.

Duarte, op. cit. evidencia algumas palavras de Adhemar nos anos 1950, demonstrando sua evolução ideológica:

..."Ser populista, para nós, é dar a função social do estado uma amplitude que não teve até agora. É governar dando oportunidade a todos e procurando elevar cada um de acordo com as suas necessidades. Os que se separam do populismo, classificam-se, muito granfinamente de democratas. Na verdade, porém, são apenas homens poderosos ou a serviço de grupos poderosíssimos que julgam que o Brasil deve continuar ser das raras nações do mundo onde existe, de um lado, uma pequena minoria de milionários e, de outro, a grande maioria de paupérrimos e semi-pobres"... (20)

Novamente Kwak op. cit. conceitua as transformações que Adhemar processou, durante a última fase de sua vida política. Por ocasião de seu lançamento como candidato ao governo de São Paulo, em uma convenção do PSP realizada em 24 de maio de 1962, já se expressa como um futuro conspirador, afastado das tendências esquerdistas da política nacional:

..."Quiseram os fatos e as circunstâncias, porém, que novamente coubesse a mim a tarefa árdua de seguir a frente, e aqui estou disposto a cumprir a parte que me cabe. Tenho plena consciência do grave momento que vivemos, e dos perigos que nos assaltam. Ouço a todo instante que a 'revolução está em marcha'. Que revolução? Se é a revolução do desenvolvimento, a revolução para libertar os desgraçados e espoliados, a revolução pelos sagrados direitos dos trabalhadores, contem comigo e com minhas modestas forças; mas que se faça essa revolução através dos caminhos constitucionais, pela valorização do homem, pelo reconhecimento amplo dos direitos do operário, pelo amparo da agricultura e das indústrias, pelo extermínio dos exploradores do povo"... (21)

---

20 DUARTE, Adriano Luiz, op. cit., p 161.

21 KWAK, Gabriel, op. cit., p. 293

A última administração ademarista de São Paulo caracterizou-se por duas fases distintas: a do conspirador e a do desestabilizador do próprio sistema que auxiliou a criar. O apoio a ‘Revolução de 1964’ era composto de incoerências. A tradução de seu populismo estava vinculada, a um mundo que somente as liberdades democráticas poderiam concebê-lo e posteriormente desenvolvê-lo. O populismo ademarista, alicerçado no PSP e no carisma pessoal de seu líder, não teria lugar em um universo político onde as liberdades civis desaparecessem e em uma sociedade conduzida por grupos, que durante vinte anos tentaram chegar ao poder supremo da nação por intermédio de eleições livres e não conseguiram. Este cenário se cristalizou na visão de Adhemar. Sua posterior oposição ao movimento de 1964, esteve inserida dentro destas circunstâncias. A cassação em 1966 foi o epílogo de sua vida política. O populismo multiclassista, centrado na óptica de inclusão das massas urbanas, finalizou juntamente com Adhemar de Barros um período da vida política de São Paulo e do Brasil.

### 3. O populismo janista: formação, ascensão e declínio.

...”O estilo autoritário, moralista e extremamente personificado de Jânio Quadros evocava um ‘populismo de direita’ – militarista, antiparlamentar e associado ao grande capital –, o qual, dirigido ‘a todas as classes sociais, ao conjunto da ‘nação’, terminava por diluir o próprio significado de povo e de massa. Como indica Francisco Weffort – que analisou, para o primeiro caso, o ‘Estado de compromisso’ – Jânio Quadros significava não apenas a falência do sistema partidário, como o populismo levado à sua contradição mais extrema e que se volta contra si próprio”... (22)

...”Nos botecos humildes da gente simples de Vila Maria ele era um deus; nos salões elegantes do Jardim América, o esperado, tanto para os patrões como para os criados. Para

---

22 BENEVIDES, Maria Victória, op. cit., p. 09

os pobres, era a esperança; para os ricos, a segurança. Nos comícios, demagogo, desganhado; no governo, sincero, composto”... (23)

O populismo multiclassista, cristalizado na figura de Adhemar de Barros também apresentou outra vertente: moderna, dinâmica, resultado das forças econômicas e sociais que varreram São Paulo, após a Segunda Guerra mundial, nos estertores dos anos 1940, quando a urbanização e a industrialização acentuavam-se. Diferentemente de Adhemar, Jânio não era proveniente das oligarquias paulistas. Pertencendo a uma pequena classe-média que, juntamente com o operariado, na expectativa de ascensão social, procurava um instrumento para sua representação política. Estas novas classes sociais, que construíam o panorama da cidade de São Paulo rejeitavam o servilismo, o patriarcalismo e o paternalismo. O futuro eleitor de Jânio demandava justiça, pois acreditava no trabalho e em sua valorização, não em favores pessoais e nas práticas usuais do ademarismo. A ascensão destas classes sociais projetava um Estado justo, impessoal. O populismo de Jânio, consubstanciado neste período em São Paulo, era diferente do populismo ademarista: era ‘responsável, defensor do trabalho, da meritocracia, do saneamento administrativo e da austeridade orçamentária. (24) Reafirmando o posicionamento de Kwak, op. cit., Benevides expõe o jânioismo como uma força política urbana, capaz de liquidar o comportamento clientelista:

...”É nesse sentido, ao identificar o empreguismo com a base da corrupção, que Jânio inscreve em seu programa de governo a necessidade de ‘despolitizar’ a administração em

---

23 ARNT, Ricardo, *Jânio Quadros. O Prometeu de Vila Maria*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 19-20.

24 Ibid., p. 26-27.

geral. Despolitizar significa acabar com o sistema de nomeações feitas por injunções políticas, ou seja extinguir a principal fonte do clientelismo urbano”... (25)

A partir deste ponto, pode-se diferenciar o janismo do ademarismo, seu predecessor, através da conceituação de Estado. A capacidade e ao, mesmo tempo, a possibilidade do janismo conceituar e construir uma máquina estatal justa, eqüitativa demonstram sua aproximação da leitura e da compreensão, do que atualmente se espera de um Estado moderno e dinâmico, capaz de atender às necessidades coletivas da sociedade, sem dimensionar privilégios a grupos ou classes sociais. A capacidade do janismo em vislumbrá-lo, tornando-o acessível e igualitário para todos, conduz a reafirmação de que o populismo janista é mais próximo do ideário multiclasse, construído a partir das primeiras décadas do século XX, do que seu adversário, o ademarismo. Todavia, podemos considerá-los como oriundos de idêntico processo: resultado da transformação entre o espírito de igualdade colonial das cidades brasileiras e a modernidade republicana urbana. Weffort op. cit., apresenta o populismo de Jânio ou de Barros como uma forma popular de exaltação de um líder, no qual ele aparece como a imagem idealizada do estado, construída por uma determinada classe social. Jogando toda a sua aspiração de mudança política em uma pessoa, a quem imagina possuir um poder ilimitado. (26) A trajetória de Jânio, estabelecida por mudanças bruscas de orientação política, não causaram problemas em sua popularidade. Para as massas, o líder era a essência e seu carisma, o instrumento da concretização de suas demandas sociais.

---

25 BENEVIDES, Maria Victória. op. cit., p. 44.

26 WEFFORT, Francisco C. , op. cit., p. 36.

Duarte, op. cit., expõe o enquadramento histórico do surgimento do fenômeno Jânio Quadros, a partir dos anos posteriores ao término da Segunda Guerra Mundial:

...”A carreira política de Jânio Quadros se iniciou no contexto dos turbulentos anos do pós-guerra, no qual as demandas urbanas ocupavam o centro das discussões políticas locais. Sem raízes partidárias, ele não tinha qualquer vinculação com a tradição getulista nem, tampouco, ligações com políticos oriundos do liberalismo anterior ao Estado Novo. Neste sentido, Jânio emergiu como um fenômeno novo... Assim Jânio se configurou como portavoza de um projeto de ordenação social no qual caberia ao estado a promoção do bem comum e a distribuição da justiça, e ele próprio seria o instrumento dessa justiça, corrigindo os excessos oriundos da lei do mercado, da ganância dos empresários e da preguiça dos trabalhadores”... (27)

A espetacular ascensão de Jânio Quadros, de vereador em 1947 à Presidente da República em 1960, representou a tentativa de incorporação política das demandas de amplos setores sociais, que não se adaptavam ao populismo ademarista e ao populismo trabalhista, vinculado ao sindicalismo e aos herdeiros de Vargas, portanto eminentemente classista. O “*homem da vassoura*” era a antítese de Adhemar, seu clientelismo e o uso privado do Estado, através das nomeações sem concurso público, da ausência de licitações para as grandes obras e o conseqüente descontrole orçamentário. Jânio era o novo, o moderno, contrário às práticas ademaristas, como colocando-se como contraponto às opções classistas dos trabalhistas. Paralelamente, Jânio também demonstrava aversão aos excessos do Capitalismo, atacando os altos lucros advindos com a especulação desenfreada e, ao mesmo tempo, atingindo o trabalhador por intermédio de ações agressivas contra o funcionalismo. Em toda sua carreira política, estas características foram-lhe marcantes. Os populismos de Jânio Quadros e de Adhemar de Barros diferenciavam-se estruturalmente, no estilo em que concebiam o Estado. Contudo, sua essência

---

27 DUARTE, Adriano Luiz, op. cit., p. 175.

era a mesma: o estabelecimento da inclusão das massas urbanas na nova sociedade, surgida após 1930. As metas eram idênticas, a forma de processá-las, variava conforme o arcabouço e a experiência de vida de cada um deles. Adhemar produziu o populismo paternalista, que prometia aos excluídos os favores desfrutados ‘pelos de cima’, Jânio era o carismático, o salvador, o predestinado, dotado de capacidades ilimitadas. (28)

As características deste populismo carismático e multiclasse construíram a rápida carreira política de Jânio. Entretanto, todos os níveis na vida pública que atingiu foram produzidas em São Paulo. Mesmo sendo o ‘carro-chefe’ da nação, a ‘terra dos bandeirantes’ era uma parcela do país, não englobando todas as possibilidades sociais, culturais e econômicas do Brasil. Quando atingiu a Presidência da República em 1961, o populista ‘paulista’, Jânio Quadros encontrou sérias dificuldades para estabelecer-se como mandatário maior. Enfrentar os problemas de um país-continente como o Brasil, dentro dos parâmetros estabelecidos por ele, trouxe-lhe sérias dificuldades de sustentação política:

...”Embora não lhe faltasse respaldo militar, Jânio achava-se isolado, numa camisa de força, tremendamente sabotado pelos interesses internacionais, boicotado pela classe política e por parte saliente das ‘classes produtoras’. As vertentes de esquerda não confiavam nele, mesmo quando estreitava relações com países do ‘Segundo Mundo’ e insistia em disciplinar a remessa de lucros para o exterior. O ‘patriciado’ também não aceitava muitas das bases de seu governo... O projeto de modernização da sociedade brasileira, solenemente receitado pelo exaltado Jânio nas praças públicas, invibializou-se pelo esquema de poder. O regime estava desajustado as exigências daquele tempo. A função presidencial ficou esvaziada em face dos vícios do funcionamento institucional. Certamente teríamos por cinco anos de governo, uma rainha da Inglaterra”... (29)

---

28 Ibid., p. 195.

29 KWAK, Gabriel, op. cit., p.145-146.

...”De tudo ficou a certeza de que Jânio não foi capaz de atinar para o processo histórico que então se desenrolava. Uma análise fria das circunstâncias políticas da época permite afirmar que se Jânio não tivesse renunciado fatalmente seria deposto. As ‘forças terríveis’ denunciadas por Jânio foram, enfim, conhecidas em março de 1964”... (30)

Afonso Arinos confirma indiretamente, através deste relato, o caráter especial do populismo janista provocando a renúncia de seu líder a Presidência da República. As palavras de Arinos estão dispostas no trabalho de Arnt op. cit., sobre a vida política do ex-presidente. Demonstram sua incapacidade em atender todas as demandas sociais. Ao mesmo tempo, sua visão multiclassista esfacelou-se diante de um quadro incontrolável, onde todos os setores sociais e políticos viram-se desprestigiados por sua administração, enquanto que, os privilégios eram combatidos em todas as áreas governamentais:

...”O ex-chanceler Afonso Arinos testemunha a sinceridade do projeto reformista janista e ressalta o vulto dos obstáculos que o impediram: ‘Jânio não tinha compromisso algum com nenhuma instituição política. Só com o povo. Depois de eleito, leal aos compromissos que assumira com o povo por cima das instituições, apercebeu-se da impossibilidade de cumpri- los. Um Congresso suspicaz e reacionário; uma Igreja retrógrada; uma Justiça rotineira; uma imprensa desconfiada; uma classe dominante que passou de entusiasta a temerosa; e, mais ainda, uma massa que começava a se desiludir diante de sua forma crescente de poder e da sua falta do que fazer com ele. Uma situação destas, verdadeiramente dramática, deve ter levado o presidente, a princípio, ao desânimo, depois, ao desespero e, finalmente, à renúncia”... (31)

O ato da renúncia trouxe à tona o universo de contradições em que se encontravam as instituições políticas e a sociedade brasileira. Após a Revolução de 1930, o Brasil transformou-se: desde a agonia da República Velha, a passagem pelo Estado Novo e a redemocratização, a representação política distanciou-se da realidade. O populismo

---

30 Ibid., p. 155.

31 ARNT, Ricardo, op. cit., p.44-45.

nasceu como forma de inclusão social, de uma camada expressiva da coletividade, contudo, a diversificação social complexa, construída a partir deste período, não foi refletida na evolução institucional. O populismo nasce como forma de expressão das massas urbanas. O janismo e o ademarismo foram, ao mesmo tempo, o reflexo e os construtores de uma época determinada, quando os moradores das cidades clamavam pela cidadania, pela participação política, por reformas sociais. Os ideais holísticos, compostos pela convicção de representação total, de todas as classes sociais, de todos os segmentos urbanos prevaleceram no populismo brasileiro. Jânio Quadros tornou-se o ápice deste movimento político. Em sua fase hegemônica, o janismo era moderno, combatia os vícios de uma sociedade arcaica, inserida em uma vida urbana moderna. Em São Paulo, este último grande momento do populismo no Brasil, encontrou forças para garantir sua sobrevivência por mais de uma década. No momento do encontro com as aspirações nacionais, descobriu um país complexo, multifacetado, cujas condições políticas o impediram de reformá-lo. Jânio Quadros foi o resultado desta época de contradições e de suas próprias convicções na tentativa de enfrentá-las e superá-las:

...”A viga de pensamento político de Jânio Quadros consistia na crença” de que as intermediações políticas sistêmicas são descartáveis. Em outras palavras, ao executar a classe política a apresentar-se como deslocado do jogo partidário (como se pairasse acima dos setores organizados da sociedade), esse líder escolhia o contato direto com o povo como a pedra angular de sua ação. O homem da vassoura não aceitava o que Kelsen chamava de ‘o Estado partidário’...” (32).

---

32 KWAK, Gabriel, op. cit., p.157-158.

## *Parte II.*

### *O populismo e a paisagem urbana.*

*...”Falar da paisagem em termos de fisionomia significa que se atribuí à paisagem uma densidade ontológica própria. Se ela possui uma fisionomia, é preciso compreendê-la como uma totalidade expressiva, animada por um ‘espírito interno’, do qual se pode extrair o sentido. Tudo se passa como se houvesse um ‘espírito do lugar’, do qual a aparência exterior do território visado seria a expressão”...*

*Jean – Marc Besse.*

### CAPÍTULO III

#### A EVOLUÇÃO URBANA DE BAURU.

##### 1. A constituição do patrimônio.

Analisando o espaço do interior paulista em meados do século XIX, Monbeig (1998), descreve seus habitantes originais, os índios, denominados pelo autor como os verdadeiros pioneiros. (*Mapa 02 – o sertão no século XIX*) Apresenta os diversos grupos indígenas que se distribuíam por esta região brasileira, destacando os tupis-guaranis, cuja disposição definia-se desta maneira: disseminados pela bacia do rio Paraná, ao sul do Tietê. Os tupiniquins ocupavam as terras mais a leste, sendo que entre estes dois grupos encontravam-se os caiapós, que dominavam as partes dos planaltos compreendidas entre o Rio Grande e o Tietê. Os xavantes distribuíam-se pela Alta Sorocabana. Entretanto, o grupo que ocupava as atuais terras da região de Bauru, denominava-se coroado ou *caingangue*.

Monbeig, op. cit., o descreve desta forma:

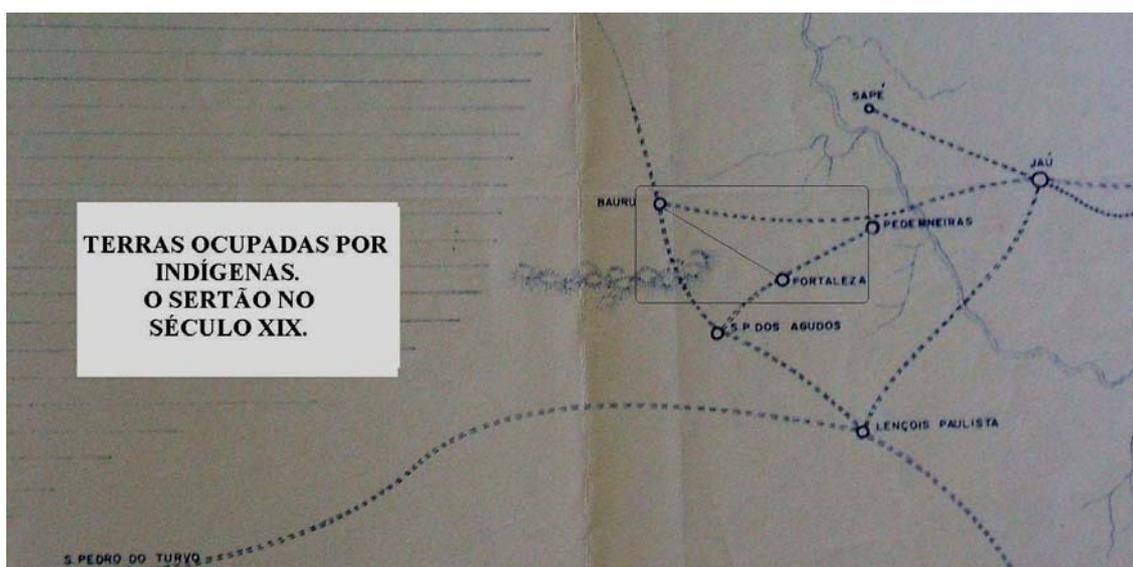
...”Finalmente, os caingangues, a partir do século XVIII, distribuíam-se pelos planaltos paulistas, como pelas regiões do Paraná e do Brasil Meridional. No fim do século XIX, encontravam-se cinco pequenos grupos deles, entre o Rio Peixe e o Aguapeí... Foram quase sempre sangrentos os contatos entre índios e pioneiros... O que tornou difícil a construção da estrada de ferro de Bauru a Mato Grosso; necessário foi organizar verdadeiras expedições militares, para proteger os trabalhadores da estrada “... (1)

Na conceituação dos primeiros ocupantes da região, Losnak (2004) discute os vários relatos sobre o contato do caingangue com os primeiros povoadores, definindo-o como violento. O autor afirma que formavam-se expedições armadas para eliminar aldeias

---

1 MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Polis, 1998, p. 129 – 130.

indígenas. Estes grupos armados denominavam-se “*dadas*”. A aproximação entre o “elemento civilizador” e os coroados eram tão violentos que, por muitas vezes, os empreendimentos de ocupação eram retardados. Representavam um difícil obstáculo a ser



**Mapa 02 – O sertão paulista no século XIX.**  
**Fonte: Plano Diretor de 1967.**

ultrapassado pelos primeiros colonizadores, acentuando-se os combates a partir do final do século XIX. A própria construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil sofria interrupções devido às incursões indígenas. O relato destas experiências era composto de combates violentos e expulsão dos caingangues de suas terras. O espaço onde ocorreram estes eventos era denominado, de “*sertões*”, que ideologicamente deveriam ser desbravados pelo colonizador branco, intrépido e corajoso. A morte e a destruição de uma cultura era somente uma consequência menor para a grande aventura da colonização. (2)

2 LOSNAK, Célio J. *Polifonia urbana. Imagens e representações. Bauru: 1950-1980*. Bauru: EDUSC, 2004 p. 55-57.

As primeiras contendas entre o ‘pioneiro branco’ e o indígena foram protagonizadas pelos mineiros. A partir de 1850 passaram a disputar o domínio do sertão paulista. Novamente Monbeig, op. cit., trabalha este tema, colocando o migrante de Minas Gerais como o responsável pela chegada do elemento civilizador no oeste de São Paulo:

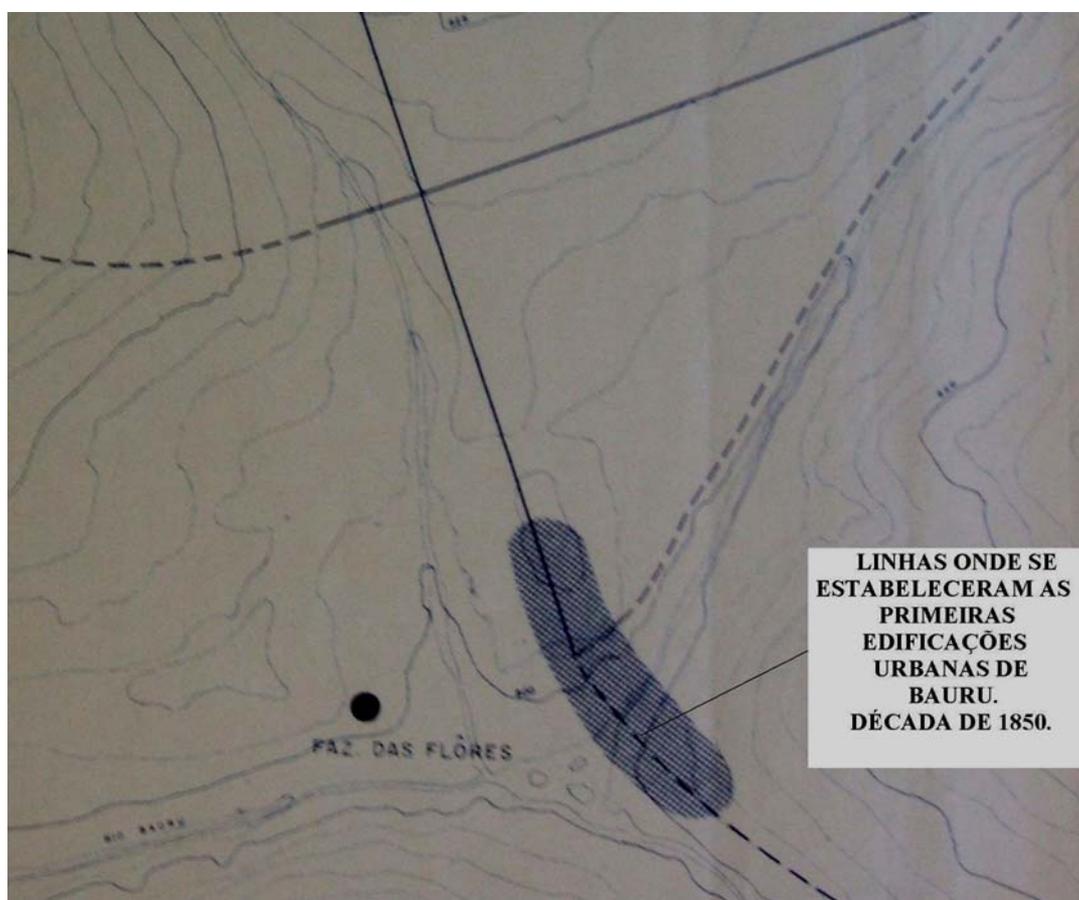
...”Vieram quase todos de Minas Gerais, os pioneiros que, a partir de 1850, se chocaram com os índios. Sua província não se restabelecera da crise econômica acarretada pela decadência da mineração. Crescia a pobreza e contra isso o único remédio era a migração. Perturbações políticas, a tentativa revolucionária de 1842, vieram reforçar as partidas dos mineiros para novas terras. Por fim, durante a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, preferiu bom número deles correr os riscos da vida no sertão a sujeitar-se ao alistamento militar. Muitos destes caboclos de Minas dirigiram-se para São Paulo, cujos cafezais começaram a celebrar-se”... (3)

Os pioneiros mineiros estavam em grande parte, fugindo da obrigação de participar da Guerra do Paraguai, embrenhando-se no sertão, na busca de novas terras. Ainda pouco numerosos, os índios não representavam uma ameaça muito concreta aos habitantes da região. Os caingangues afastavam-se constantemente daqueles que os ameaçavam, pois havia ainda uma grande porção de terras a serem ocupadas. Foi Pedro Francisco Pinto que, em 1840, organizou uma expedição de reconhecimento e colonização da terra, partindo de Botucatu rumo ao noroeste, e encontrando o Rio Batalha, iniciando uma lavoura, até ser trucidado pelos indígenas em 1848. Em 1850, Sebastião Pereira realizou nova incursão para explorar os afluentes da margem esquerda do Rio Tietê, encontrando o Rio Bauru, produzindo uma lavoura e marcando a posse da terra. Quando partiu em busca de novas fronteiras, deferiu a posse de suas terras a outros pioneiros: Mariano José da Costa e João Batista Monteiro, que devido às tensões com os indígenas, logo retornaram às

---

3 MONBEIG, Pierre, op. cit., p. 133

suas regiões de origem. Monteiro deferiu a posse de suas terras (4) a *Antonio Teixeira do Espírito Santo*, que em 1856 constituiu a Fazenda das Flores (*Mapa 03 – Fazenda Flores*). A posse destas áreas, que posteriormente dariam surgimento ao município de Bauru, foi caracterizada devido a Lei de terras de 1850, que possibilitou a ocupação e a legalização de terras devolutas.



*Mapa 03 – Fazenda Flores – década de 1850.  
Fonte: Plano Diretor de 1967.*

4 CONSTANTINO, Norma Regina T. ; RIGINATO, Maria Helena. *Contribuição ao estudo da paisagem urbana de Bauru*. Campinas: UNICAMP, s/d, p. 02.

Os mineiros foram também os responsáveis pela fundação de várias cidades do interior paulista: como Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. Na atual região de Bauru também destaca-se a própria Botucatu e seu posto mais avançado, Lençóis Paulista como obras de sua ocupação. Os traçados deixados pelo homem de Minas Gerais auxiliaram sobremaneira, a expansão cafeeira nos anos posteriores. Os caminhos percorridos e os primeiros núcleos de povoamento serviram de base para as futuras fazendas de café. (5)

No final da década de 1860 e início dos anos 1870, a ocupação de São Paulo pelos mineiros já apresentava sinais de decadência. Os grandes fazendeiros da Depressão Periférica partiam rumo aos Planaltos Ocidentais. Em pouco tempo, as fazendas de café abandonaram os terrenos cristalinos do Planalto Atlântico, penetrando na Depressão Periférica Paulista. Em 1870, os terrenos sedimentares destas áreas são ocupados por grandes cafezais. Nesta fase, observa-se a manutenção da mão-de-obra escrava. No final do século XIX, o café avança pelo Planalto Ocidental, ocupando o reverso, nas áreas de São Carlos, Araraquara, Lençóis Paulista. (6)

A expansão cafeeira atinge a região de Bauru por volta da década de 1880. A junção do café, da Igreja Católica Romana e dos mineiros foram os fatores que propiciaram a gênese do estabelecimento urbano de Bauru. As cidades do interior paulista cresceram em torno destes atores. Dentro desta definição, os primórdios de Bauru tiveram sua gênese constituída, devido à doação de Antonio Teixeira do Espírito Santo, realizada em 1884 ao santo de sua devoção. Cinquenta e sete hectares e vinte ares de terra foram doados, com a finalidade de formar o *Patrimônio de São Sebastião do Bauru*, núcleo inicial da cidade.

---

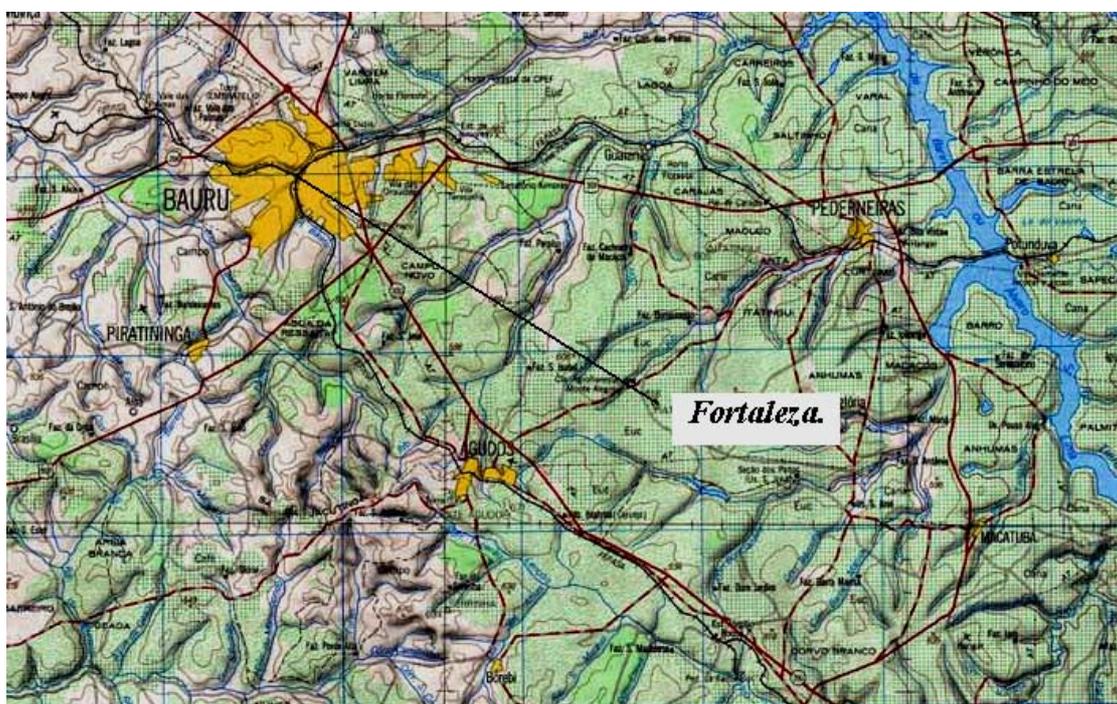
5 MONBEIG, Pierre, op. cit., p. 134.

6 Ibid., p. 167-172.

Em 1893, Veríssimo Antônio Pereira, proprietário da Fazenda Grande, doou mais uma parte de terras, cento e trinta e quatro hectares e oitenta ares, para o Patrimônio de Bauru.

(7) Estas duas áreas foram as responsáveis, pelo início do estabelecimento do núcleo urbano.

A área da primeira doação era delimitada pelo Córrego das Flores a *leste*, pelo Rio Bauru a *oeste*, até o Córrego da Grama, formando uma linha, onde hoje localiza-se a Rua 1º de Agosto. As primeiras casas apareceram junto à estrada, que ligava os sertões à

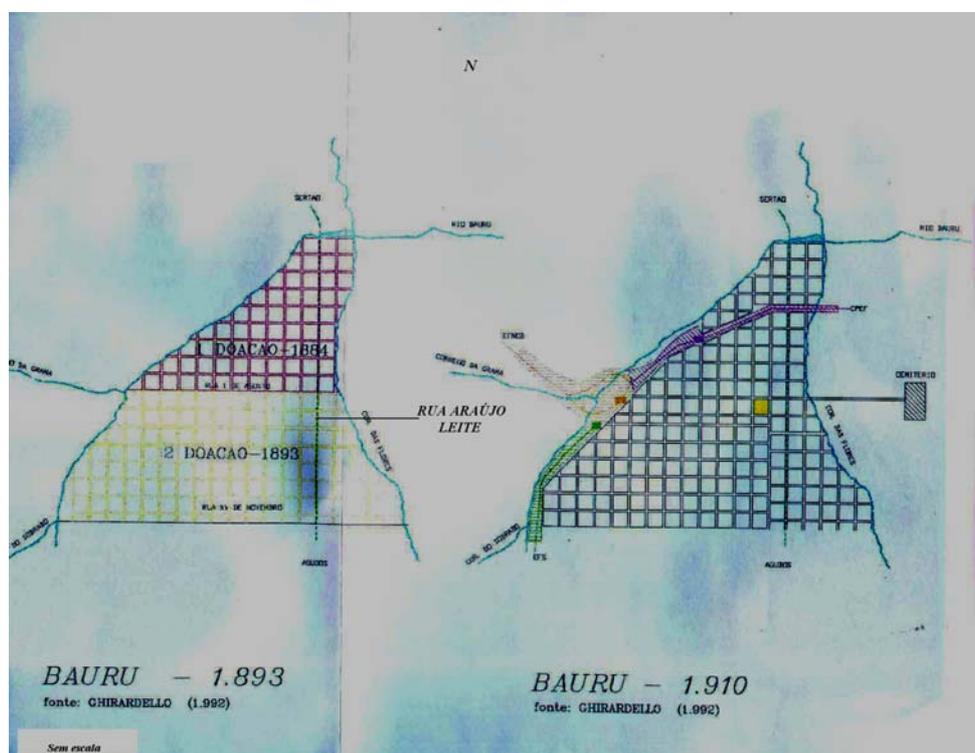


**Mapa 04 – Recorte da planta topográfica de Bauru e região. Localização do antigo município de Espírito Santo de Fortaleza. Escala 1: 250.000.**

**Fonte: Biblioteca virtual do IBGE.**

7 CONSTANTINO, Norma R. T. ; RIGINATO, Maria Helena, op. cit., p. 02 – 03.

Fortaleza, antiga sede do município, entre o *norte* e o *sudeste* e as cidades de São Paulo dos Agudos e Lençóis - Paulista. Esta estrada daria origem posteriormente a atual Rua Araújo Leite, (*Planta urbana 03*) na confluência do Córrego das Flores com o Rio Bauru. O primeiro arruador, Vicente Ferreira de Farias em 1888, toma por base estas duas últimas ruas, e passar a traçar as demais vias da cidade. O traçado é configurado em forma de tabuleiro de xadrez, compondo quadrículas de 88 por 88 metros, sem preocupação com eixos principais, avenidas ou área para praças. Com a doação de 1893, o arruamento é estendido de forma contínua, até pouco acima da atual Rua 15 de novembro. (*Planta urbana 01*) Pouco tempo após a formação do patrimônio, em 07 de janeiro de 1896 é transferida a sede do município do Espírito Santo de Fortaleza, para o Distrito de Bauru.



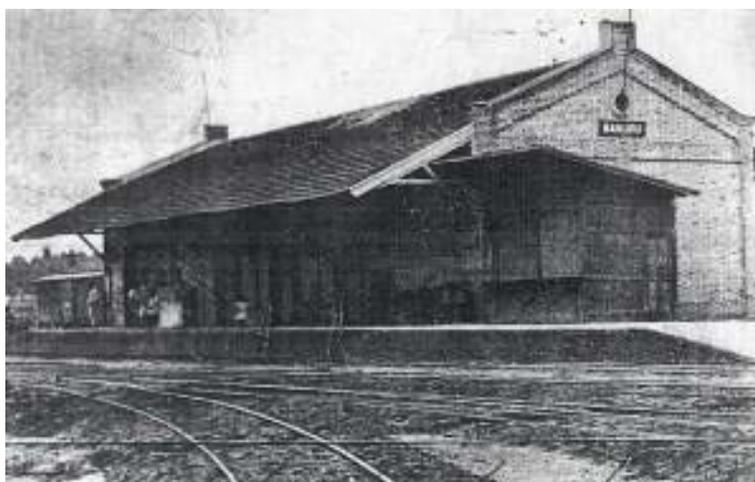
***Planta urbana 01 – Patrimônio de Bauru.  
Fonte: SEPLAN - Plano Diretor de 1996.***

A 1º de agosto do mesmo ano, o município passa a denominar-se Bauru. A transferência é concretizada devido à existência de maior número de habitantes, eleitores e uma atividade econômica superior a Fortaleza. (8)

## 2. O processo de urbanização e as ferrovias.

... ”Nesta época, vinham em direção da pequena povoação de Bauru duas estradas de ferro, construídas por particulares e que o governo, aos poucos, autorizava a prolongar as suas linhas. Eram a Cia. União Ituana e Sorocabana e a Cia. Paulista de Vias Férreas e fluviais. Em 1889, ano da República, a antiga Paulista já havia chegado com seus trilhos a Dois Córregos e a Sorocabana, em Botucatu... A abertura das fazendas sucedia-se no município, que tinha uma enorme extensão: iniciava suas divisas com Lençóis, descia pelo caudaloso rio Tietê até a foz do rio Paraná e, descendo por este até a foz do Aguapey, alcançando o sopé da Serra dos Agudos”... (9)

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro inaugurou em 1903, uma estação em São Paulo dos Agudos, cidade próxima a Bauru. Também a Sorocabana, visando a meta de



**Foto 04 – Estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Início do século XX.**

**Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br> - s/d**

**Acessado no dia 05 de janeiro de 2007.**

8 Plano Diretor de Bauru – 1996. *Evolução urbana*, p. 28.

9 PELEGRINA, Gabriel R. ; ZANLOCHI, Terezinha S. *Ferrovia e urbanização: o caso de Bauru*. Bauru: USC, 1991, p. 04.

atingir o Mato Grosso, chegou a Bauru em 1905, ano que também se iniciou a construção da 'Noroeste'. O início dos trabalhos da 'NOB', em julho de 1905, foi saudado pelos habitantes de Bauru, como a grande oportunidade para se integrarem à prosperidade do Estado de São Paulo. Nesta época, Bauru contava com 200 casas e 600 habitantes. A partir do momento em que se definiu Bauru, como o ponto de partida dos trilhos com destino às terras mato-grossenses, foram construídas edificações, destinadas a abrigar os administradores e todo o funcionalismo da estrada de ferro.



***Foto 05 – Estação original da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.***

***Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br> - s/d***

***Acessado no dia 05 de janeiro de 2007.***

Com a vinda das ferrovias, as áreas patrimoniais valorizaram-se e a relação entre a Igreja Católica, proprietária do patrimônio, e a Câmara de vereadores, tornou-se bastante difícil, devido às desapropriações executadas pelo órgão municipal. Em 1927 ocorre a mudança dos direitos foreiros sobre as áreas patrimoniais e Bauru torna-se uma das poucas cidades onde o aforamento é negociado entre a Igreja e a iniciativa privada. A alegação seria a necessidade de fundos para construção da igreja matriz e do centro católico (10)

---

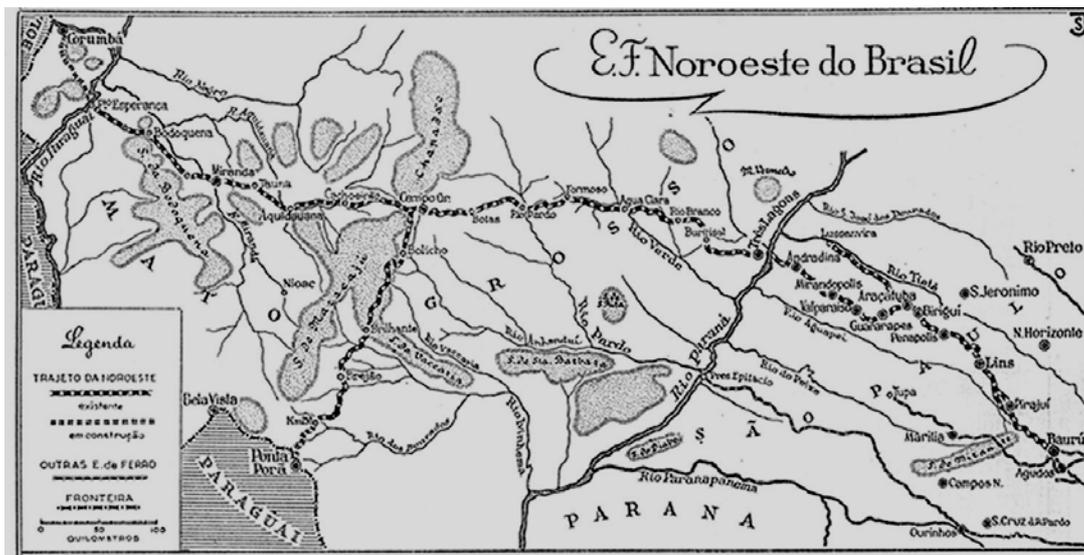
10 CONSTANTINO, Norma R. T. ; RIGITANO, Maria Helena , op. cit., p. 04.

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro constrói sua primeira estação no início da atual Rua Agenor Meira em 1910 (*Planta urbana 16*). Chega cortando as principais ruas da época, permitindo passagem apenas na Rua Araújo Leite, com a construção de uma ponte e na Rua Antonio Alves em nível, vias essas na época com maior número de edificações. Conseqüentemente, a ferrovia reforçou a barreira já existente, produzida pela topografia do fundo do vale com relação ao setor norte e oeste da cidade e segregou uma parte do patrimônio, situado entre a linha férrea e o Rio Bauru. O resultado final foi um traçado ferroviário localizado nos fundos dos vales, reforçando em toda a sua extensão urbana, os obstáculos apresentados pelos cursos do Rio Bauru e de seus afluentes. (11)

A cidade nascia à margem do Rio Bauru, expandiu-se preferencialmente pela encosta sul menos acidentada, onde caracterizou-se a cidade propriamente dita, com todos os seus equipamentos. À margem esquerda, em terrenos mais recortados pela hidrografia, desenvolveram-se, desde o início, os bairros de caráter mais popular. Com o movimento trazido pelas ferrovias, o eixo principal se desloca da Rua Araújo Leite para a Rua Batista de Carvalho. (*Planta urbana 03*) Em 1908 é doada área para um novo cemitério, atual Cemitério da Saudade (*Planta urbana 07*) que ocasionou a construção de uma ponte sobre o Córrego das Flores e a abertura de avenida de acesso, atualmente parte da Rua 1º de Agosto. Vila Cardia nasce destes melhoramentos, a oeste da região central da cidade. Em 1918, Vila Falcão (*Planta urbana 17*) primeiro bairro de Bauru, é incorporado ao perímetro urbano, já com relativa população. Bastos (2002) coloca a situação de área em questão em 1918, através de uma reportagem do antigo jornal bauruense “*Correio da Noroeste*”:

---

11 Plano Diretor de Bauru - 1996, op. cit., p. 29.

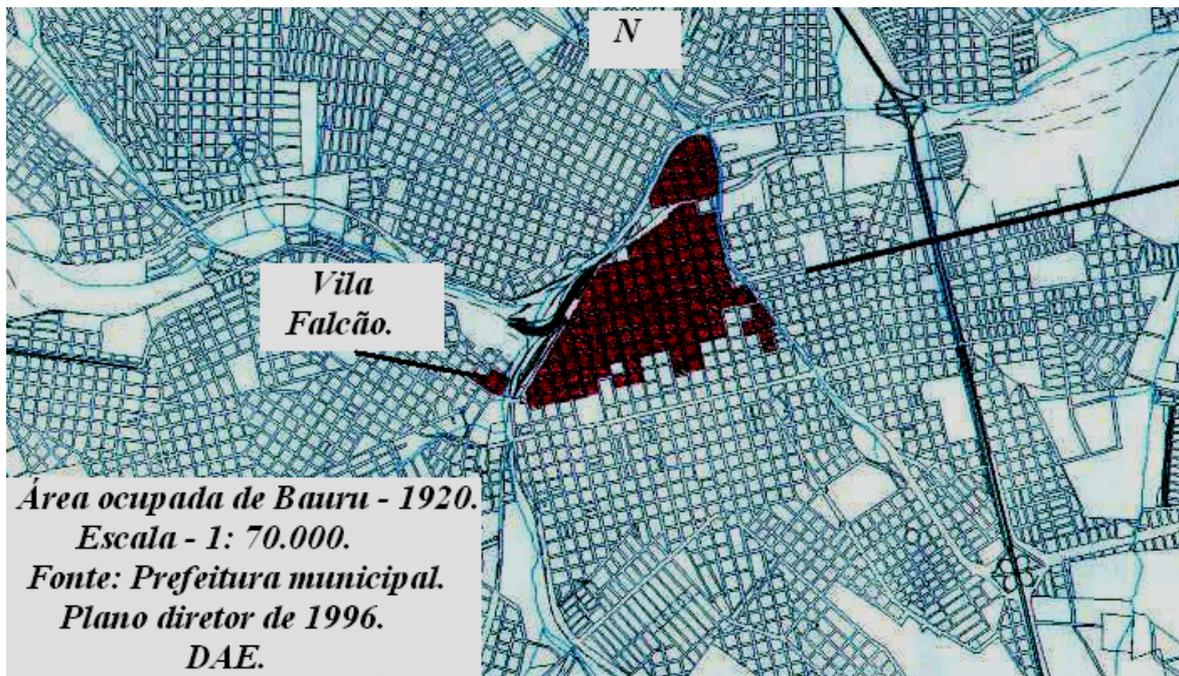


**Mapa 05 – Traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.**  
**Fonte: <http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>**  
**Acessado no dia 12 de janeiro de 2007.**

...”Os terrenos em que se assentava Vila Falcão, o mais populoso bairro bauruense, eram cobertos até 1918 mais ou menos, por extenso campo, cortado pelas estradas que conduziam à vizinha cidade de Piratininga, à Fazenda Val de Palmas, à Fazenda Boa Vista e Santa Luzia do Serrote ou Mirante e à Chácara do Sr. João Güaggio. Em fins daquele ano foi organizada, pensamos que por Ernesto Kluge, a planta dos terrenos pertencentes a Maria Falcão Machado, que os houve de Ismael Marinho Falcão, o qual os teria adquirido em pagamento dos trabalhos de engenharia nas divisões de terras em que figurava como técnico... Pela lei nº 145 de 29 de julho de 1918, Vila Falcão passou a integrar o perímetro urbano do município, fato que facilitou seu loteamento”... (12)

Outro bairro fora do patrimônio que abrigou vasta porção do operariado bauruense foi Vila Antártica, formada em função da instalação desta indústria, uma das primeiras da cidade e do caminho em direção a Pederneiras. Assistia-se a um aumento da população urbana, em função das ferrovias, início da industrialização e incremento do comércio. Os comerciantes, procurando instalar-se em áreas próximas da estação ferroviária, passaram a se instalar ao longo das dez quadras da Rua Batista de Carvalho (*Planta urbana 03*). O

12 BASTOS, Irineu Azevedo. *Falcão/Independência. Nossa gente e nossa história*. Bauru: USC, 2002, p. 14.



*Planta urbana 02 – Área ocupada de Bauru – 1920.*  
*Fonte: SEPLAN - Plano Diretor de 1996.*

mesmo aconteceu com o ramo de hotelaria, que construiu seus estabelecimentos, próximos a estação da NOB (*Planta urbana 06*). As três ferrovias instaladas em Bauru despejavam diariamente centenas de pessoas que vinham à procura de trabalho e que acabavam fixando-se no município. A cidade no final dos anos 1910 crescia a ‘passos largos’. Neste



*Foto 06 – Sede da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Bauru – 1938.*  
*Fonte: <http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>*  
*Acessado em 12 de janeiro de 2007.*



Em 1917 o Governo Federal encampou a “*Noroeste do Brasil*”, ao mesmo tempo em que determinou a fixação da sede da ferrovia em Bauru. Paralelamente, todos os funcionários de Três Lagoas, São Paulo e Rio de Janeiro foram removidos para a nova sede. A cidade passou a receber novos habitantes, acompanhados de suas famílias. Consequentemente, as oficinas da ferrovia foram inauguradas em 1921. Durante muito tempo, o funcionamento destas últimas sintonizou-se com a rotina da população bauruense. A memória dos habitantes era relacionada à vida dos ferroviários: os relógios da cidade eram corrigidos pelo apito a vapor, semelhante aos dos navios, que marcavam o início e final do expediente de trabalho. O alvorecer nos 1920 trouxe uma Bauru bastante diferente, daquela encontrada pelos engenheiros da ‘Noroeste’, quando do início dos trabalhos de sua



*Foto 07 – Interior da estação da ‘Noroeste’ – anos 1940.*

*Fonte: <http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>*

*Acessado no dia 12 de janeiro de 2007.*

instalação. As transformações ocorridas com a cidade, através da chegada das ferrovias são apresentadas por Losnak, op. cit., dentro destes parâmetros:

...”surgimento do cinema; criação do primeiro jornal (1906); instalação de serviços de água e de esgoto (1910), luz elétrica (1912) e telefone (1907); criação de um clube social recreativo para bailes (1907); surgimento de um time de futebol dos funcionários da Noroeste (1910); abertura de uma Coletoria Federal (1908) e de um banco (1910); movimentações operárias, como a greve dos trabalhadores da Noroeste em 1913; criação da comarca (1911); e posteriormente, construção de um prédio próprio (1913); fundação da Sociedade Italiana ‘Dante Alighieri’ (1906); instalação da Santa Casa (1912); fundação da Sociedade Beneficente Portuguesa (1914); abertura do primeiro Grupo escolar (1913); construção de uma nova matriz (1915); transferência da sede da NOB, até então localizada no Rio de Janeiro (1917), e instalação de suas oficinas (1921); crescimento populacional, de 7.815 habitantes em 1907 para 35.000 em 1922; redirecionamento urbano orientado pelas ferrovias, com instalação de um eixo monumental que limitou o crescimento no sentido norte-sul e acelerou no sentido leste-oeste”... (15)

### 3. A mancha urbana entre os anos 1920 e a década de 1960.

A partir da década de 1920 o alto custo dos terrenos dentro do patrimônio fez com que, grande parte dos moradores procurasse áreas fora do perímetro urbano, mais baratas devido a falta de melhoramentos e dificuldades de acesso. Estas aglomerações deram origem a novos bairros, traçados segundo a conveniência do loteador para o maior aproveitamento da gleba. O que se observou foram ruas retas e quadras regulares, com total desprezo pelo sítio urbano: relevo e áreas inundáveis. O poder público assistiu passivamente à divisão aleatória do solo, sem nenhuma política de expansão urbana. O Código de Posturas aprovado em 1928 era extremamente liberal, com os quesitos relativos ao parcelamento de solo (*Planta urbana 04*). Não havia necessidade de doação de área

---

15 LOSNAK, Célio J., op. cit., p. 63.

pública, nem exigência de implantação de melhoramentos, transferindo esse ônus para o poder público: abertura e retificação de ruas nos terrenos suburbanos edificadas. (16)

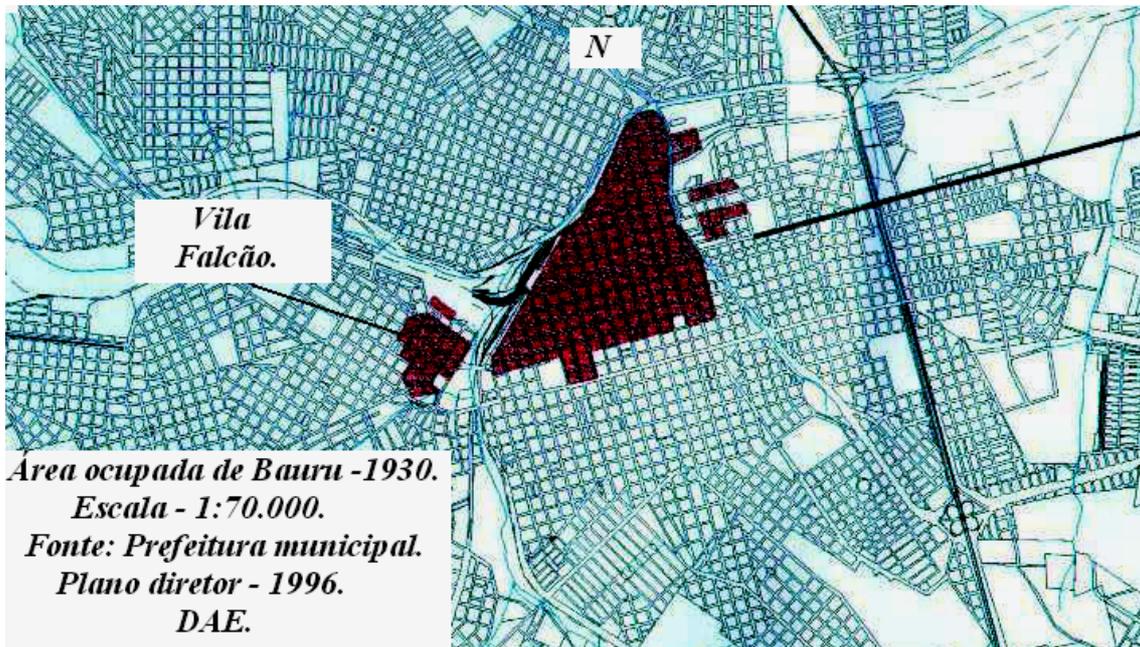
Após a formação do patrimônio, a área excedente da Fazenda das Flores foi parcelada inúmeras vezes. Esta propriedade rural, limítrofe à área do patrimônio religioso, tinha como principal limite o espigão da bacia hidrográfica, secundária do Córrego das Flores. Historicamente, a Fazenda constava pertencer originalmente a Antonio Teixeira do Espírito Santo, um dos pioneiros da região, que adquire a posse de Mariano José da Costa e de João Batista Monteiro em 1856. O primeiro parcelamento da fazenda em glebas ocorre a partir do início do século, entre 1906 e 1908, aparecendo linhas divisórias marcantes: os caminhos radiais que ligam o núcleo urbano de Bauru, a outras vilas e sedes de



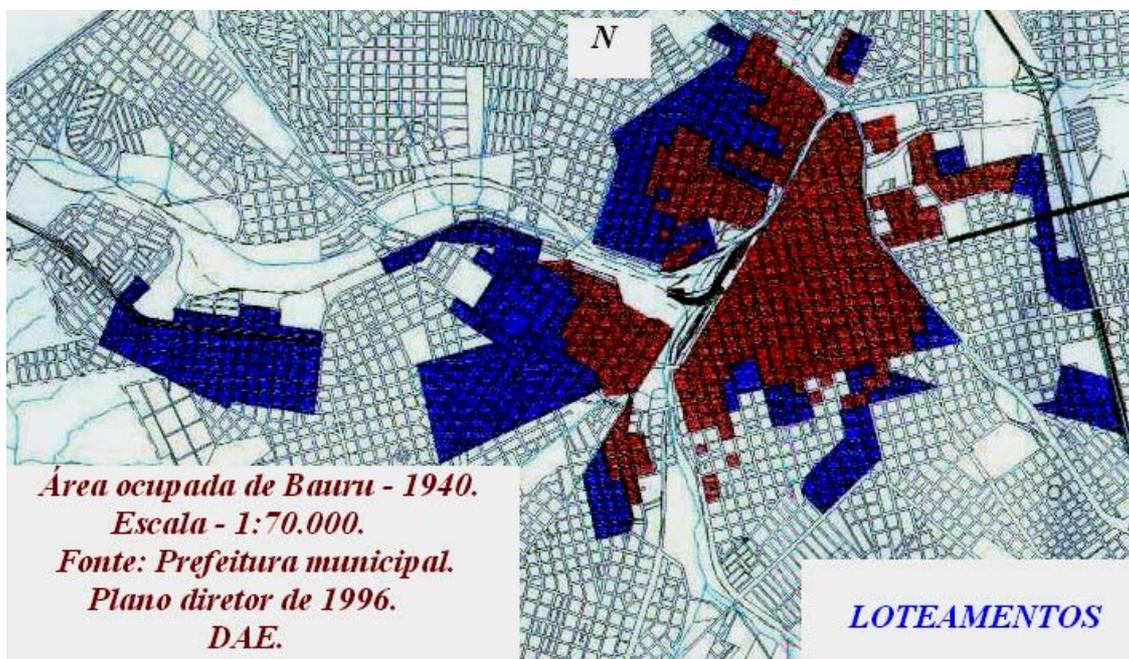
**Foto 08 – Rua Araújo Leite no final do século XIX.**

**Fonte: <http://www.sãojose.g12.br/>  
Acessado em 10 de janeiro de 2007.**

16 Plano Diretor de Bauru - 1996, op. cit., p. 30 – 31.



*Planta urbana 04 – Área ocupada de Bauru – 1930.*  
*Fonte: SEPLAN - Plano Diretor de Bauru -1996.*



*Planta urbana 05 – Área ocupada em Bauru – 1940.*  
*Fonte: SEPLAN - Plano Diretor de Bauru - 1996.*

grandes fazendas. Uma segunda etapa de parcelamento irá ocorrer na década de 1940, com maior intensidade. Os limites mais alongados se constituíram nas linhas que ligam o espigão até o *Córrego das Flores*. As glebas resultantes foram resultantes do formato de partilha entre herdeiros. A terceira etapa constatada constituiu-se no parcelamento, do solo em loteamentos urbanos. Estes foram comercializados pelos próprios proprietários ou por empresas imobiliárias, em sua maioria, resultantes da formalização da partilha entre herdeiros (*Planta urbana 05*).

***Fazenda Flores.***  
***Quadro comparativo dos loteamentos por décadas:***

<i>Década.</i>	<i>População Urbana.</i>	<i>Loteamentos.</i>	<i>Número de lotes</i>
<i>1900-1909</i>	<i>3000</i>	-	-
<i>1910-1919</i>	<i>15000</i>	<i>Patrimônio</i>	<i>943</i>
		<i>Vila Falcão</i>	<i>105</i>
<i>1920-1929</i>	<i>22733</i>	<i>Vila Antártica</i>	<i>162</i>
<i>1930-1939</i>	<i>32796</i>	<i>J. Bela Vista</i>	<i>573</i>
		<i>V. São Vicente</i>	<i>14</i>
		<i>Vila Vieira</i>	<i>128</i>
		<i>V. Bom Jesus</i>	<i>66</i>
		<i>V. Camargo</i>	<i>76</i>
		<i>V. Flores</i>	<i>50</i>
		<i>V. Bom Fim</i>	<i>39</i>
		<i>V. Maracy</i>	<i>314</i>
		<i>V. N.Marajoara</i>	<i>71</i>
		<i>Cidade jardim</i>	<i>198</i>
		<i>P. Roosevelt</i>	<i>836</i>
		<i>P.Alto Sumaré</i>	<i>240</i>
		<i>V. Gonçalves</i>	<i>215</i>
		<i>J. Avenida</i>	<i>69</i>
<i>1950-1959</i>	<i>85234</i>	<i>J. São José</i>	<i>97</i>

		<i>J. Araruna</i>	460
		<i>P. Primavera</i>	261
		<i>P.S. Cristovão</i>	461
		<i>V. Brunhari</i>	173
		<i>P. S. Cecília</i>	526
		<i>P. Boa Vista</i>	317
		<i>V. Vergueiro</i>	40
		<i>J. Petrópolis</i>	718
1960-1969	120178	<i>P.S. Geraldo</i>	544
		<i>J. M. Angélica</i>	153
		<i>J. Coral</i>	104
		<i>Jardim TV</i>	650
		<i>B. Madureira</i>	325
		<i>J. Santana</i>	175
		<i>Jardim Godoy</i>	118
		<i>Al.Higienópolis</i>	154

***Tabela 01 – Loteamentos originários da Fazenda Flores.***

***Fonte: SEPLAN - Prefeitura Municipal de Bauru.***

Estes loteamentos surgiram em todas as direções: ao *norte*, com características populares: Vila Seabra, Jardim Bela Vista (*Planta urbana 06*); a *leste*, paralela a estrada de Pederneiras: as instalações industriais e o quartel do Exército, Vila Cardia, Vila Santo Antonio e Vila das Flores (*Planta urbana 07*); a *oeste*: anexa a Vila Falcão, Vila Souto (*Planta urbana 17*); ao *sul*: em área anexa ao patrimônio (*Planta urbana 11*): Vila Santa Tereza, Vila Santa Clara, Jardim América, ocupadas pelas classes mais abastadas. A construção do hospital Beneficência Portuguesa em 1913, acelerou a ocupação destas últimas áreas. (17)

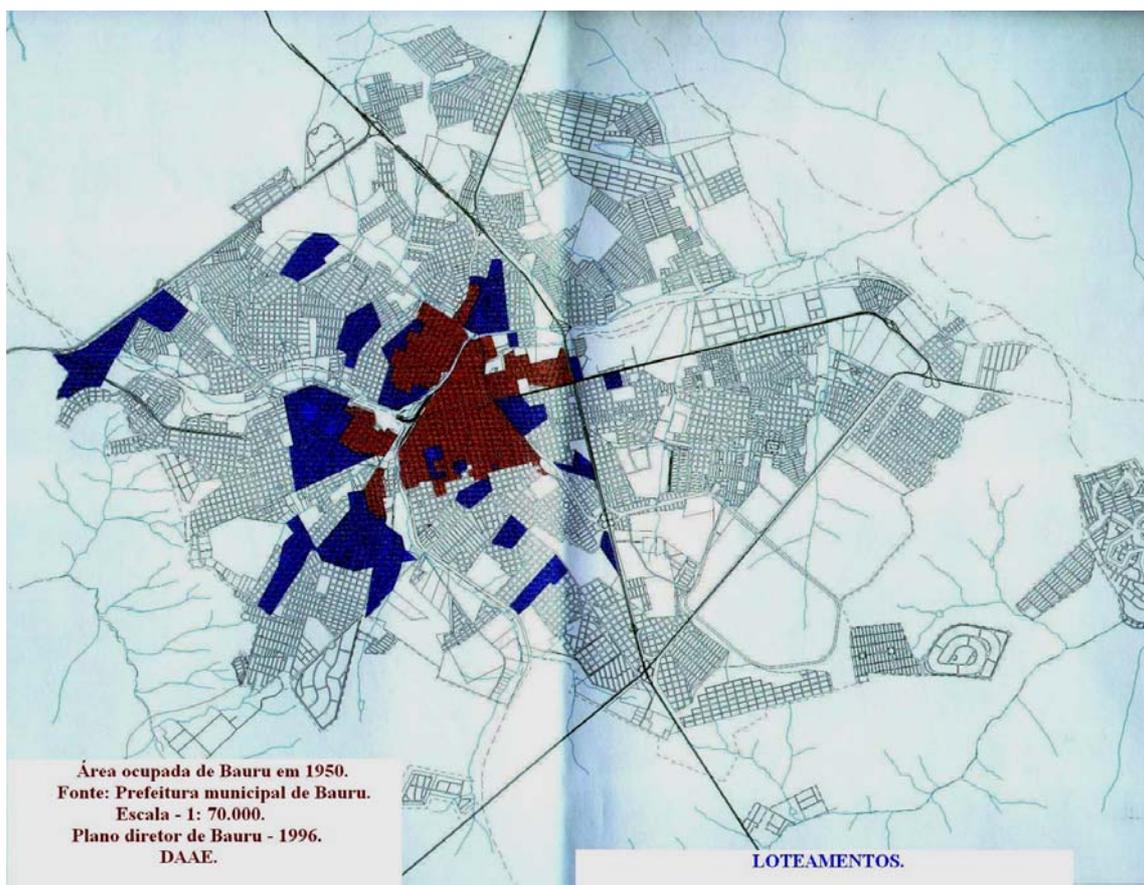
O ciclo do algodão, que sucedeu ao declínio da cafeicultura, elegeu a cidade de Bauru como local ideal para investimento. A cidade tomou novo impulso após 1935, com o crescimento da cultura algodoeira e a instalação de beneficiadoras de algodão, ao longo das linhas ferroviárias: Anderson Clayton e Sanbra. Durante esta época foram criadas pelo

17 Plano Diretor de Bauru – 1996., op. cit., p. 31





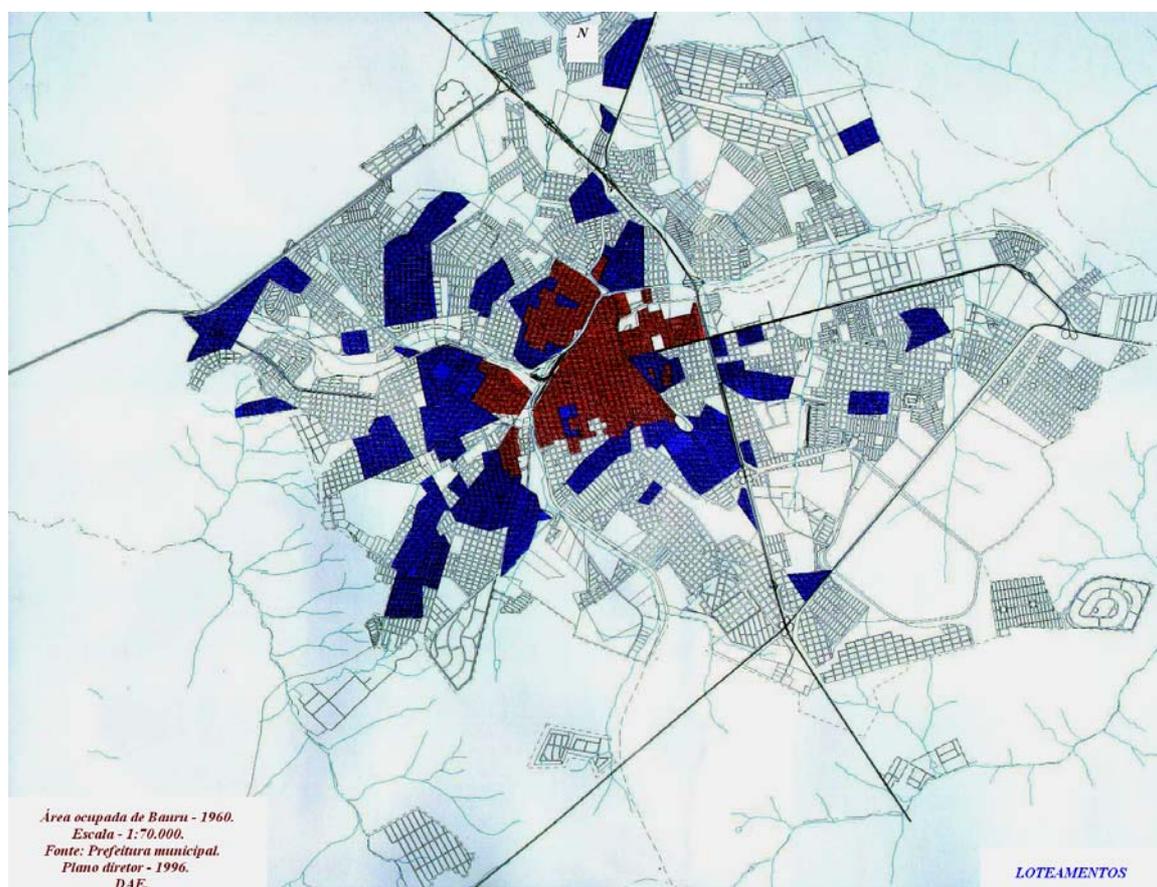
Edwirges, Parque Giansante e Ferradura Mirim são exemplos típicos. Estes parcelamentos de solo foram construídos fora da malha urbana, sem infra-estrutura, permanecendo ociosos ou subutilizados por décadas.



*Planta urbana 08 – Área ocupada de Bauru – 1950.  
Fonte: Plano Diretor de Bauru - 1996.*

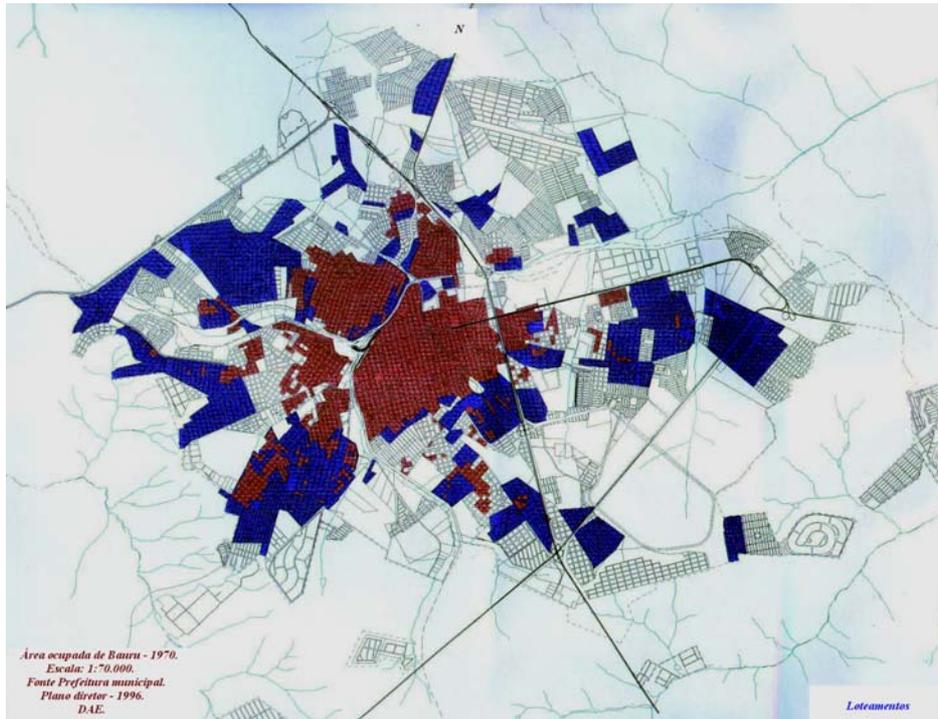
Em fins dos anos 1960, a ocupação urbana concentrava-se na parte central da cidade. Jardim Bela Vista, Parque Vista Alegre, Vila Falcão e Vila Independência eram os bairros mais populosos, sendo que a Rodovia Marechal Rondon era ainda uma forte barreira limitante da ocupação, no sentido leste da cidade (*Planta urbana 09*) A maioria dos

loteamentos existentes era ainda desocupada. Somente na década de 1970 (*Planta urbana 10*), o perímetro urbano passou a abranger também os loteamentos mais afastados. (18)

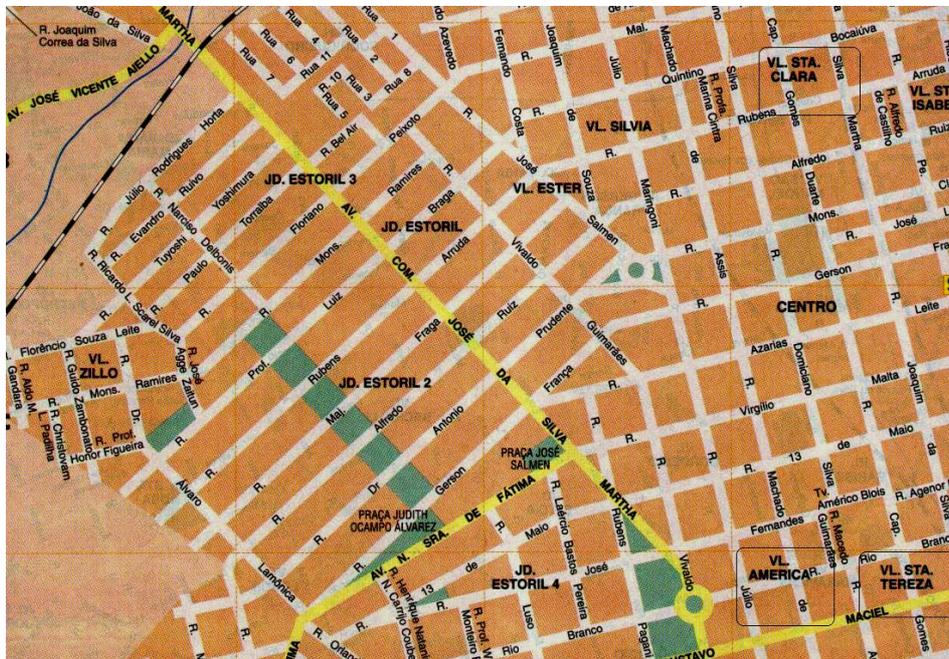


***Planta urbana 09 – Área ocupada de Bauru em 1960.  
Fonte: SEPLAN - Plano Diretor de Bauru - 1996.***

18 Plano Diretor de Bauru - 1996, op. cit., p. 31 – 33.



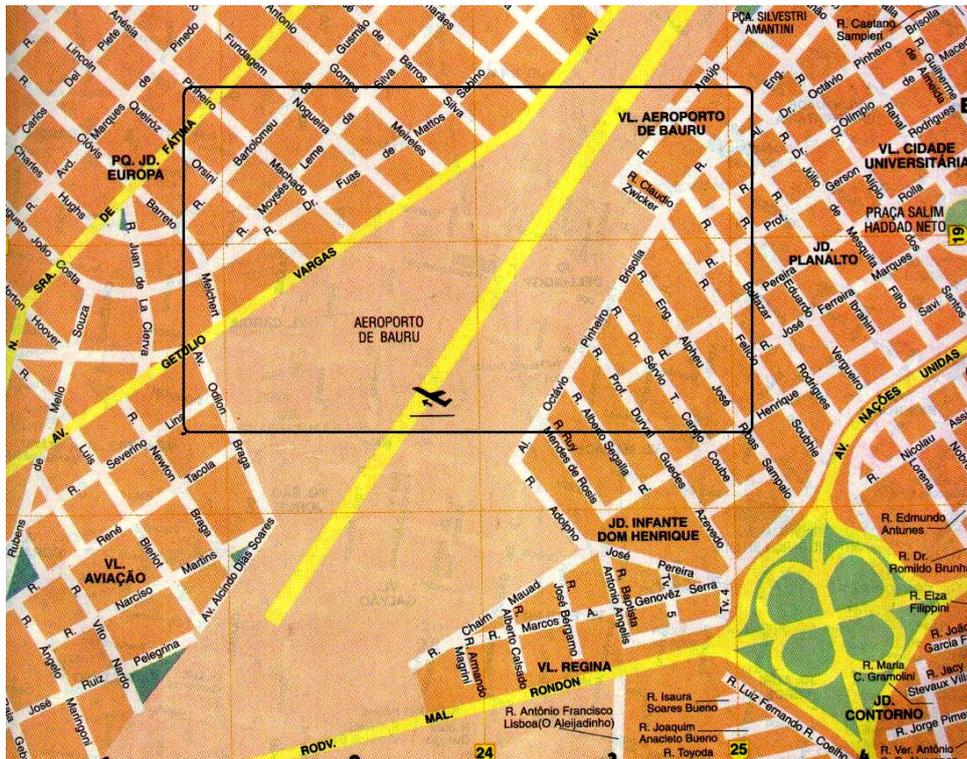
*Planta urbana 10 – Área ocupada de Bauru – 1970.  
Fonte: SEPLAN - Plano Diretor de Bauru - 1996.*



*Planta urbana 11 – Localização dos bairros nobres ao sul da cidade. Loteados a partir dos anos 1940. Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



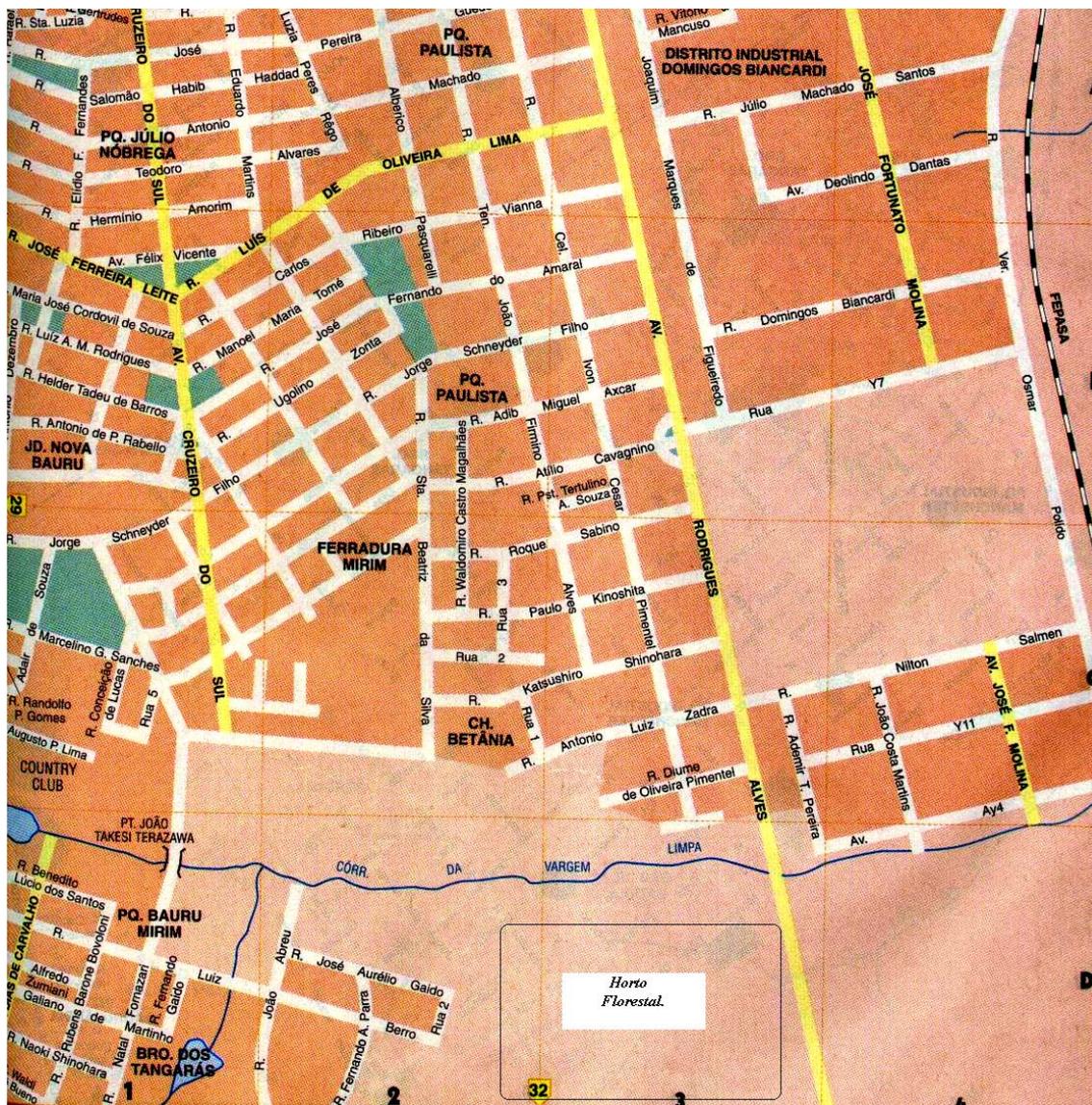
*Planta urbana 12 - Rodovia Marechal Rondon seccionando a malha urbana da cidade.  
 Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala - 1:10.000.*



*Planta urbana 13 – Vetor de crescimento ao sul da cidade: aeroporto.  
 Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



*Planta urbana 14 – Vetor de crescimento a sudoeste da cidade: Recinto de exposições Mello Moraes. Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



*Planta urbana 15 – Vetor de crescimento urbano a leste: “Horto florestal”,  
atualmente Parque ecológico municipal.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



## CAPÍTULO IV

### A FORMAÇÃO DO POPULISMO.

O ademarismo e a paisagem urbana: 1948 – 1955.

...”Dependendo das características dos municípios, este pacto coronelístico deixa de existir a partir de 1945, e principalmente naqueles municípios marcadamente urbano-industriais, pois a entrada em peso das ‘massas’ no processo político eleitoral introduz novos fatores definidores do sistema político local. O populismo passa a ser um fenômeno marcante neste momento”... (1)

...”Muitos dos grupos políticos que organizaram o sistema partidário municipal possuíam suas raízes no período anterior, ou nas épocas mais longínquas, no período dos coronéis, que o Estado Novo não conseguiu exterminar”... (2)

...”O populismo se define como um instrumento de manipulação de massas que se fez valer dos apelos reformistas ligados a uma política de bem estar social, fazendo crer na cooperação entre capital e trabalho, amortecendo os conflitos de classe e enfatizando os conceitos de povo e de nação”... (3)

O processo de urbanização de Bauru distinguiu-se dos demais municípios paulistas. Os níveis de crescimento urbano durante a maior parte do século XX, assemelharam-se aos da capital do Estado. Em meados do período populista, entre 1950 e 1960, São Paulo atingia o índice de 88%, aproximando-se do êxodo-rural completo. (4) As taxas bauruenses caminhavam no sentido de aproximarem-se de 92%, definindo o fato de que seu processo de urbanização possuía características diferentes, é contemporâneo da gênese do município. O restante da região apresentava dados inferiores. A urbanização constituiu-se como produto do advento das ferrovias, principalmente da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

---

1 KERBAUY, Maria Teresa M. *Poder político local. Do coronelismo ao populismo (um estudo de caso: São Carlos)*. São Paulo: PUC, 1979, p. 12 – 13. (Dissertação de Mestrado).

2 Ibid., p. 18.

3 Ibid., p. 19.

4 LOSNAK, Célio J, op. cit., p. 76.

O crescimento desta cidade está associado ao expressivo contingente populacional, nela estabelecida como reflexo da afirmação das ferrovias. Entre 1920 e 1934, Bauru passou de 20.389 para 45.852 habitantes (*IBGE*), com um índice de urbanização superior aos das demais cidades da região. Exemplificando Agudos na mesma fase, a taxa de urbanização atingiu o índice de 19,02%, enquanto que Jaú obtinha 35,05%. Conseqüentemente, Bauru tornou-se um núcleo urbano diferenciado, marcado pela importância do setor de serviços em sua economia. A década de 1930 observou-se o final do domínio da oligarquia cafeeira, em um fenômeno político e social, que já era observado no final dos anos 1920. Neste período, entre 1918 e 1920 nasce um movimento que discordaria das bases da política coronelista na cidade de Bauru, predominante durante a República Velha. Contrariando os ditames desta política, surge Octávio Pinheiro Brisolla na vida pública bauruense. Bastos, op. cit., destaca a vida de Brisolla e sua participação na revolução de 1924 e de 1930:

... "Foi vereador no período de 1918 a 1920 pelo Partido Republicano Paulista, acumulando o cargo de prefeito em 1918 e 1919, quando este, na República Velha, era escolhido pelos demais vereadores, sucedendo ao médico José Vicente Figueira de Mello nesse cargo e perdendo-o por discordar da política perrepista, vinculando-se ao grupo oposicionista de Gustavo Maciel, a partir daí. Quando os revolucionários de Isidoro Dias Filho acamparam em Bauru em 1924, por intermediação do médico Alípio dos Santos, Brisolla estabeleceu relações com a força revolucionária... Quando a tropa revolucionária invasora partiu rumo ao Paraná, Brisolla acompanhou-a, mas depois dela desligou-se, indo residir em Posadas na Argentina... Brisolla voltou para Bauru em 1926, ano de falecimento de seu pai, Octaviano Martins Brisolla, presidente da Câmara municipal de Fortaleza, quando de sua elevação em município em 1889. Durante a Revolução de 1930, ocupou o cargo de delegado de polícia, mudando-se posteriormente para São Paulo, onde exerceu o cargo de chefe de gabinete do secretário de Viação e Obras Públicas e posteriormente diretor do Instituto Disciplinar Mauá. Voltando a Bauru, devido a seu passado político, elege-se prefeito pelo Partido Republicano"... (5)

---

5 BASTOS, Irineu Azevedo, op. cit., p. 264 – 265.

Octávio Pinheiro Brisolla foi testemunha viva dos acontecimentos sociais e políticos que nortearam o município de Bauru, durante a fase de transformação ocorrida com o Brasil, entre os anos 1920 e 1940. Prefeito duas vezes, pela primeira vez durante a República Velha, atuando como político vinculado ao antigo Partido Republicano Paulista e após o final do Estado Novo em 1947, como político vinculado às massas urbanas, Brisolla distinguiu-se dos demais pela capacidade de adaptação aos novos tempos. No final dos anos 1920 participou dos movimentos que almejavam empreender grandes reformas estruturais no Brasil. Aderiu a Getúlio Vargas e a Revolução de 1930. Seguiu os caminhos da nova geração de políticos que nasceram com a intensa urbanização brasileira e a ascensão das grandes massas urbanas, que desejavam direitos civis, ignorados pelas oligarquias rurais. Brisolla tornou-se populista, aos moldes de Pedro Ernesto, prefeito do Rio de Janeiro nos anos 1930. Opondo-se às elites do período anterior, mesmo originando-se delas, tornou-se o pioneiro em políticas populistas, inovando em ações sociais, construindo este fenômeno em Bauru, atuando na inserção das massas urbanas.

Octávio Brisolla, precursor do direito trabalhista na cidade de Bauru, trabalhou e auxiliou multidões em questões jurídicas, sem objetivar retornos políticos. Mesmo durante todo o Estado Novo, Brisolla assistiu aos mais necessitados, sem lhes nada barganhar. Representou a ponte entre a República Oligárquica e a Revolução de 1930 em Bauru, constituindo-se em um novo político, que se adaptou aos novos tempos. Sua futura adesão ao ademarismo, no final da década de 1940, foi conseqüência da ausência de opções políticas, naquele período no interior paulista. Entretanto, sua convivência com Adhemar e o PSP tornou-o com o passar dos anos, um ardoroso defensor das políticas públicas ademaristas. A aparente contradição entre o estilo austero de Octávio Brisolla e a incontinência administrativa do ademarismo, explica-se pelo companheirismo e o bom

tratamento ofertado a ele durante todos os anos de fidelidade política. Seu filho Marco Aurélio, que o acompanhou em toda sua vida política e também ex-vereador, analisa assim sua personalidade:

...”Muito alto, magro, sendo que seus olhos azuis fulguravam no Tribunal do Júri. Lutou contra toda sorte de dificuldades humanas, de todas as espécies, ajudando a quem lhe procurasse, sem objetivar nenhum retorno político, mesmo em épocas quando o processo eleitoral estava suspenso... Entretanto era muito possessivo em seus atos, em suas idéias e em seus comandos”... (6)

Neste período de transição da política coronelista para o populismo, pode-se afirmar que houve uma ruptura entre um regime autocrático para um regime representativo. Entre o final da República Oligárquica em 1930 e a ascensão da política populista após a redemocratização, observa-se que o compromisso político não estava mais definido em termos de adesão pessoal. O que se verifica é a manipulação das aspirações populares em nome de interesses ditos gerais, determinado pelo compromisso populista.<sup>(7)</sup> Esta tendência já era verificada, quando do desligamento de Brisolla do Partido Republicano Paulista no início dos anos 1920 e sua adesão ao “*tenentismo*” neste mesmo período. Com a intensa urbanização deste período, Bauru caminha rapidamente para o compromisso populista.

A Constituição do Estado Novo de 1937 trouxe para a ordem institucional as seguintes modificações: concentração do poder político nas mãos do Presidente da República; fechamento do Congresso Nacional, das Assembléias Estaduais e das Câmaras municipais; o Sistema Jurídico subordinou-se ao Poder Executivo e os Estados passaram

---

6 Depoimento cedido pelo *Professor Marco Aurélio Pinheiro Brisolla*, em entrevista realizada em 08 de dezembro de 2006 na Câmara Municipal de Bauru.

7 KERBAUY, Maria Teresa M., op. cit., p. 95.

a ser administrados por interventores nomeados por Vargas. Entretanto, por sua vez possuíam liberdade de nomear os prefeitos municipais, mantendo as orientações relativas à transferência dos impostos estaduais aos municípios. Isto significou maior independência dos prefeitos nomeados em relação aos grandes proprietários rurais.

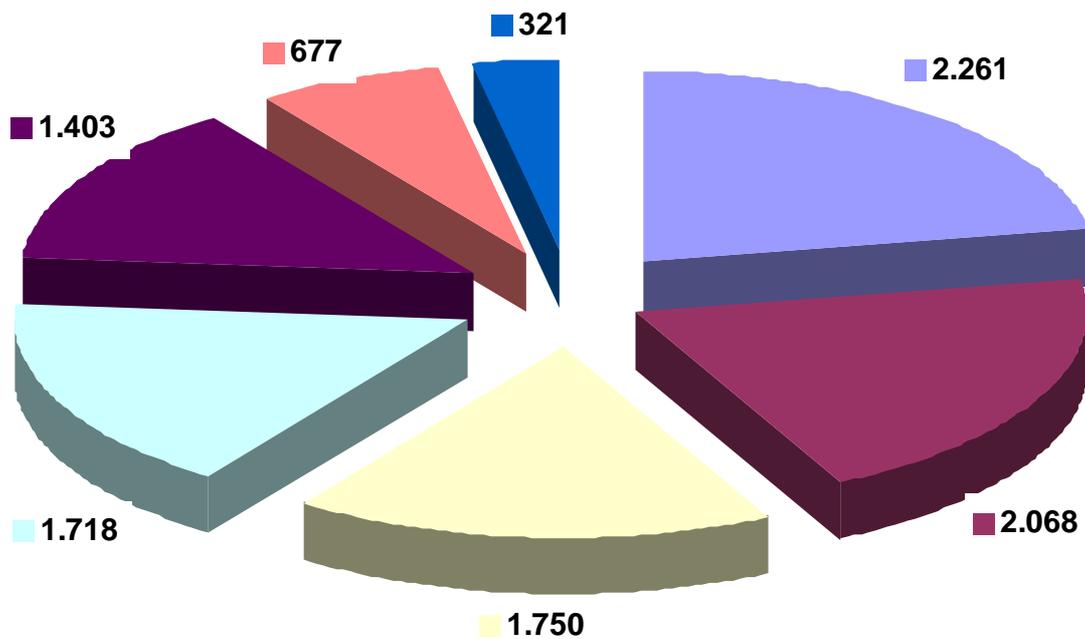
O clientelismo de Estado apresenta suas raízes ao nível local. O município passa a configurar-se no ponto de transformação entre a ordem derrotada em 1930 e a novo poder, que nasce a partir da implantação do Estado Novo e o posterior período democrático. Em 1936, última eleição antes da ditadura getulista, a maioria dos vereadores e prefeitos eleitos ainda era oriunda das elites tradicionais da República Velha, indicando uma reintegração da velha ordem ao novo sistema político. Entretanto, o período entre 1930 e 1934 criou condições, para sua substituição completa após 1945. As antigas elites agrárias, as novas classes médias, o nascente operariado urbano estabeleceram um novo pacto cooperativo, através do acesso privilegiado às modernas estruturas estatais e suas benesses, construídas com o Estado Novo. O populismo, em sua versão multiclassista, na tentativa de representar todos os setores sociais, prospera justamente neste período. As elites políticas novas e velhas passaram a alimentar um clientelismo de Estado, fazendo dele uma estratégia de consolidação do poder. O advento do pluralismo partidário, de eleições diretas e o retorno formal à separação dos poderes de Estado, determinados pela Constituição de 1946, não destruiu a estrutura institucional montada na fase 1930-1945. Estas novas instituições foram acopladas e superpostas à composição anterior: sistema de interventoria e arcabouço corporativista sindical, possuidor de uma potente capacidade decisória.

A rede de interventores e prefeitos nomeados vai se constituir na base para a reestruturação do sistema partidário e das lideranças políticas que surgiram neste período, fortalecendo o clientelismo. Em São Paulo, o exemplo de Adhemar de Barros e a utilização

do sistema de interventorias são marcantes, para a reorganização dos partidos pós 1945. Após três anos como interventor federal, Adhemar consolidou liderança própria, não somente a Getúlio, mas também às lideranças perrepistas tradicionais. O novo interventor passou assim a construir sua própria máquina política em lugar de prestigiar as correntes já estabelecidas. Com este objetivo, Barros demitiu todos os prefeitos do Estado, nomeando para seus lugares elementos jovens, muitos dos quais sem qualquer vinculação com o PRP, e às vezes, vinculados a grupos rivais a este partido. Em Bauru, *Ernesto Monte* assumiu a prefeitura em 1938 e deixou-a somente em 1947, com a redemocratização. Conseqüentemente, observou-se a renovação das esferas políticas municipais, recrutadas a partir de uma base social mais ampla. A nomeação de elementos jovens, muitos dos quais sem qualquer ligação com o PRP, foi o primeiro passo desta nova tendência.

A assistência ao interior também foi dinamizada através do Departamento de municipalidades, órgão diretamente subordinado ao interventor, que abriu créditos especiais para obras de saneamento e implantou um sistema de financiamento mais flexível para as prefeituras, com taxas de juros baixas. As obras realizadas com o apoio do governo eram sistematicamente inauguradas com festividades em que Adhemar entrava em contato direto com a população local, o que contribuiu para afirmar sua imagem de administrador ousado e político atento aos problemas do povo humilde. Essa imagem foi cuidadosamente alimentada através da utilização da máquina administrativa do Estado, dos prefeitos nomeados e de uma ativa política de propaganda que chegou a utilizar o cinema, como na série de documentários intitulada: “*O bandeirante na tela*”. A centralização do Estado, a grande ampliação de suas agências, autarquias e institutos de política econômica fizeram com que os novos partidos e as lideranças políticas nos vários níveis de governo,

*Eleições Bauru.  
15 de novembro de 1947.*



■ Octávio Pinheiro Brisolla - PR	■ João Simonetti - PTB/PSP
■ José Rodrigues Gonçalves - UDN	■ Breno Ribas - PSD
■ Darcy Cesar Improta - PTN	■ José Lemos de Almeida - PSB
■ Jurandir Bueno - PRP	

*Figura 01 – Gráfico demonstrando os resultados eleitorais do pleito majoritário, realizado em 1947 no município de Bauru e a vitória de Octávio Pinheiro Brisolla. Fonte: Irineu Azevedo Bastos in Eleições municipais I. Analisando os resultados, observa-se que mesmo neste período, os trabalhistas já demonstravam ser a segunda força política do município, vindo a constituir-se nas eleições subseqüentes, um dos sustentáculos do janismo nesta comunidade.*

dependessem cada vez menos dos velhos coronéis, para serem bem sucedidos nos municípios do interior paulista. As benesses estatais, o clientelismo advindo do “Estado cartorial” aliados intimamente ao ideário “populista-trabalhista” sedimentaram-se como recursos organizacionais de grupos políticos e partidos e substituíram os coronéis como árbitros supremos da vida política da região interiorana. Parece não haver muitas dúvidas de que o ideário modernizador e centralizador da Revolução de 30, que inspirava à reformulação da estrutura decisória do país, fez surgir uma plêiade de novos postos de poder burocrático-administrativo nos municípios. Seus ocupantes fizeram valer tais trunfos, na luta pelos mandatos eletivos que então, mostraram-se disponíveis com a democratização em 1945. (8) Pode-se que dizer que durante os 15 anos (1930-1945) de hegemonia política de Vargas foram atiradas, em terreno fértil, as sementes de um processo que pode ser chamado de “*clientelismo de estado*”, que veio a formar as bases dos partidos criados pós 1945, em especial o PSD, o PTB, o PSP, comandado por Adhemar de Barros e o Partido Trabalhista Nacional – PTN, versão e ramo do PTB, dirigido por Hugo Borghi. (9)

Analisando a questão do clientelismo é necessário, neste momento quando discute-se sua metamorfose entre seus tipos coronelístico e estatal, colocar alguns parâmetros a seu respeito. Bahia (2006) produziu uma tese de Doutorado que analisa os tipos de clientelismo e os diversos autores que trabalharam com este tema. Sua hipótese se opõe à concepção usual, que coloca a política clientelista como típico reflexo das carências sociais, econômicas e políticas estruturais dos países subdesenvolvidos. Conseqüentemente,

---

8 KERBAUY, Maria Teresa M. ; SOUZA, Maria do Carmo Campello de ; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Do clientelismo coronelista ao clientelismo de estado: a ascensão dos imigrantes na política do interior paulista*. Perspectivas, São Paulo, v. 26, 2003, p. 27 – 31.

9 *Hugo Borghi* nasceu em Campinas (SP), em 1910. Estudou Economia Política no Instituto Paolo Sarpi em Veneza, e no Instituto Bocconi, em Milão, Itália. Retornou ao Brasil em 1930 e passou

apresenta seu posicionamento a este respeito:

...”Logo vê-se que o clientelismo se manifesta em todos os modos de poder, concorrendo para a sua conservação e distribuição nos espaços não regidos pela lei. Por ter, inclusive, uma forma de costume. No passado essencialmente, e em nossa época, o clientelismo aparece como fator endógeno às sociedades estruturadas. Não podem elas – organização e hierarquia – prescindir dele”... (10)

...”No sistema político partidário é de boa norma condenar farisaicamente todo o clientelismo, como se a reação fosse bastante para eliminá-lo. Esta crítica ignora estar o fenômeno relacionado a qualquer forma de organização ou de ordem. Por isso, o grau de imoralidade da prática clientelista será sempre graduado pela avaliação ética de sua finalidade”... (11)

O padrão clientelista atual nasce na Antiguidade com ‘Roma’ e se aperfeiçoa durante o Feudalismo, quando os servos passam a relacionar-se com o senhor feudal, dentro de

---

a trabalhar em empresas privadas Estudou economia política no Instituto Paolo Sarpi, em Veneza, e no Instituto Bocconi, em Milão, Itália. Retornou ao Brasil em 1930 e passou a trabalhar em empresas privadas. Em 1932, participou como aviador do Movimento Constitucionalista deflagrado pelas forças políticas paulistas contra o governo de Getúlio Vargas. Por conta disso, esteve foragido por um breve período na Argentina e no Paraguai, após a derrota do movimento. De volta ao Brasil, passou a se dedicar às atividades empresariais. Fez fortuna durante a Segunda Guerra Mundial quando, de posse de informações governamentais sigilosas, realizou grandes negócios no comércio de algodão. Em 1945, através de financiamento federal, adquiriu três emissoras de rádio, transformando-as em instrumento de propaganda do governo Vargas Ainda em 1945, integrou-se ativamente ao movimento queremista, que defendia a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte com Vargas no poder. O nome do movimento surgiu do slogan "*Queremos Getúlio*", utilizado nas manifestações de rua pró-Vargas. Após a deposição de Getúlio, deu apoio à candidatura presidencial do general Eurico Gaspar Dutra, insistindo junto a Vargas para que fizesse o mesmo. Quando o ex-presidente, já na reta final da campanha eleitoral, finalmente recomendou o voto em Dutra, Borghi criou o slogan "Ele disse", para divulgar o referido apoio entre as massas populares. Foi Borghi também que atribuiu ao candidato adversário, o brigadeiro Eduardo Gomes, a declaração segundo a qual não necessitava do "voto dos marmiteiros", caracterizando-o como um candidato elitista e antipopular. No mesmo pleito que deu a vitória a Dutra, elegeu-se deputado federal constituinte por São Paulo, na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), agremiação criada a partir das bases sindicais atreladas ao Ministério do Trabalho, durante o Estado Novo. Durante os trabalhos constituintes, foi obrigado a responder a um inquérito no qual era acusado de se beneficiar ilicitamente com o comércio de algodão durante o Estado Novo. Apesar das investigações apontarem a sua culpabilidade, teve seu processo arquivado no Ministério da Justiça. Nos anos seguintes, adquiriu e arrendou diversas outras emissoras, chegando a controlar cerca de 130 estações de rádio.

10 BAHIA, Luiz Henrique N. *O poder do clientelismo. Raízes e fundamentos da troca política*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003, p. 105.

11 Ibid., p. 106.

práticas clientelistas. Com o declínio feudal e o advento da sociedade mercantilista e a urbanização, reflexo do período especificado, o clientelismo torna-se a norma de relacionamento entre o poder instituído e o homem comum. Segundo Bahia, op. cit., o padrão clientelista é uma prática constante das culturas humanas, inclusive atuando também na realidade dos países que produziram o “socialismo real”. O termo “*clientela*” foi muito utilizado na Renascença Italiana, usado para descrever os vínculos não-contratuais entre homens de prestígio e aqueles a quem estavam em posição de ajudar com proteção, empréstimos, conselhos em ações judiciais, promoção em carreiras e apadrinhamento político. O clientelismo que nos municípios do interior paulista metamorfozou-se do coronelístico para o estatal, a partir deste período, passa a apresentar o poder partidário como instrumento de sua viabilização.

Quando o populismo se estrutura, o cliente não apenas assegura seu voto e apoio no processo político, como também promete não considerar outro “*patronus*” senão aquele de quem recebeu bens e crédito. O cliente tem o compromisso não apenas de dizer que é leal, mas também de demonstrar sua lealdade. Ele se torna membro de uma facção que serve aos propósitos do líder. A disputa de clientes por “*patronus*” gera competição em potencial

---

Paralelamente, deu sequência a uma conturbada carreira política. Por várias vezes abandonou e regressou ao PTB. Sem conseguir obter a indicação do partido para disputar a eleição para o governo paulista em 1947 e 1950, lançou sua candidatura pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN). Nas duas vezes foi derrotado, na primeira por Ademar de Barros e na segunda por Lucas Garcez. No final da década de 50, deixou definitivamente o PTB e ingressou no pequeno Partido Republicano Democrático (PRD), posteriormente rebatizado como Partido Rural Trabalhista (PRT). Por essa legenda, elegeu-se deputado federal por São Paulo por duas vezes, em 1958 e 1962. Apoiou a posse de João Goulart na Presidência da República após a renúncia de Jânio Quadros, mas esteve ao lado também do movimento militar que depôs Goulart em 1964. Com a instituição do bipartidarismo, ingressou em 1966 na Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação do regime militar. Deixou a Câmara dos Deputados no início de 1967, ao terminar seu mandato. Em seguida, abandona a carreira política. Disponível na Internet pelo site [www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev\\_bio\\_Hugo\\_Borghini/htm](http://www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev_bio_Hugo_Borghini/htm). Arquivo capturado em 14 de janeiro de 2007.

entre “*patroni*” que oferecem ao cliente sua influência, sua habilidade de conquistar apoio e de manter este apoio.

Ao contrário da crença geral, a burocratização da vida moderna aumentou as possibilidades do clientelismo, pois burocracia significa a oportunidade de exercer a arbitrariedade, e as pessoas afetáveis pela lei e por decisões oficiais buscam influenciar esta aplicação específica. A discricionariedade atinge os indivíduos dos mais diversos níveis de organização, aumentando o potencial para inter-relações clientelistas. (12) O crescimento da burocracia estatal a partir da década de 1930, constituiu-se em uma nova possibilidade para que as forças clientelistas da sociedade se tornarem mais poderosas e sedutoras. Paralelamente, a Democracia Liberal estabelecida no Brasil, a partir de 1945 e a extensão do sufrágio a todas as camadas sociais solidificou o clientelismo como um dos braços do populismo multiclassista. É importante observar que, ainda que seja característica do clientelismo o benefício recíproco, este muitas vezes não será, para o cliente, imediato. O cliente poderá servir o patrão, que obterá o benefício diretamente, e terá de esperar algum tempo pela contra prestação. A vida política de Octávio Pinheiro Brisolla em Bauru, retrata estas circunstâncias. Seu filho Marco Aurélio especifica seu comportamento pessoal, em relação às solicitações anteriores a pleitos eleitorais:

...”Não se falava para um homem como meu pai desta forma: a troca de um emprego público por apoio eleitoral... Não, isto não funcionava... Por outro lado, se este mesmo indivíduo tivesse votado e trabalhado para ele em uma determinada eleição e não pedisse

---

12 BAHIA, Luiz Henrique N., op. cit., p. 138 – 139.



**Foto 09 - Cerimônia no Palácio dos Campos Elíseos em São Paulo. Brisolla é o segundo a esquerda. Final dos anos 1940. Fonte: acervo de Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.**

nada em troca naquele momento, poderia solicitar, em uma hipótese futura, após algum tempo transcorrido, um auxílio para um filho que se casaria e que necessitava de uma colocação. Diante destas circunstâncias, ele, meu pai, o nomearia... A coisa funcionava assim”... (13)

O clientelismo estatal forjado durante o Estado Novo e consolidado a partir de 1945, com o advento da democracia, como forma de expressão das recentes massas urbanas, toma forma em Bauru, com a ascensão de Octávio Pinheiro Brisolla à prefeitura em 1947. Estabelecido novamente na “*Sem limites*” desde meados da década de 1930. Octávio

---

13 Depoimento de *Marco Aurélio Brisolla*, op. cit.



*Foto 10 – Cerimônia pública na Prefeitura Municipal de Bauru, em fins dos anos 1940. Prefeito Octávio Pinheiro Brisolla em primeiro plano à direita.  
Fonte: acervo de Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.*

Brisolla passa a advogar e atender gratuitamente centenas de questões trabalhistas para a população, muitas vezes, sem nenhuma compensação financeira. Este fato associado a suas origens políticas impulsionou-o a disputa pelo Poder Executivo municipal nas primeiras eleições após a ditadura “estadonovista”. Em novembro de 1947 elege-se prefeito, derrotando adversários expressivos, como o radialista João Simonetti, apoiado por Vargas e Adhemar de Barros. Sua candidatura expressou-se pelo minúsculo PR – Partido Republicano. No início de 1948, logo após a posse, Octávio Brisolla adere a Adhemar de Barros e ingressa no PSP – Partido Social Progressista. (14) Nasce neste período um relacionamento político, que duraria até a morte de Adhemar de Barros em 1969.

---

14 BASTOS, Irineu Azevedo. , op. cit., p. 264 – 265.



***Foto 11 – Recepção a Adhemar de Barros no Bauru Tênis Clube no final dos anos 1940. Sentado, em primeiro plano Octávio Pinheiro Brisolla. Fonte: acervo pessoal de Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.***

Concomitantemente, visualiza-se por intermédio da opção realizada por Brisolla, a origem do ademarismo em Bauru, cujo predomínio político sofreria abalos entre 1955 com a ascensão janista, coordenada por Nicola Avallone Júnior.

Descrevendo a paisagem urbana bauruense, na fase onde o poder ademarista se consolida, Marco Aurélio Brisolla a apresenta como ainda vinculada aos anos 1930 e a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, delineando-a através destas características:

... Nós recebemos a ferrovia em 1906 e a partir desta fase, Bauru passou a crescer em torno dela. Para que se tenha idéia, quando Bauru tinha 56.000 habitantes, época da eleição de meu pai a prefeitura, a ‘Noroeste’ possuía 1800 funcionários. Além disto era também sede de inúmeras delegacias estaduais e federais, consulados do Japão, da Itália, de Portugal, da Espanha... Tinha também um comércio excelente, pois muitas pessoas vinham à Bauru por que a ferrovia era o único meio de locomoção. Chegávamos a ver bolivianos e paraguaios comprando no comércio. Bauru não tinha aquela agudeza de dificuldades materiais e financeiras que muitas cidades possuíam”... (15)

---

15 Depoimento de *Marco Aurélio Pinheiro Brisolla*, op. cit.

Bauru segundo Bastos op. cit., na ampliação da análise de Marco Aurélio sobre o tema, apresentava no início do período populista, os seguintes aspectos populacionais, econômicos e urbanos:

...”Bauru do pós-guerra tinha 56.000 habitantes e não era a cidade mais habitada de sua região. Lins contava com 74.900, Pirajuí com 71.540 e Marília com quase 92.000 habitantes... O perímetro urbano da cidade alcançava Vila Falcão e adjacências, Vila Bela Vista, Vila Seabra, Vila Camargo, Vila Santa Isabel e Altos da Cidade... A cidade tinha 6.852 prédios residenciais com 9.537 habitações; 129 edificações comerciais, 96 industriais, 444 de utilização mista, 35 de natureza pública, 17 destinados a cultos religiosos, 9 de diversões e 9 de assistência social. As principais indústrias eram moinho Santista, Anderson Clayton e Matarazzo. A fábrica de cigarros Flórida estava em fase de instalação... (16)

A paisagem urbana de Bauru sofreu pequenas alterações quantitativas na fase administrativa de Octavio Pinheiro Brisolla e de seu sucessor e correligionário na Prefeitura municipal de Bauru, o médico Nuno de Assis, entre os anos de 1952 a 1955. Os



**Foto 12 – Visão panorâmica da região central de Bauru. Início dos anos 1950. Ao fundo, no canto superior esquerdo, apresenta-se o ‘Hospital de Base’.**

**Fonte: acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.**

16 BASTOS, Irineu Azevedo, op. cit., p. 174.

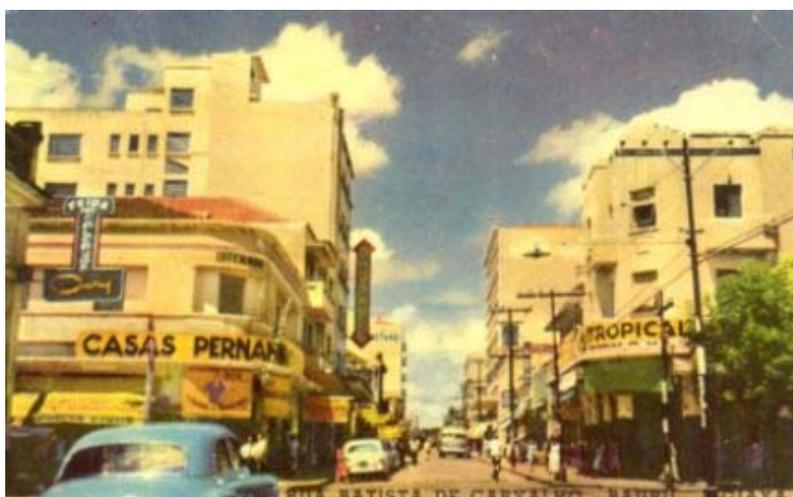
oito anos, que demarcaram a primeira fase do ademarismo nesta cidade, constituíram-se em um período cuja expansão urbana bauruense pouco extrapolou aos bairros já estabelecidos durante a década de 1930. As principais alterações qualitativas na mancha urbana, durante a hegemonia do populismo em Bauru irão estabelecer-se durante o governo de Nicola Avallone Júnior à frente do Poder Executivo municipal, entre 1956 e 1959. Portanto, em outra vertente eleitoral e política, o populismo janista.



*Foto 13 – Avenida Rodrigues Alves em meados dos anos 1950.  
Fonte: Acervo fotográfico da TV TEM – subsidiária da Rede Globo de televisão.*

A paisagem urbana de Bauru no período ademarista possuía aspectos distintos às características políticas de Barros, que consistia na realização de grandes obras e na incontinência administrativa, principalmente quando ocupou a interventoria e como governador eleito, entre 1947 e 1950. Havia uma profunda diferença ideológica entre Brisolla e Adhemar; o primeiro era um tanto “esquerdista”, como seu filho Marco Aurélio, o definia. O administrador poderia optar por uma cidade bonita, iluminada, entretanto

corria o risco de que a coletividade ficasse sem atendimento social precário: sem escolas, sem hospitais. Brisolla optou pela segunda opção. Quando veio a crise do óleo, a crise do pão, ele colocou a prefeitura à disposição da população para que estes serviços tivessem continuidade. Após a Segunda Guerra Mundial, estes gêneros foram racionados e Octávio Brisolla utilizou toda sua influência política para trazê-los a população bauruense. Entre a obra de concreto e o ser humano, elegia sempre como prioridade o homem. A construção do *Hospital Fernando Costa*, posteriormente denominado Hospital de Base, foi uma de



***Foto 14 – Rua Batista de Carvalho no início dos anos 1950.***

***Fonte: acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.***

suas iniciativas mais concretas no sentido de viabilizar um digno atendimento na área de saúde à família bauruense. A doação do terreno, realizada pelos bauruenses Joaquim Alves Ferreira e Luís Gonzaga Falcão, possibilitou a construção das instalações efetivada por investimentos estaduais, durante a administração de Barros. Em janeiro de 1951, Adhemar esteve em Bauru, inaugurando o novo *Hospital Estadual*, o *Centro de saúde de Vila Falcão* e o *Matadouro municipal*. Paralelamente, duas instituições de nível superior instalam-se em

Bauru: a Instituição Toledo de Ensino estabeleceu-se em 1951 e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus instituída em 1953. Apesar das diferenças ideológicas e administrativas, Brisolla permaneceu como ademarista pelo restante de sua vida política. Seu filho Marco Aurélio afirmou que no final da década de 1940 não havia alternativa para a política interiorana, o predomínio do ademarismo era absoluto em São Paulo. Com o passar dos anos, a afinidade entre Adhemar e Brisolla evidenciou-se bastante, surgindo uma amizade e um companheirismo absolutos. Adhemar era inquestionável com seus leais companheiros. Este companheirismo revelou-se contumaz, quando Octávio Pinheiro Brisolla tornou-se o orador oficial da convenção do PSP, que lançou a candidatura de Lucas Nogueira Garcez à sucessão de Adhemar de Barros em 1950.



*Foto 15 – Matadouro municipal – 1951. Localizado no início do Jardim Redentor.  
Fonte: Arquivo de Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.*

A simbologia de um lugar nos remete ao conjunto de condições que a produziu. A paisagem de Bauru, construída no interior do movimento populista, proporciona

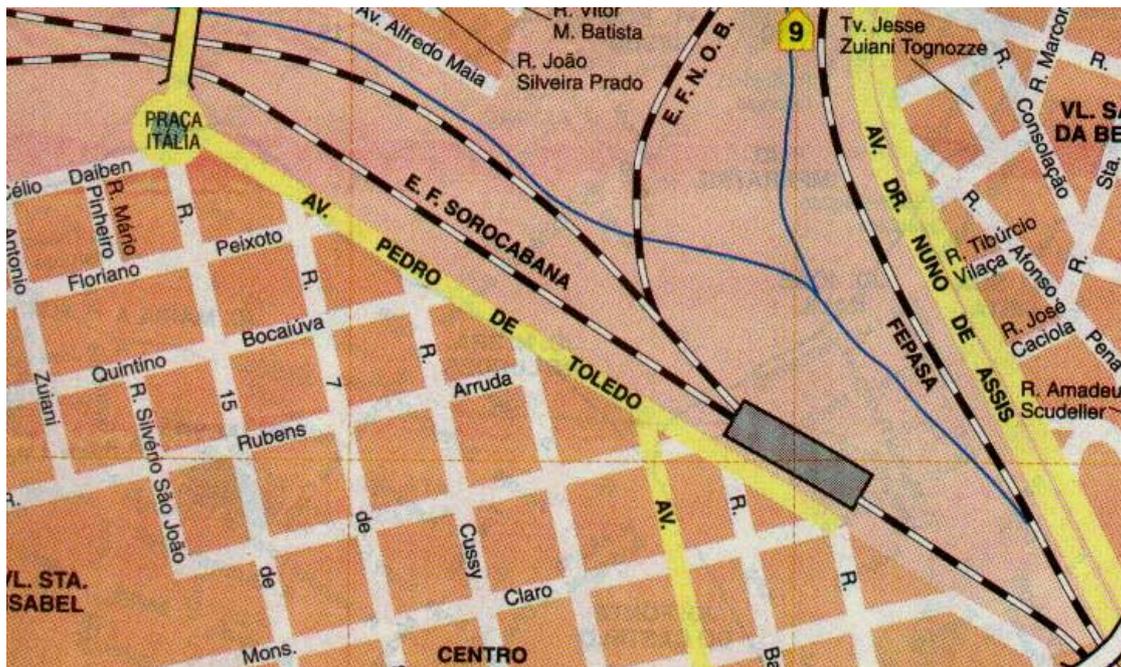


algumas questões pertinentes a sua significação. O populismo ademarista apresentou-se dissociado do pensamento hegemônico de sua origem: incontinência orçamentária, grandes obras viárias e clientelismo político eram típicos da ação de Adhemar de Barros. Os ademaristas bauruenses detinham uma visão administrativa distante do ademarismo oficial, apesar da proximidade de seus componentes. Bauru entre o final dos anos 1940 até 1955, com a chegada ao poder de Nicola Avallone Júnior, constituiu-se em um núcleo urbano ainda associado à estrutura urbana herdada das ferrovias. A cidade ainda relacionava-se intimamente com esta característica, enquanto que sua paisagem lentamente se distanciava destas matrizes, em um movimento quase imperceptível. Ao término do período ademarista em Bauru, a “urbis” observava desorientada a construção desta nova urbanidade, imposta pelo ritmo das transformações nacionais: industrialização, êxodo-rural e intensa urbanização. Este movimento foi captado por Avallone Júnior, traduzido pelo populismo janista, vitorioso em Bauru em meados dos anos 1950. A diferenciação entre esta espacialidade e a paisagem é conceituada e analisada por Jean – Marc Besse quando cita E. Straus, que define-os dentro destas estruturas ontológicas:

...”A paisagem está ligada fundamentalmente à existência de um horizonte. Inversamente, o espaço geográfico não tem horizonte: ‘Quando procuramos nos orientar em alguma parte, quando perguntamos a alguém sobre o caminho ou mesmo quando utilizamos uma carta, nós estabelecemos nosso Aqui como um lugar num espaço sem horizonte’... A consequência imediata da presença desta estrutura de horizonte é que a paisagem significa ausência de totalização ou de síntese de sobrevôo, para retomar uma expressão de Merleau-Ponty. A abertura própria da paisagem significa que na paisagem nos deslocamos de uma parte à outra. Não há paisagem senão local. Mais exatamente, nos deslocamos de um lugar a outro ‘no interior do círculo da visibilidade’. O que quer dizer não há paisagem sem a coexistência do aqui e do além, coexistível do visível e do oculto, que define a abertura sensível e situada para o mundo. Inversamente, o espaço geográfico é fechado, porque é sistematizado: cada lugar deste espaço é determinado por sua situação no conjunto, e finalmente por sua relação ao ponto zero deste espaço decomposto, segundo um sistema de coordenadas”... (17)

---

17 BESSE, Jean – Marc, op. cit., p. 79 -80.



*Planta urbana 19 – Viaduto Mauá próximo à Praça Itália.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



*Foto 17 - Viaduto Mauá. Elo entre a região central e Vila Falcão. Iniciado no governo Octávio Pinheiro Brisolla e finalizado na primeira administração Nuno de Assis. Princípio dos anos 1950. Fonte: Foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*





*Foto 19 – Instituição Toledo de Ensino.  
Fonte: foto realizada pelo autor em 15 de agosto de 2007.*



*Planta urbana 21 – Instituição Toledo de Ensino. Vila Falcão.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*

A paisagem que indicava, em seu interior, a possibilidade futura de grandes transformações urbanas em Bauru, concretizou-se materialmente na construção das novas instalações da Prefeitura municipal. Produziu-se em seu horizonte paisagístico, defendido por *Straus apud Besse*, o elo entre duas épocas, a urbanização conduzida pela ferrovia e a “modernidade”, com novos estilos arquitetônicos, novas formas de enxergar a cidade, novos modelos de crescimento citadino, novas formas de enxergar o mundo. Constituiu-se também no símbolo de transição entre o próprio populismo e a tecnocracia, que iria instalar-se no município de Bauru em 1968. Seu arrojado estilo arquitetônico já era evidenciado ao iniciar-se sua construção em 1953, durante o governo ademarista de Nuno de Assis. Demonstrando-se que no cerne de seu projeto, potencializava-se o final do domínio populista em Bauru.



*Foto 20 – Paço municipal de Bauru. Foto atual. Fonte: <http://Meus documentos\Web. Bauru. htm>. Acessado em 10 de julho de 2007.*

O Paço municipal tornou-se a primeira grande obra cidadina, caracteristicamente moderna de Bauru. O ademarismo, recatado e inexpressivo em questões urbanas, passa a evidenciar-se por intermédio deste significativo projeto. O populismo janista, coordenado por Nicola Avallone Júnior, contrapondo o ademarismo de Octávio Brisolla e Nuno de Assis, iniciou metamorfoses urbanas que iriam acentuar-se a partir de 1968, com a instalação de governos tecnocratas.



*Foto 21 – Adhemar de Barros em almoço no BTC – Bauru Tênis Clube. O vereador Giro Ischicava é o último à direita – 1957.  
Fonte: arquivo fotográfico de Giro Ischicava.*

## CAPÍTULO V

### O JANISMO E A PAISAGEM URBANA. 1956 – 1959

...”Por trás da cortina, o presidente Getúlio Vargas, a grande estrela do PTB, combinou com o próprio Jânio a traição a Prestes Maia, até então apoiado pelo Palácio do Catete. Certa noite, por volta de nove horas, o prefeito dirigiu-se ao Campo de Marte com seu chefe de gabinete, Luiz Francisco de Carvalho, a fim de tomar um avião para o Rio de Janeiro. O presidente Getúlio Vargas o esperava. No palácio, o prefeito quis conversar a sós com o presidente. O ministro do Trabalho João Goulart, teve que se retirar. Jango saiu do recinto arrastando sua perna defeituosa e soltando fumaça pelas ventas. O conteúdo da conversa, Getúlio e Jânio levaram para o túmulo. Mas na viagem de volta a São Paulo, Jânio bateu na perna de Luiz Francisco, sentado a seu lado no avião, e disse do seu jeito característico: ‘Luiz, meu amigo, você sabe que está viajando com o futuro governador de São Paulo?’ Curiosamente, depois deste encontro sigiloso, diversos chefes do PTB passaram a apoiar a candidatura de Jânio Quadros. Entre eles, Nicola Avallone Júnior, liderança do PTB na cidade de Bauru “... (1)

Nicola Avallone Júnior tornou-se o primeiro bauruense a ocupar do cargo de prefeito. Em 1946, voltando de São Paulo, onde cursou Ciências Econômicas, transformou-se em proprietário do *Diário de Bauru*, criado com o intuito de estabelecer-se como instrumento político em suas mãos. (2) Em entrevista a Losnak, op. cit., não confirma sua intenção, porém seus procedimentos posteriores, indicaram este caminho: jornal gratuito e distribuído em toda Bauru, principalmente nos bairros periféricos. (3) Comerciante bauruense, Avallone iniciou a construção de sua carreira política, como candidato a sucessão de Brisolla em 1951 pelo PSD – Partido Social Democrático. Mesmo derrotado pelo médico ademarista

---

1 KWAK, Gabriel, op. cit., p. 81 – 82.

2 Depoimento de *Marco Aurélio Pinheiro Brisolla*, op. cit.

3 LOSNAK, Célio J. op. cit., p. 83 – 84.

Nuno de Assis, “*Nicolinha*”, denominação esta carinhosamente conhecida e vinculada por toda a população de Bauru, tornou-se um sério problema para Brisolla e seu grupo político. Jovem, dinâmico, empreendedor, Avallone tinha como meta atingir a prefeitura de Bauru dentro de um prazo relativamente curto. O próprio lançamento da candidatura Nuno de Assis à chefia do Poder Executivo bauruense em 1950, já se constituía como reflexo do receio de Brisolla, diante da ascensão de “*Nicolinha*”. Nuno de Assis, conceituado médico e colega de turma de Adhemar de Barros foi a opção encontrada para enfrentá-lo. (4)



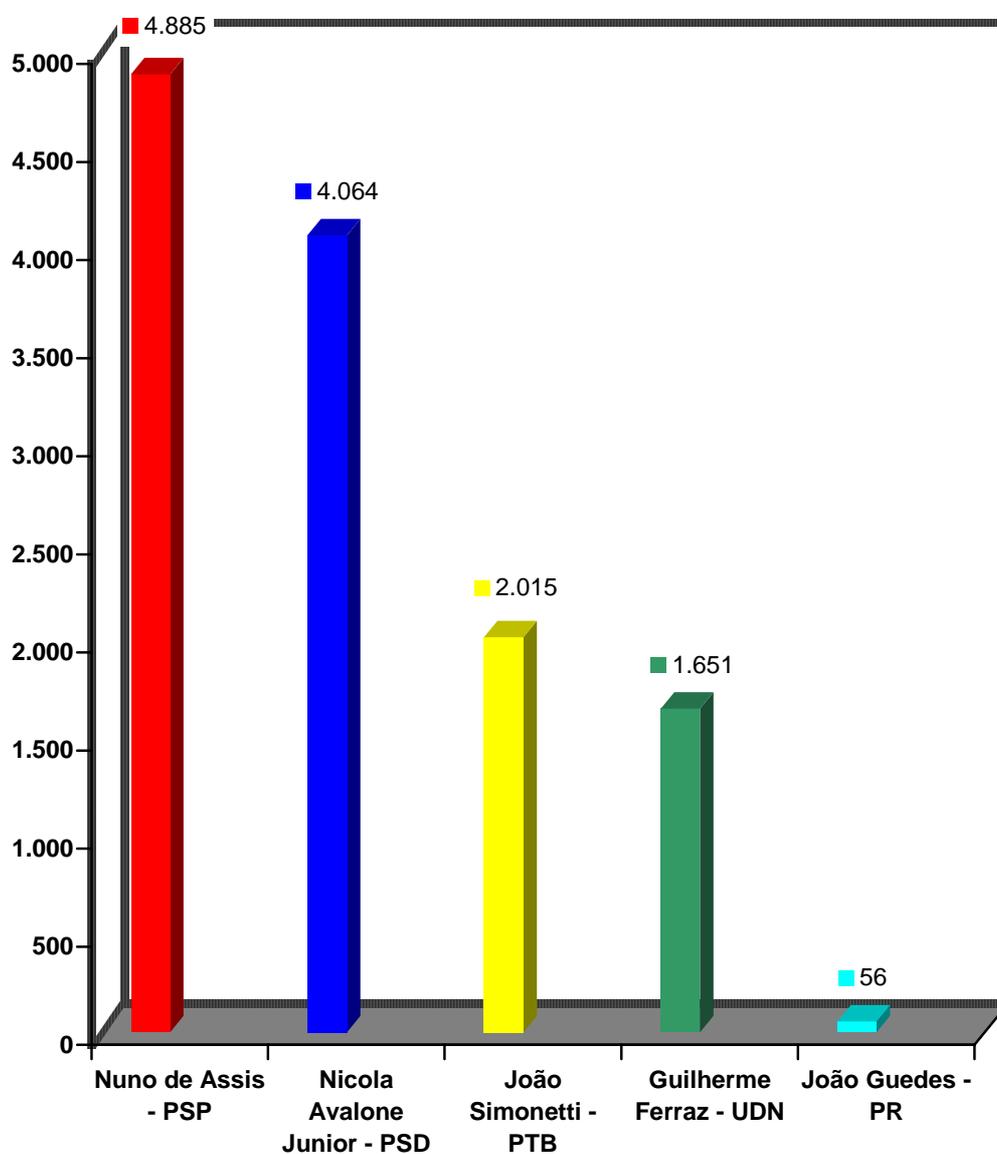
***Foto 22 – Loja comercial de Nicola Avallone Júnior. Rua Batista de Carvalho na década de 1950. Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.***

Ao final da administração Nuno de Assis, Octávio Pinheiro Brisolla ira passar pelo mais dramática experiência de sua vida política. Filiado naquele período, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, Avallone Júnior já adquirira experiência, detinha um sólido jornal,

---

4 Depoimento de *Marco Aurélio Pinheiro Brisolla*, op. cit.

*Eleições Bauru  
14 de Outubro de 1951  
Prefeito.*



*Figura 02 – Gráfico demonstrando os resultados eleitorais do pleito majoritário, realizado em 1951 no município de Bauru e a vitória de Nuno de Assis. Fonte: Irineu Azevedo Bastos in Eleições municipais I. Analisando os resultados, observa-se o fortalecimento da oposição comandada pelo PSD e pelo PTB. Ao mesmo tempo, também verifica-se o nascimento da figura de Nicola Avallone Júnior.*



*Foto 23 – Nicola Avallone Júnior como presidente do BAC – Bauru Atlético Clube. Início dos anos 1950. Fonte: arquivo pessoal de Gabriel Ruiz Pelegrina.*

avançado para o seu tempo, estabelecido como instrumento de divulgação política. Paralelamente, sua nova legenda, o PTB possuía uma forte conotação classista, principalmente em torno dos ferroviários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, da ‘Companhia Paulista’ e da ‘Sorocabana’. Associado ao mito construído por Getúlio Vargas que se suicidara em 1954, Nicola apresentava-se como um candidato perfeito, para o momento político adequado. Conjuntamente a estes fatores, a associação do PTB com o jacobinismo em ascensão, como esclarece Kwak, op. cit., colocava Avallone Júnior como um candidato sem precedentes, na história bauruense. O tema de sua campanha em 1955 associava sua vitória ao término definitivo da política ademarista na cidade de Bauru: seria

a extinção do continuísmo, expresso por intermédio de Brisolla e Nuno de Assis. (5)  
Confirmando avaliação de Pelegrina sobre aquele momento político em Bauru, Mello (2002) descreve o nascimento do “Diário de Bauru” e sua utilização como instrumento político nas mãos de Nicolinha:

...”Começava a circular na cidade naquele janeiro de 1946 o jornal Diário de Bauru. Fundado por Nicola Avallone Júnior, que na época era um jovem empresário de 22 anos, dono da loja Reunidos Labor, representante da General Eletric e da Panair do Brasil. Avallone ou Nicolinha, como também era conhecido tinha dois irmãos que eram donos de uma loja de calçados. Nas primeiras edições, o jornal procurou noticiar os problemas da periferia, trazendo manchetes que destacavam a escuridão em que andava a Vila Independência por causa dos raríssimos postes e luzes acesas. Vila Falcão com ruas abandonadas, moleques vadios, soltos. Naquele tempo, o único jornal que poderia ser considerado concorrente do Diário era a Folha do povo”... (6)

Pinheiro Brisolla candidatara-se novamente nesta eleição. Com uma força eleitoral diminuída, pois se afastara de Nuno de Assis por divergências políticas, Brisolla ainda detinha o comando do PSP. Entretanto, sem o apoio oficial do prefeito. Portanto, caminhou para a disputa eleitoral bastante enfraquecido. Ao término das mais acirradas eleições da história contemporânea de Bauru, pois Nicolinha venceu Brisolla por uma diferença de apenas 67 votos, o ciclo ademarista desta cidade havia sido interrompido e uma nova política administrativa fora implantada. O janismo havia conquistado a “*capital da terra branca*”. Seriam necessárias mais duas administrações municipais, longos oito anos, para que os seguidores de Adhemar de Barros alcançassem novamente o poder na “*Sem limites*”.

---

5 Depoimento de *Gabriel Ruiz Pelegrina*, realizado em 21 de novembro de 2006.

6 MELLO, Lucius de. *Eny e o grande bordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p.123.

A eleição de Nicola Avallone para a Prefeitura de Bauru em 1955 coincidiu com o período Juscelino Kubitschek de Oliveira na Presidência da República, associado ao clima de otimismo e desenvolvimentismo que se instalou no país. Entre 1956 e 1960, os brasileiros participaram de um amplo projeto de ‘modernização’ de seu país, cujo lema alicerçava-se na evolução econômica amparada no capital multinacional: “*cinquenta anos em cinco*”. Portanto, nesta fase os acontecimentos se sucediam em ritmo febril: a construção de Brasília, a indústria automobilística, a indústria de bens de consumo duráveis e não duráveis tornaram-se, juntamente com a aceleração do processo de urbanização, marcas típicas desta época.

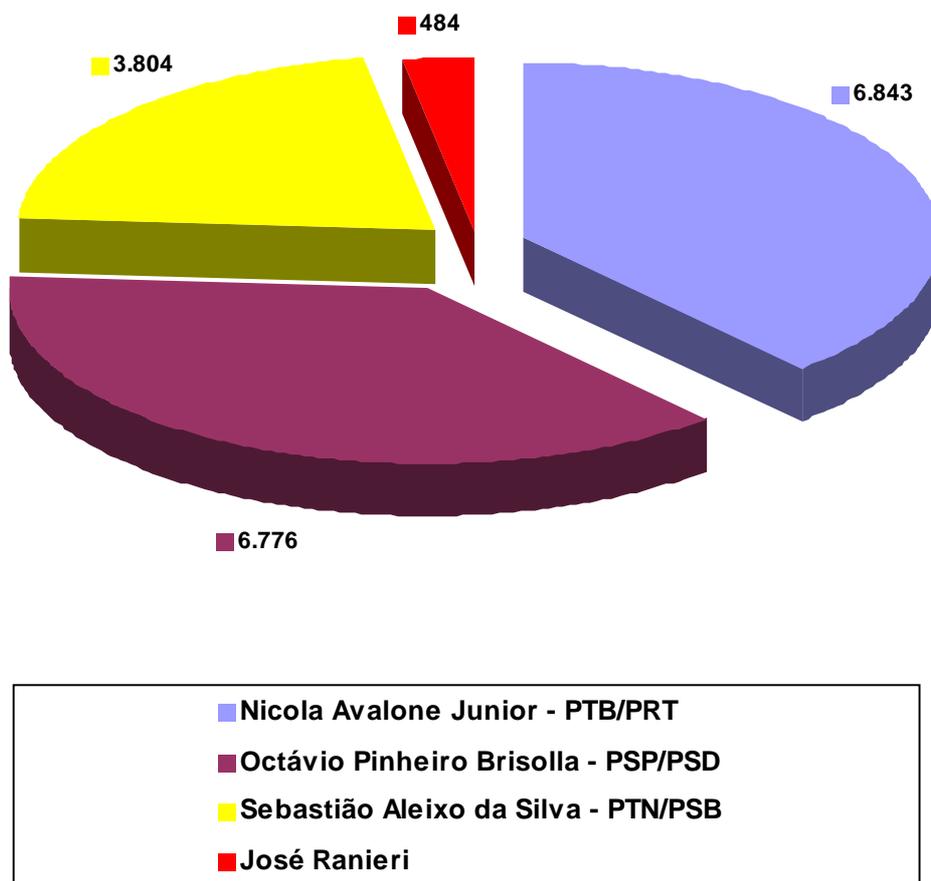
‘Nicolinha’, valendo-se desta predisposição e da atmosfera política que norteava o país, juntamente com sua própria dinâmica personalidade, passou a conduzir sua administração em Bauru também dentro destes parâmetros: modernidade, expansão urbana, obras com efeitos visuais. Analisando Avallone Júnior, através desta perspectiva Losnak, op. cit., demonstra o envolvimento do então prefeito, com o estilo desenvolvimentista de Juscelino:

...”Avallone Júnior desempenhou atividades no comércio, foi político de estilo populista e muito sensível aos temas de sua época – desenvolvimentismo, industrialização, progresso – utilizando vários recursos de propaganda para ser figura de destaque no cotidiano da população. Ele tentou manter-se onipresente na cidade por meio de passeios e visitas aos bairros, atendimento clientelista, publicidade com carros utilizando alto-falantes, festas na cidade, propaganda de seus loteamentos, atividades desenvolvidas como diretor do Bauru Atlético Clube – BAC. Avallone articulava interesses empresariais e políticos com atividades esportivas. No início dos anos 1950, como presidente do BAC, trouxe vedetes de rádio como Emilinha Borba e Marlene, para divulgar o futebol, os loteamentos lançados e aumentar sua popularidade...” (7)

---

7 LOSNAK, Célio J., op. cit., p. 88.

**Eleições Bauru  
03 de Outubro de 1955  
Prefeito.**



*Figura 03 – Gráfico demonstrando os resultados eleitorais do pleito majoritário, realizado em 1955 no município de Bauru e a vitória de Nicola Avallone Júnior. Fonte: Irineu Azevedo Bastos in Eleições municipais II. Analisando os resultados, verifica-se a vitória de ‘Nicolinha’ por uma pequena margem de votos, jamais repetida na história contemporânea de Bauru. Eleição que se fixou na memória coletiva bauruense, como o término do predomínio do ademarismo e o nascimento de novas lideranças políticas.*

...”O seu estilo populista se revelava ao estabelecer proximidade física com as classes populares, através de visitas aos bairros, onde dava atenção às eventuais queixas e reivindicações e se colocava como seu defensor... Quando iniciou a canalização do Ribeirão das Flores em 1956, lugar onde seria mais tarde a Avenida Nações Unidas, criou um mutirão. Com estardalhaço na cidade, congregou trabalhadores, donos de caminhões, de caminhonetes e de carroças para ajudarem nos trabalhos”... (8)

Ardoroso defensor de Juscelino e de suas idéias para o país, Avallone passou a construir uma *'sui generis'* combinação de populismo janista com o desenvolvimentismo de Juscelino, ou seja, um esforço para adaptar-se a universos políticos bastante diferenciados. O janismo, defensor de uma administração pública eficiente e equilibrada,



**Foto 24 - Jânio Quadros em Bauru. Campanha para a Presidência da República – 1960. A seu lado apresentavam-se: deputado federal Luiz Francisco de Carvalho, deputado estadual Nicola Avallone Júnior e Carlos Alberto de Carvalho Pinto, então governador do estado de São Paulo. Fonte: acervo pessoal de Gabriel Ruiz Pelegrina.**

---

8 Ibid., p. 89.



*Foto 25 – Outdoor sobre a construção do Viaduto JK – ligando o centro da cidade ao Jardim Bela Vista. Final dos anos 1950. Fonte: acervo de Gabriel Ruiz Pelegrina.*

sujeita ao equilíbrio orçamentário, estaria associado a realização de obras a qualquer custo financeiro e político. A combinação das duas proposições político-administrativas trouxe problemas para a condução dos negócios municipais e ao, mesmo tempo, para a evolução da malha urbana bauruense, durante as décadas que se seguiram a seu governo. A paisagem urbana de Bauru foi alterada e seus reflexos sobre a cidade são observados e sentidos até hoje, transformando a cidade, conduzindo-a de uma maneira específica. Inicia-se a partir deste ponto, a discussão entre a forma de atuação e a composição do pensamento entre o populismo ademarista e janista na cidade de Bauru. Sendo assim, coloca-se um posicionamento diferenciado daquele obtido através do depoimento de Marco Aurélio Brisolla e de Irineu Azevedo Bastos (9), quando discutiram as diferenças ideológicas dos

---

9 Depoimento de Irineu Azevedo Bastos realizado em 12 de novembro de 2006.

dois estilos de populismo multiclassista. Os respectivos historiadores bauruenses apresentam a existência destes grupos políticos, como reflexo do regime democrático e da luta pelo poder, não ocorrendo diferenças em suas práticas administrativas. Entretanto, através do posicionamento de Marques (2003), proporciona-se outra versão sobre este tema:

...”Mais importante do que isso, ao que tudo indica, diferentes governos produzem políticas de conteúdos diversos, indicando que há escolhas reais sendo realizadas e importantes processos ocorrendo no estado em nível local no Brasil” (10)

...”Defendemos o ponto de vista de que, embora as políticas locais estejam imersas em conjunturas nacionais e internacionais e sejam influenciadas por essas, para estudarmos a política em nível local é preciso focar nessas escalas e nos seus processos, sem perder as demais dimensões”... (11)

Analisando as políticas públicas das fases ademarista e janista em Bauru respectivamente entre Brisolla, Nuno de Assis e Nicola Avallone Júnior, alguns elementos norteadores podem ser estabelecidos. A rigidez orçamentária da política ademarista bauruense era notória: seriedade no trato da ‘coisa pública’ constituía-se em um dos pilares. Tanto Octávio Pinheiro Brisolla, quanto Nuno de Assis, apesar de ademaristas eram extremamente zelosos com os negócios públicos. Em contrapartida, ‘Nicolinha’, apesar de janista, enfrentou em seu período administrativo à frente da Prefeitura de Bauru, uma série de constantes problemas legais, referentes à suspeitas de irregularidades

---

10 MARQUES, Eduardo César. *Redes sociais, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 16.

11 *Ibid.*, p. 18

administrativas. Portanto, o janismo disposto pelo jovem prefeito caracterizava-se pela oportunidade política, não tendo fundamentação ideológica. Conseqüentemente, a postura de Avallone Júnior trouxe problemas nas fileiras janistas, que englobavam um grande arco de seguidores em Bauru, das mais variadas matizes políticas.

O janismo em Bauru possuía adeptos em muitos partidos, com exceção do *PSP* que abrigava historicamente os ademaristas. Havia janistas na *UDN* - União Democrática Nacional, no *PTN* - Partido Trabalhista Nacional e no próprio *PTB* - Partido Trabalhista Brasileiro. O janismo era um movimento suprapartidário, que possuía vínculos em muitas agremiações.

Os udenistas bauruenses comandados pelo jovem vereador Nilson Ferreira da Costa tornaram-se adeptos de Jânio Quadros, devido à influência de Carlos Lacerda e dos grupos parlamentares udenistas federais “bossa-nova” e “banda de música”. (12) Nilson Costa que na década de 1950 era bastante jovem, contando com menos de trinta anos, era um líder ferroviário que posteriormente tornou-se deputado estadual e prefeito de Bauru no final da década de 1990 e início dos anos 2000. O “*caso dos paralelepípedos*”, no início da administração de *Nicolinha* revelou as circunstâncias que provocaram o início do afastamento de Nilson, do janismo. O rompimento tornou-se definitivo quando Nicola Avallone assumiu o comando da campanha de Carvalho Pinto em Bauru e região, para a sucessão de Jânio ao governo de São Paulo em 1959.

Com o objetivo de contrabalançar o poder do “*Diário de Bauru*”, Nilson Costa produziu a gazeta de oposição “*A Verdade*” (13). O semanário, bastante popular no período

---

12 Depoimento de *Muricy Domingues* realizado em 17 de dezembro de 2006.

13 Depoimento de *Paulo Pereira Rangel* realizado em 06 de novembro de 2006.

de seu funcionamento, trabalhou incessantemente para conduzir a oposição ao prefeito Nicola Avallone, para além do espaço parlamentar da Câmara de vereadores. O “*caso dos paralelepípedos*” foi detalhado em toda sua amplitude social e política e divulgado por este jornal. (14)

“*O caso dos paralelepípedos*” foi denunciado pelo vereador Nilson Costa no início do governo de ‘Nicolinha’. Durante a campanha, o jovem prefeito garantira a população bauruense que, nos primeiros dias de sua administração, a Rua 1º de Agosto, uma das “principais artérias” comerciais da cidade, seria asfaltada. Nos primeiros dias de sua gestão, todos os paralelepípedos foram retirados. Porém, a infra-estrutura necessitava ser corrigida: a rede de água e esgoto deveria ser remodelada. Por conseguinte, a Rua 1º de Agosto tornou-se intransitável por meses, causando grandes transtornos aos comerciantes e usuários. Quando as contas do primeiro quadrimestre da administração Avallone Júnior chegaram a Câmara de Vereadores, o edil Nilson Costa passou a analisá-las, verificando que havia problemas contábeis, em relação aos valores pagos à empresa que realizou o serviço de retirada e transporte dos paralelepípedos.

A empresa Panamericana de Pavimentação, situada no Jardim Bela Vista, próximo à região central da cidade, foi a responsável pela remoção imediata dos blocos. Entre a medição e o pagamento do serviço transcorreu-se apenas quarenta e oito horas. Segundo Nilson Costa, após pesquisa de preços na região, entrevistando caminhoneiros que estavam acostumados a este tipo de transporte e consultando o DER – Departamento de estradas de rodagem, chegou-se à conclusão que houve problemas legais no pagamento da execução da obra. “*O caso dos paralelepípedos*” levou a Câmara de vereadores à criação de uma CEI –

---

14 Depoimento de *Nilson Ferreira da Costa* realizado em 07 de dezembro de 2006.



**Foto 26 – Visita de Jânio Quadros a Bauru. Final dos anos 1950. À direita sentado, deputado federal Luiz Francisco de Carvalho, em pé ao centro, Sérgio Túlio Coube, sentado do lado esquerdo de Jânio, Nilson Costa e o último à direita em pé, Marco Aurélio Pinheiro Brisolla. Fonte: arquivo pessoal de Nilson Costa.**



**Foto 27 – Primeira página do jornal semanal “A Verdade”.  
Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.  
Data: 12 de junho de 1957.**



***Foto 28 – Rua 1º de Agosto na década de 1940, ainda calçada com paralelepípedos. No final observa-se a estação da NOB. Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.***

Comissão Especial de Inquérito. Após seus trabalhos finalizados, com o parecer contrário ao prefeito Nicola Avallone Júnior, o relatório foi encaminhado ao Ministério Público que solicitou à Justiça a abertura de processo penal e posteriormente sua prisão preventiva. Entretanto, o episódio foi finalizado quando a Câmara de Vereadores aprovou as contas de 1956 de “Nicolinha”. Pela legislação vigente na época, as denúncias contra prefeitos se extinguiriam, na eventualidade de aprovação, em plenário, dos atos de suas administrações. Durante a análise decisória dos vereadores, três membros da oposição votaram a favor do prefeito, incluindo um voto oriundo do PSP, comandado por Octávio Pinheiro Brisolla, ardente adversário de Nicola Avallone Júnior e outro da UDN, partido de Nilson Costa, produtor da denúncia. (15)

---

15 Depoimento de Nilson Ferreira da Costa, op. cit.



*Foto 29 – Manchete do jornal “A Verdade”.*

*Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.*

*Data: 17 de abril de 1958.*

A análise que Nicola Avallone Júnior realizou sobre o incidente é caracterizada através de depoimento ofertado a publicação “Revista” datada de setembro de 1993:

...”Por que a CPI? Sei que foram quatro. Por que queria usar um crédito de seis milhões em novecentos mil e acusavam que iria dar tantos por cento para alguém. No tempo que Faria Lima, Prestes Maia, eu e Franciscato governávamos não havia ICM. Então determinei que usasse este dinheiro. Crédito é crédito. Liguei para uma firma para nos auxiliar. Denunciaram que estava roubando paralelepípedos. Diziam que naquela transferência ganhei milhões. Houve a CPI da pavimentação, presidida pelo vereador Chaim Mauad. Eles acusavam que estava fazendo asfalto tipo chocolate que não iria durar três meses. Quando fui a Campos do Jordão, encontrei um cidadão chamado Faria Soto que fazia o melhor asfalto do estado, consegui convencê-lo, veio para cá e começou a trabalhar. Durou vinte anos este asfalto. – que não iria durar três meses. É aquela coisa, criticavam que era uma droga, que estava ganhando por metro. Eles ganhavam por metro. Aí ficavam falando: o Nicolinha está roubando. Como era minoria tinha que ser santo. O Chaim um dia me procurou pra dizer: tô cansado do ódio de Pinheiro Brisolla e Nuno de Assis. Disse isso na Câmara”... (16)

16 DIAS, Gilmar, *Nicola Avallone Júnior: o paladino do populismo*. Bauru: Revista, 1993, nº 1, p. 19 – 22.

Nicola Avallone Júnior demonstrou ser produtor de portentosas obras viárias, acelerando o crescimento da mancha urbana através de loteamentos sem planejamento adequado, produzindo um conjunto de representações que formaram o imaginário coletivo de sua administração. O jovem prefeito empreendedor e visionário que objetivava a modernização de Bauru (17) ainda subsiste neste imaginário, que correspondeu a um período de grandes esperanças e transformações. A pretensa modernização trouxe sérios problemas, refletidos na paisagem urbana.

O grande marco da administração Nicola Avalonne Júnior expressou-se no tecido urbano, através da construção do *Viaduto JK*, que estabeleceu a ligação entre o centro da cidade e o Jardim Bela Vista, desenvolvido a partir dos anos 1930 e moradia da pequena classe média bauruense. Situado entre as Ruas Azarias Leite na área central e Carlos Gomes, na entrada da “Bela Vista”, o viaduto conquistou a reputação da maior obra viária do município, até o início das administrações tecnocratas ligadas ao Regime Militar e que modificaram o panorama viário de Bauru na década de 1970. Este período que se iniciou em 1968 com a eleição do empresário Alcides Franciscato (18), demarcou o término do período populista em Bauru.

Considerada a grande obra desta fase, o *Viaduto JK* caracterizou o *desenvolvimentismo juscelinista*, visualizado em Bauru por intermédio das expressões políticas e administrativas de Avalonne Júnior. O desejo de reportar-se a Juscelino era evidente nas atitudes e nas propostas de ‘Nicolinha’: uma maquete do viaduto foi entregue pessoalmente a Kubitschek, fixando a modernidade como instrumento de identificação

---

17 LOSNAK, Célio J., op. cit., p. 125.

18 *Alcides Franciscato*, natural de Piracicaba, é engenheiro agrônomo e empresário, nasceu em 02 de 1930. Em 1953 formou-se na Escola de agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, em

de uma época: os anos 1950 (19). Esta arrojada obra de engenharia possibilitou o incremento do Jardim Bela Vista e de todos os bairros adjacentes, pelos anos seguintes a sua construção. Constituiu-se na marca por excelência do urbanismo em Bauru, definida



*Foto 30 – Vista aérea de Bauru – 1958.  
Fonte: acervo pessoal de Gabriel Ruiz Pelegrina.*

em sua paisagem urbana. Transformações na configuração do traçado urbano de Bauru, também foram metas de Nicola Avallone Júnior. Analisando as realizações do prefeito, Losnak op. cit., especifica que em 1956 iniciou-se a canalização do Córrego das Flores, que corre no sentido norte-sul e que corta a cidade no sentido leste-

---

19 Depoimento de *Gabriel Ruiz Pelegrina*, op. cit.

junho de 1953. Em 1954 foi estagiário do governo norte-americano. Sócio fundador do “Jornal da Cidade” e administrador do Expresso de Prata, empresa de ônibus que liga São Paulo a Bauru e toda a Alta Paulista do Estado. Foi prefeito municipal de Bauru de 1969 a 1972. No pleito realizado em 10 de novembro de 1968, com Franciscato disputando pela Arena, foi vencedor ultrapassando seu adversário, Nicola Avallone com quase o dobro de sua votação. Franciscato foi fundador da Associação dos municípios do Centro-oeste paulista – AMCOP. Dominando a política local, fez seus sucessores por um período de uma década: Luis Edmundo Coube e Oswaldo Sbeghen. Eleito deputado federal por duas legislaturas consecutivas (1975 – 1979 e 1979 – 1982). Tanto como prefeito quanto como deputado sua



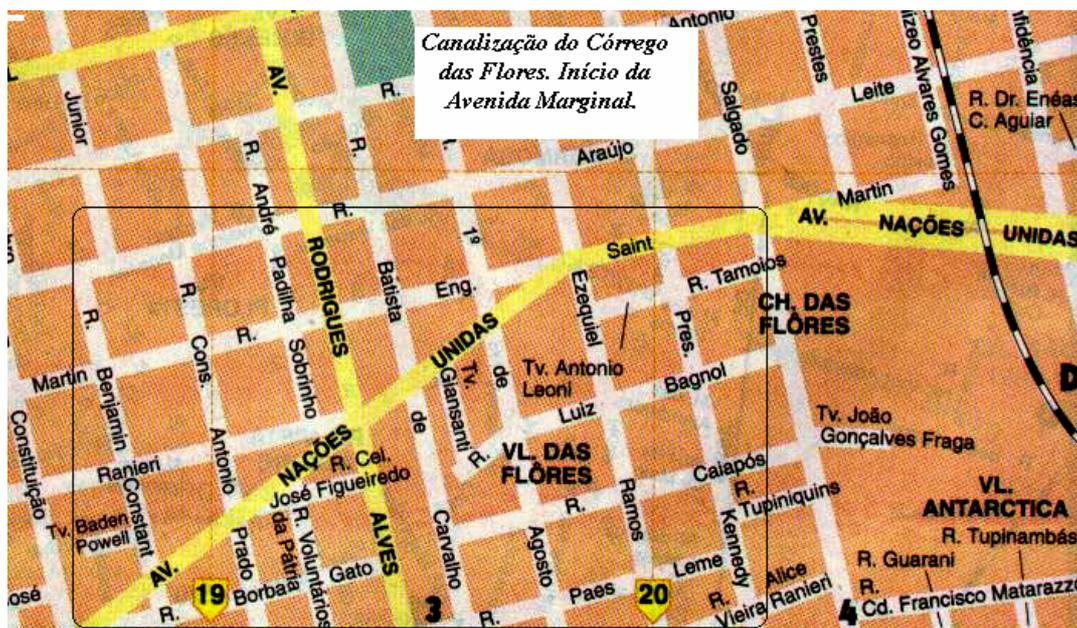
**Foto 31 – Construção do Viaduto JK. Final dos anos 1950.**  
**Fonte: acervo de Gabriel Ruiz Pelegrina.**

oeste, impedindo que a cidade se desenvolvesse na direção desta área. Localizavam-se nesta região citadina: Vila Antártica, o cemitério e o caminho para Pederneiras (*Planta urbana 07*). O prefeito canalizou quinhentos metros de córrego entre as Ruas *Marcondes Salgado e Constituição*. Com a obra, construída lentamente, a Avenida Marginal, posteriormente denominada Avenida Nações Unidas e, a partir daí, todas as ruas desse trecho que rumavam do centro para leste, até então seccionadas pelo córrego,

---

atuação foi destacada, estabelecendo recursos a ' fundo perdido' para o município. A Avenida Nações Unidas e a construção da nova rodoviária são algumas de suas obras. Ficou muito conhecido em todo o país quando, fazendo parte da delegação de João Figueiredo a Espanha, quando ocorriam no Brasil os comícios das "diretas já", ao dar uma declaração pública de que o presidente também gostaria de estar presentes nesses eventos. Pelo mal estar causado na cúpula do governo, Franciscato voltou atrás e disse que ele havia se expressado incorretamente. Tempos depois, o próprio João Figueiredo confirmou que tivera essa intenção, que, no entanto, como cabeça de um governo contrário a esse tipo de eleição, naquele momento, não pode apoiar o deputado, que ficou só naquele episódio. Retirado da obra *Falcão/Independência. Nossa gente e nossa história*, de Irineu Azevedo Bastos, p. 267 – 268.





*Planta urbana 23 - Canalização do Córrego das Flores.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala 1:10.000.*

A canalização do Córrego das Flores e a conseqüente ligação da região central da cidade com a colina, onde está situado o Cemitério da Saudade, possibilitou a produção de um bairro de classe média alta, Higienópolis e a valorização imobiliária da área em questão. (20) Portanto, o populismo de Nicola atendia a seus interesses políticos. O populismo multiclassista bauruense, cuja maior expressão se configurou na figura pública de Octávio Pinheiro Brisolla, estaria em sua fase terminal com a ascensão política de Nicola Avallone Júnior.

A questão urbana na administração janista, também demonstrou outro aspecto, além da edificação do *Viaduto JK* e do início da construção da Avenida Nações Unidas: a expansão da cidade ocorreu naquele período, através de loteamentos sem infra-estrutura. Em reportagem do “Jornal da cidade” de 20 de maio de 2007, os bairros bauruenses

20 LOSNAK, Célio J., op. cit., p. 154 – 157.



*Foto 32 – Canalização do Córrego das Flores. Final dos anos 1950.  
Acervo fotográfico de Gabriel Ruiz Pelegrina.*

que ainda não possuíam guias, sarjetas e pavimentação foram analisados: Parque Jaraguá, Jardim Santa Edwirges e Parque Manchester. Constituindo-se em reflexos do período Avallone Júnior, a frente da Prefeitura municipal de Bauru. A reportagem foi realizada através de entrevistas concedidas pela Secretaria Municipal de Planejamento e pelos moradores dos bairros afetados: Em alguns pontos desta análise jornalística, evidenciam-se alguns loteamentos, que foram produzidos nos anos 1950:

...”Em Bauru, as ruas de terra são encontradas com maior facilidade nos bairros periféricos. Alguns como os parques Jaraguá e Santa Edwirges, na zona noroeste até possuem trechos asfaltados; outros como o Tangarás e o Jardim Manchester, na região leste, não contam com pavimentação em uma rua sequer”... (21)

21 FERRARI, Rodrigo. Bauru tem 350 quilômetros de ruas de terra. *Jornal da cidade*, Bauru, 20 mai. 2007. JC nos bairros, p. 01.

Analisando a problemática situação destes bairros, a arquiteta Maria Helena Riginato da Secretaria municipal de Planejamento identifica as razões de suas existência para o jornalista Rodrigo Ferrari:

...”Para Maria Helena Riginato, professora de Arquitetura da Universidade estadual paulista (UNESP) de Bauru, a situação é reflexo da expansão urbana do município, iniciada na década de 1940. ‘Nesse período começaram a ser abertos loteamentos em locais distantes da cidade. Como na época não existia uma legislação específica que regulamentasse essa questão, a maioria dos empreendimentos acabou sendo entregues sem dispor de serviços básicos de infra-estrutura’, explica... Em lugares como Santa Edwirges, Manchester, Tangarás e Pousada da Esperança as ruas estão desaparecendo em meio às enormes crateras”... (22)

Riginato também expõe as conseqüências para o município, que se estabelecem como bastante elevadas, ao longo de todos estes anos, desde os anos 1950 até a atualidade.

Paralelamente, coloca as razões que levaram a produção destes loteamentos:

...”Como na época não existiam leis que regulamentassem a abertura de loteamentos, os proprietários passaram a ter em mãos um negócio para lá de rentável. ‘ Eles não tinham obrigação de dotar os empreendimentos com infra-estrutura. Bastava apenas desmembrar os terrenos e vendê-los’, diz Riginato... ‘Essa falta inicial de infra-estrutura gerou um pesado ônus ao município, pois todas as melhorias existentes nesses bairros precisaram ser feitas com dinheiro público’. Atualmente a prefeitura só autoriza a abertura de loteamentos que estejam dotados de infra-estrutura básica – inclusive asfalto”... (23)

Por intermédio de investigação aos arquivos do 1º e 2º Cartórios de Registro de Imóveis de Bauru, levantaram-se os seguintes loteamentos autorizados pela Prefeitura Municipal e registrados entre os anos de 1956 e 1959:

---

22 Ibid. Ibidem.

23 Ibid p. 01 – 02.



*Figura 04 – Propaganda comercial das organizações Avallone Júnior em 1958 como co-patrocinadora da revista de “prestação de contas” à população ao final de seu governo.  
Fonte: Arquivo pessoal de Gabriel Ruiz Pelegrina.*

Loteamentos inscritos em 1955: Jardim Avenida, Jardim São José.

Loteamentos inscritos em 1956: Jardim Nova Bauru, Jardim Olímpico, Jardim Ouro Verde, Jardim Marabá, Vila Aviação – 01 quadra.

Loteamentos inscritos em 1957: Jardim Araruna, Jardim Marabá, Jardim Alvorada, Parque Primavera, Parque São Cristóvão, Ferradura Mirim, Parque Jaraguá, Parque Santa Cecília, Jardim Eldorado, Vila Aeroporto, Jardim Estoril, Jardim Aracy, Jardim Planalto.

Loteamentos inscritos em 1958: Parque Boa Vista, Chácara Reunidas Nossa Senhora de Fátima, Vila Victor Dotto.

Loteamentos inscritos em 1959: Parque Giansante, Chácara São João, Parque Santa Edwirges, Chácara das Flores, Jardim Vergueiro, Jardim Petrópolis, Vila São João do Ipiranga, Chácara Cornélia, Jardim Pagani, Estâncias Águas Virtuosas.

Os Parques Tangarás e Manchester, situados na zona leste da cidade, formados no mesmo período dos demais loteamentos, constituíram-se em tentativas do estabelecimento de distritos industriais. Atualmente tornaram-se áreas residenciais de baixa renda com grandes problemas de infra-estrutura. No governo Avallone Júnior, 33 loteamentos residenciais foram aprovados. Muitos destes empreendimentos ainda hoje, não adquiriram feições urbanas satisfatórias: guias, sarjetas, asfalto, transporte comunitário, iluminação pública, escolas, creches e centros de saúde. Losnak op. cit., analisa este momento da ocupação urbana de Bauru, apresentando também os problemas acarretados pelo crescimento desordenado:

...”Os inúmeros loteamentos produziram uma cidade intercalada de áreas vazias. Parte destes bairros, principalmente no começo da ocupação, possuía poucas casas, espalhadas e entremeadas por mato e trilhas. Esta característica dificultou a instalação de infra-estrutura urbana... onerando a prefeitura por necessitar estender as redes. Quando eram implantadas, possibilitavam a valorização das regiões próximas e intermediárias ainda não loteadas ou não vendidas”... (24)

Continuando a análise sobre a implantação de loteamentos em Bauru, Losnak op. cit., também apresenta o posicionamento do arquiteto Jurandyr Bueno sobre este tema:

...”Em 1979, Jurandyr Bueno, ao avaliar os problemas dos loteamentos – e a grande parte deles era ilegal -, afirmou: ‘Bauru está loteada para suportar uma população de quatro milhões de pessoas’. Exageros à parte, foi na década de 1950, segundo ele, que a venda de lotes se tornou um grande negócio e se multiplicou devido à grande especulação imobiliária’. Ao observamos os desenhos de mancha urbana produzidos pelo Plano diretor de 1996, constatamos que, a partir dos anos 50, ocorreu um crescimento da área não ocupada”... (25) (*Planta urbana 08*)

---

24 LOSNAK, Célio José, op. cit., p. 137.

25 Ibid Ibidem.



*Foto 33 – Bairro da Ferradura Mirim. .  
Fonte: Foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*

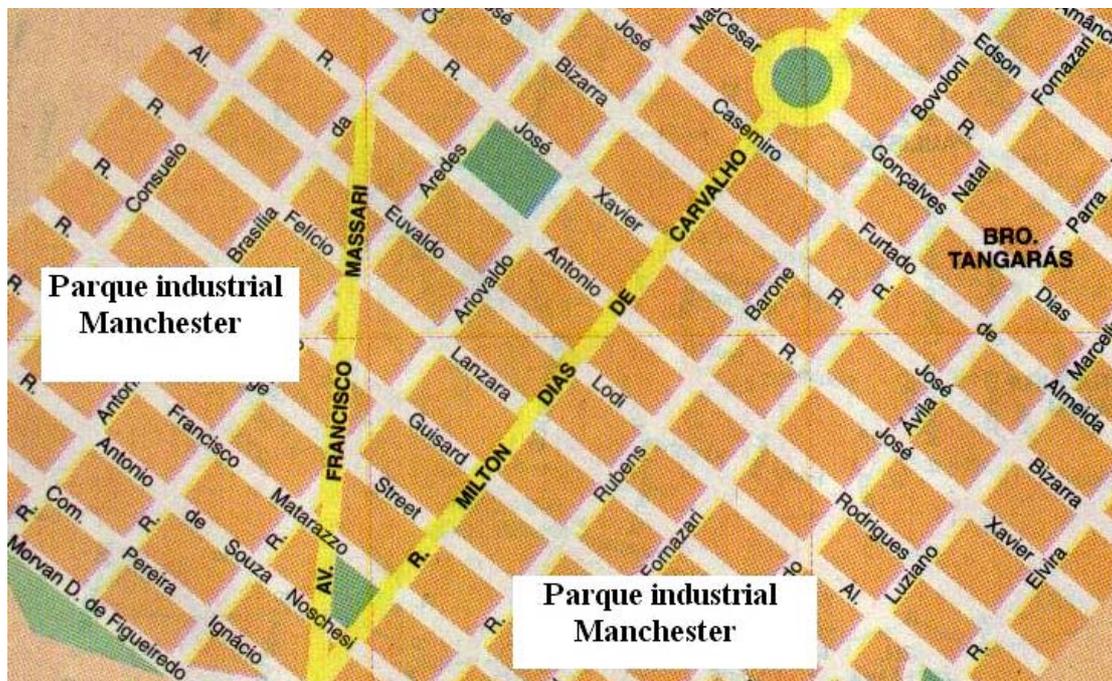


*Planta urbana 24 – Localização do Bairro da Ferradura Mirim. Zona leste da cidade.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1: 10.000.*





*Foto 35 – “Parque Industrial Manchester”.*  
*Fonte: foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*



*Planta urbana 26 – Localização do “Parque Industrial Manchester”. Zona leste da cidade. Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1: 10.000.*

Descrevendo a atuação da questão da especulação imobiliária nas cidades brasileiras, Oliveira (1982) determina como ocorre seu funcionamento:

...”Observamos que não é de todo comum os grandes investidores do mercado imobiliário (de terras) estarem à frente dos loteamentos. Via de regra, opta-se por uma empresa imobiliária que ‘administra o loteamento’. Seja qual for o processo de gerenciamento dos negócios, direto, por empresa ou mesmo por ‘testas-de-ferro’, a lógica a ser trilhada é a mesma”... (26)

Anteriormente a Lei Federal 6766 de 1979, que regulamentou os loteamentos, os caminhos a serem percorridos com o objetivo de regularizá-los eram semelhantes em todas as regiões do país. O primeiro passo baseava-se na superação dos trâmites legais para a aprovação da planta da gleba, satisfazendo a única barreira legal do período, o Código de Posturas municipais. O segundo passo constituía-se na venda de pequena parte do loteamento, geralmente as piores áreas em termo de localização. Também é importante salientar que posteriormente a venda dos primeiros lotes, eram reservadas os melhores setores para comercialização posterior. Instalados os serviços básicos como: abastecimento de água, energia elétrica, os lotes melhor localizados, seriam comercializados posteriormente. (27)

No caso específico dos loteamentos do governo Nicolinha, muitos destas áreas foram comercializadas pelo seu escritório de corretagem. Este fato é demonstrado pela página de propaganda de suas organizações, co-patrocinadora de uma revista de encerramento de governo, conjuntamente com outras empresas bauruenses (*vide página*

---

26 OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A lógica da especulação imobiliária* apud MOREIRA, Ruy. *Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.133.

27 MARX, Karl apud OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de, op. cit., p. 134 – 137.

151). Entretanto, muitos destes empreendimentos não se desenvolveram, devido à distância elevada da região central da cidade e a ausência de infra-estrutura. Conseqüentemente, muitas destas áreas loteadas não obtiveram sucesso, devido à ausência de investimentos da prefeitura municipal. Baixos recursos públicos impediram a valorização de parte dos loteamentos produzidos. Como produto final, a renda fundiária processada não atingiu índices elevados, desvalorizando ainda mais os lotes, reforçando sua ocupação por classes sociais com baixos padrões de vida. Áreas sem infra-estrutura, lotes com preços irrisórios, desvalorização, ocupação por famílias com renda precária... Um círculo vicioso se instalou.

O período desenvolvimentista em Bauru também apresentou uma outra faceta, diferenciada da expansão urbana. As questões pertinentes à cultura, expressão da manifestação do retrato de uma comunidade, também tiveram um progressivo incentivo. O auge da atuação cultural da fase de Nicola Avallone Júnior apresentou-se com a instalação de uma emissora de televisão, no final dos anos 1950. A TV Bauru, Canal 2 tornou-se símbolo do pioneirismo, produto da figura e da personalidade empreendedora de João Simonetti.

A partir de 1932, Simonetti estabeleceu um serviço de alto-falantes instalado à Rua Marcondes Salgado, na confluência com a Rua Agenor Meire. Logo em seguida, a partir do dia 26 de abril de 1935, a concessão provisória de uma estação de rádio, datada de 1934, tornava-se definitiva. Surge a “PRG-8”, a *Bauru Rádio Clube*: segunda emissora interiorana do país. Em 1936 novos estúdios foram inaugurados no Jardim Bela Vista, em frente a atual Praça dos Expedicionários. Era o início de uma época onde os sonhos individuais tornavam-se realidade e o país abria-se a novas perspectivas. Caldeira (1984) apresenta estas circunstâncias, dentro das seguintes características:

...”A primeira transmissão de rádio feita em Bauru foi ao ar no dia 08 de março de 1934, aliás uma das primeiras transmissões radiofônicas no interior do Brasil e a segunda transmissão no interior de São Paulo”... (28)

A segunda concessão de rádio adquirida por Simonetti em 1949, a primeira estação de frequência modulada da região, foi concedida devido à sua grande amizade política com Getúlio Vargas, construída a partir da década de 1930, quando da instalação da “PRG -8”. João Simonetti foi candidato a prefeito por partidos políticos ligados ao trabalhismo varguista em 1947 e 1951 (*vide página 110 e 131*). Seu relacionamento com Getúlio estabeleceu-se desde aquela fase. A criação de espaços culturais em Bauru era uma de suas principais preocupações. Observando as mesmas ansiedades, o então prefeito Nicola Avallone Júnior resolve organizar grandes shows e bailes, que trouxeram a “Cidade sem limites” nomes como Emilinha Borba, Ângela Maria, Marlene, Dalva de Oliveira e



**Foto 36 – Primeira sede da Bauru Rádio Clube, núcleo gerador da TV Bauru.  
Fonte: acervo TV Tem - 40 anos da TV Bauru. Anos 1940.**

---

28 CALDEIRA, Sandro Ferreira. *Aspectos históricos do Rádio em Bauru*. Bauru: Polaris, 1984.

Dolores Duran. A identificação das mesmas inquietações aproximou Nicolinha e Simonetti. A TV Bauru, Canal 2 seria o elo de aproximação, relacionando a política e a cultura, formando um universo ímpar de progresso e aventura. O jovem prefeito empreendedor, personificação da década de 1950 juntou-se a Simonetti, o “Assis Chateaubriand” bauruense, para a construção da “paisagem virtual” bauruense: a televisão, a primeira do interior brasileiro. Avallone Júnior auxiliou-o nos trâmites finais que levaram a liberação da concessão e da montagem final da emissora.

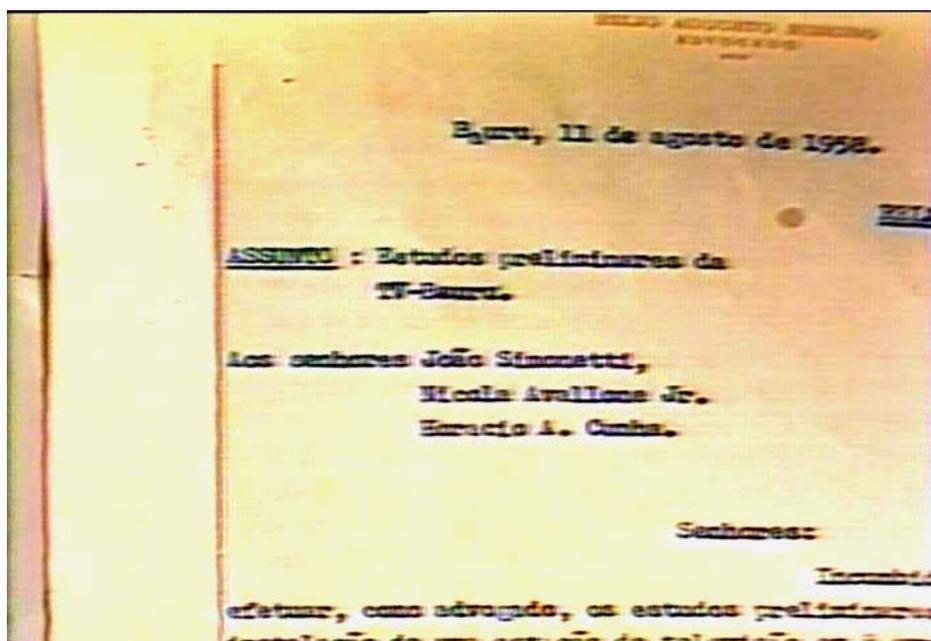
Boteon (1995) relembra o entusiasmo de João Simonetti em relação à televisão como instrumento de comunicação de massa e ao mesmo tempo, destaca seu esforço em atingir sua meta, a concessão de um canal de televisão para Bauru:

...”João Simonetti talvez seja a maior expressão do interior paulista em termos de empreendimento. Se não a maior, com certeza uma das mais notáveis. Seu interesse pelos novos rumos da comunicação, já conhecido desde meados dos anos 1930 sob o prefixo PRG – 8, intensifica-se durante uma de suas visitas a São Paulo, aonde a novidade tecnológica vinha provocando um pipocar de emissoras. O interesse assumiu os contornos da necessidade eufórica e urgente: fazer TV em Bauru é agora sua principal razão para lutar. E dentre armas, munições e estratégias necessárias para sua concretização não poderá dispensar o suporte de amigos. Precisa da concessão de um canal; para obtê-lo desembarca na então capital da República. Segue para o Catete, domicílio de seu poderoso amigo, pessoal e político. Getúlio endossa o processo encaminhando-o para atendimento”... (29)

A concessão foi encaminhada pouco tempo antes do suicídio de Getúlio. As circunstâncias que levaram o presidente à morte em 1954 e o clima político do país produziram um estancamento de suas últimas medidas. Portanto, Simonetti observou que a viabilização de um canal de televisão para Bauru, caminhava a passos lentos. Com a eleição de Juscelino Kubitschek de Oliveira à Presidência da República em 1955, paralela

---

29 BOTEON, Terezinha de Jesus. *TV BAURU – CANAL 2: O homem como agente no processo de sua criação e instalação*. Bauru: UNESP, 1995. (Dissertação de Mestrado)



*Foto 37 – Correspondência endereçada a Nicola Avallone Júnior, João Simonetti e Horácio A. Cunha, deputado federal, emitida pelo advogado Hélio Augusto Ribeiro, responsável pelo planejamento logístico da futura emissora.  
Fonte: acervo TV Tem - 40 anos da TV Bauru.*



*Foto 38 – João Simonetti e Getúlio Vargas em Bauru.  
Fonte: acervo TV Tem - 40 anos da TV Bauru.*





*Foto 39 – Entrevista com o comediante “Canarinho” em meados de 1959.  
Fonte: acervo TV Tem - 40 anos da TV Bauru.*



*Foto 40 – Nicola Avallone Júnior, ao centro, entrevistado juntamente com João Simonetti, à direita em programa da TV Bauru no final dos anos 1950.  
Fonte: acervo TV Tem – 40 anos da TV Bauru.*

A participação de Avallone Júnior na instalação da televisão bauruense, é avaliada por Boteon, op. cit., quando destaca seu apoio a Simonetti na concretização de uma verdadeira epopéia urbana, no final dos anos 1950 em Bauru:

...”João Simonetti, Nicola Avallone Júnior e Horácio Alves Cunha entregaram ao advogado Hélio Augusto Ribeiro a missão de realizar um levantamento das possibilidades de atender, o mais brevemente, a necessidade de aquisição dos equipamentos para a nascente emissora. No desempenho da tarefa encontra uma série de compatibilidades entre o pretendido e a estação emissora de Santos, base da TV – Canal 5, da Organização Victor Costa. Recebendo especial atenção de seu diretor administrativo Saulo Ramos, coincidentemente o mesmo da rede brasileira de televisão – REBRATEL – indústria de equipamentos e receptores”...(30)

Ao final de junho de 1959 iniciam-se as primeiras emissões, acertando-se os equipamentos. Entre julho e dezembro do mesmo ano, precariamente a TV Bauru, Canal 2 disponibiliza a população bauruense uma programação diária de três horas, com o intuito de ser captada em um raio de 60 km. Nesta fase, a primeira televisão do interior da América Latina surge como elemento inovador, alterando costumes e implantando novas possibilidades de comunicação e entretenimento virtuais. As pessoas passam a visualizar a distância a materialidade que somente poderia ser concebida com a proximidade física. A televisão em Bauru surgiu como um sonho de João Simonetti, entretanto possuía características que fogem ao idealismo, atingindo novos interesses políticos. Nicola Avallone Júnior como prefeito, interessou-se pelo empreendimento, passando a apoiá-lo incontestavelmente, utilizando-se de sua força política para auxiliar sua implantação. Durante sua campanha como candidato a deputado estadual em 1959, cujo pleito foi vitorioso, Nicolinha utilizou-se da televisão como instrumento de poder midiático,

---

30 BOTEON, Terezinha de Jesus, op. cit., p. 68.

aproveitando-se de sua simpatia e carisma pessoais. No mesmo ano, seu candidato à sucessão municipal, Irineu Bastos utilizou os mesmos artifícios. O próprio Irineu, em entrevista concedida em 27 de junho de 1993 ao “Jornal da Cidade” de Bauru e transcrita por Bastos, op. cit., colocou sua vitória em 1959 como resultado de sua atuação na nascente televisão bauruense:

...”Ganhei a eleição na televisão. Eles, da emissora do João Simonetti, entrevistaram todos os candidatos, um de cada vez. Todos utilizaram a TV para trocar ofensas, mas quando eu fui, elogiei todo mundo e só falei sobre o que poderia fazer para Bauru. Também tinha muito conhecimento sobre o orçamento. Durante doze anos fui o relator do orçamento de Bauru, e respondia de imediato todas as perguntas que me faziam.” (31)

Apesar do pioneirismo de Simonetti, do apoio institucional de Nicola Avallone Júnior e do grupo político hegemônico naquele período em Bauru, as questões financeiras produziram a venda da TV Bauru ao grupo OVC – Organização Victor Costa, proprietária da TV Paulista e das Rádios Nacional e Excelsior. Em fins de 1960, este grupo de comunicações já comandava o Canal 2, impondo novas perspectivas, anteriormente não dimensionadas sob o comando dos Simonetti. A administração tomou novos rumos, ampliando as horas de transmissão e conduzindo uma dinâmica atualizada, alicerçada em novos investimentos e associada à programação da TV Paulista. Em 1965, a OVC foi adquirida pela Rede Globo. Na fase entre o término da gerência da Organização Victor Costa e o ano de 1969, a TV Bauru como subsidiária da televisão de Roberto Marinho, mantinha ainda grande parte da sua programação, vinculada a Bauru. Entretanto, após a construção da rede nacional de televisão, comandada pela Rede Globo, restaram somente trinta minutos de transmissões locais. Atualmente, a programação regional, não ultrapassa trinta minutos semanais.

---

31 BASTOS, Irineu Azevedo, op. cit., p. 243.

A TV Bauru participou como instrumento de comunicação, objetivando a divulgação do panorama desenvolvimentista proposto por Nicola Avallone Júnior e reafirmado por João Simonetti, durante o segundo período da década de 1950. Representou a possibilidade da ingerência de setores da elite política e cultural no panorama urbano da cidade, através da vinculação dos instrumentos de poder da mídia eletrônica. Conseqüentemente, a visão de ‘Nicolinha’ sobre a comunidade bauruense, expandiu-se, auxiliando a construção de seu projeto de organização urbana. Uma concepção de desenvolvimento que ultrapassava as fronteiras forjadas pela força propulsora das ferrovias, direcionadora da forma urbana, da economia, enfim de todo o complexo citadino de Bauru, desde o início do século XX. A televisão projetada por Simonetti, apoiada por Nicola Avallone Júnior, constituiu-se em um elemento que auxiliou a produção de sua figura pública, juntamente com o jornal “*Diário de Bauru*”, de sua propriedade. Uma das conseqüências da instalação da televisão na “*Sem limites*” apresentou-se a partir destas circunstâncias.



***Foto 41 – As instalações da PRG – 8, Bauru Rádio Clube: Jardim Bela Vista no início da década de 1940. Futuras instalações da TV Bauru. Fonte: Museu Histórico Municipal.***

## CAPÍTULO VI

### O COLAPSO DO POPULISMO E A ASCENSÃO DO PODER TECNOCRATA. 1960 – 1968

...”A corrida ao cargo de governador de São Paulo começava de novo e Bauru entrava na rota dos políticos de projeção nacional. Nicolinha, que se fez conhecer como o administrador da cidade sem limites recebendo das mãos do presidente Juscelino Kubitschek o título de melhor prefeito do Brasil, também disputava uma cadeira da Assembléia Legislativa. Jânio Quadros, Ivete Vargas, Adhemar de Barros, Carvalho Pinto, Porfírio da Paz e muitos outros nomes importantes do cenário político daquela época vieram várias vezes participar dos comícios para as eleições de outubro de 1958. Ao contrário do que ocorreu na batalha municipal anterior, Nicolinha agora estava do lado de Jânio Quadros, apoiando Carvalho Pinto para o governo do estado. Jânio também fez por merecer o apoio de Nicola Avallone Júnior. Depois que reataram a amizade, o governador abriu as torneiras do Tesouro Estadual para Bauru. Queria agora a gratidão dos eleitores para eleger o próximo governador, de olho na sua candidatura à Câmara Federal e à Presidência da República”... (1)

Apesar do governo popular e de muitas realizações, a eleição municipal de 1959, era uma incógnita em potencial para Nicolinha. Os constantes ataques produzidos por muitos vereadores tinham alcançado parcialmente seus objetivos: elevado grau de desconfiança era observado por grandes porções da população bauruense. Os vereadores Nilson Ferreira da Costa, Nuno de Assis, Paulo Pereira Rangel e Sérvio Túlio Coube comandavam a “tropa de choque” oposicionista e quase conseguiram o impedimento do prefeito no “*caso dos paralelepípedos*”. O jornal “*A Verdade*” de Nilson Costa atacava-o semanalmente. (*vide páginas 141 - 143*). Além deste panorama, contrário a seus interesses na Câmara de vereadores, ainda se avistava no horizonte o problema sucessório: a candidatura de Octávio Pinheiro Brisolla pelo PSP de Adhemar de Barros. Brisolla era considerado um dos maiores expoentes e um verdadeiro mito da história política bauruense. (2)

---

1 MELLO, Lucius de, op. cit., p. 173 – 174.

2 Depoimento de *Gabriel Ruiz Pelegrina*, op. cit.



***Foto 42 – Os ademaristas: Chaim Mauad, Assir Reze, Brisolla, Nuno de Assis, Luiz Zuiani e Irineu Bastos. Administração ‘Nuno de Assis’. Início da década de 1950. Fonte: acervo pessoal de Irineu Azevedo Bastos.***

Nicolinha não possuía, em suas hostes, um componente capaz de galvanizar seu sucesso como político empreendedor e ousado. Restava-lhe uma única alternativa: buscar entre seus adversários, um nome de expressão que pudesse competir com Octávio Brisolla. A figura política encontrada constituiu-se no vereador pessepista e então Presidente da Câmara municipal, Irineu Bastos. Seu filho, Irineu Azevedo Bastos, apresenta as questões que nortearam a opção de seu pai por esse novo relacionamento político:

...”Sintetizando a trajetória política de meu pai, ele se iniciou na política no partido de Emílio Carlos, o Partido trabalhista Nacional. Depois de conviver com o Dr. Octávio Pinheiro Brisolla, quando de sua primeira vereança, meu pai ficou seu aliado. Nesse esquema, foi reeleito nas duas legislaturas subseqüentes pelo Partido Social Progressista... Em 1959, sua vinculação com Dr. Brisolla, com quem mantinha muita afinidade e respeito, estava tolhendo-lhe a possibilidade de candidatar-se a prefeito. Num momento em que estava crescendo politicamente, pronto para tentar um vôo mais alto na política local”... (3)

A candidatura de Irineu Bastos possibilitou a permanência do grupo de Avallone

---

3 BASTOS, Irineu Azevedo, op. cit., p. 181.



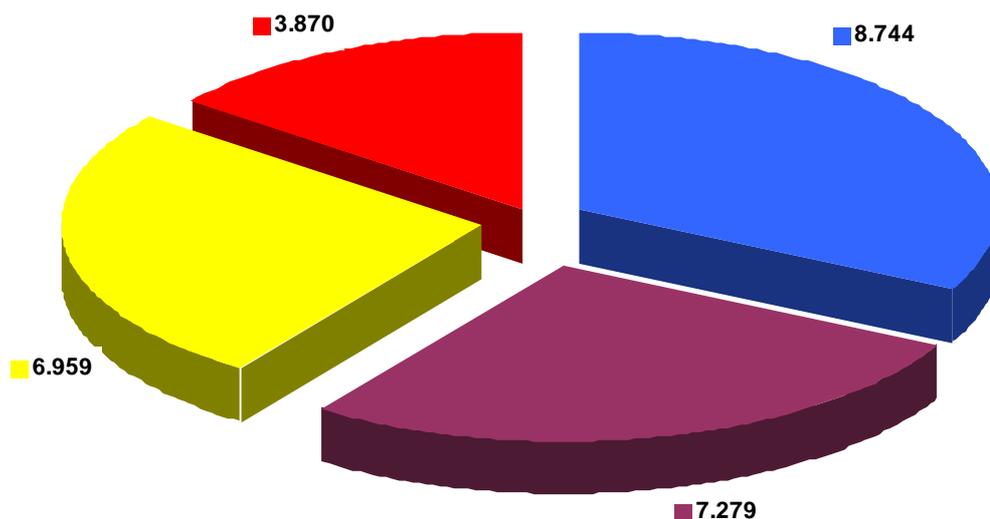
***Foto 43 – Inauguração do Parque infantil de Vila Falcão – 1958. Ao microfone Irineu Bastos e, ao seu lado, o então Prefeito Nicola Avallone Júnior.  
Fonte: acervo pessoal de Irineu Azevedo Bastos***

Júnior, a frente do Poder Executivo municipal. O janista Nicolinha indicara, como candidato à sua sucessão, um ademarista, ligado ao histórico grupo de Octávio Pinheiro Brisolla. Inaugurava-se em Bauru a fase terminal do populismo, uma fase híbrida, com características e elementos das duas facções políticas antagônicas. A paisagem urbana também passou a sofrer reflexos, ocasionada pelas transformações do populismo bauruense. Em entrevista realizada pelo Diário de Bauru em 1º de janeiro de 1960 apud Bastos op. cit., Irineu Bastos, antigo ademarista, revela suas novas características políticas:

...”As relações administrativas com o Estado, esse será um dos pontos altos de nosso governo, pois fomos eleitos pelas forças janistas de Bauru, comandadas habilmente pelo Partido Trabalhista Nacional, a cuja frente pontificaram os nomes dos deputados Avallone Júnior... Esse elo será exercido pelo deputado bauruense Avallone Júnior, que terá toda cobertura do município na sua atuação na Assembléia Legislativa como representante real de nosso povo “... (4)

4 BASTOS, Irineu Azevedo, op. cit., p. 182 – 183.

**Eleições Bauru  
04 de Outubro de 1959  
Prefeito.**



■ Irineu Bastos - PTN/PRT
■ Octávio Pinheiro Brisolla - UDN/PSP
■ Antonio Bortoni - PR
■ Benedito Moreira Pinto - PSD/PTB/PRP

*Figura 05 – Gráfico demonstrando os resultados eleitorais do pleito majoritário, realizado em 1959 no município de Bauru e a vitória do situacionista Irineu Bastos. Fonte: Irineu Azevedo Bastos in Eleições municipais II. Analisando os resultados, observa-se a vitória “janista” por um elemento proveniente da facção ademarista, produzindo o nascimento de uma nova força política, composta por um populismo conjugado por forças anteriormente opostas .*

No início da década de 1960, grandes transformações ocorreram no cenário político. O janismo que estruturou-se a partir da segunda metade dos anos 50, sofreu abalos com a renúncia de sua figura principal à Presidência da República. Nas eleições estaduais de 1962, as forças janistas dividem-se em duas: a candidatura do próprio Jânio e a de José Bonifácio, amparada pelo então governador Carvalho Pinto, rompido já, naquele momento, com o “homem da vassoura”. (5) Em Bauru, Nicolinha passa a apoiar Quadros e o prefeito Irineu Bastos, o candidato do governador. Um novo rompimento político é produzido, demonstrando uma fase bastante conturbada na vida política municipal. (6)

O distanciamento entre o prefeito e o deputado estadual acarretou-se devido à instalação da FOB – Faculdade de Odontologia de Bauru, que durante anos foi um das aspirações da cidade de Bauru. O governador Carvalho Pinto ofereceu a Irineu Bastos, a instalação desta unidade da Universidade de São Paulo em troca do apoio a seu candidato.



**Foto 44 - Construção dos blocos iniciais da Faculdade de Odontologia de Bauru. Início dos anos 1960. Fonte: arquivo fotográfico da FOB.**

5 KWAK, Gabriel, op. cit., p. 293 – 295.

6 Depoimento de *Irineu Azevedo Bastos*, op. cit.



*Foto 45 – Visão panorâmica da Faculdade de Odontologia de Bauru, em meados dos anos 1970. Fonte: arquivo fotográfico da FOB.*



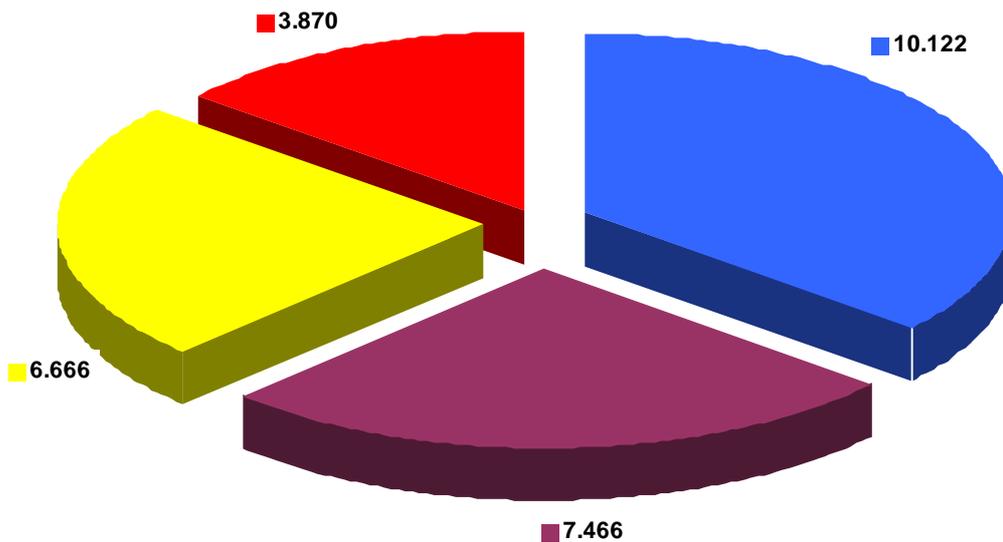
*Planta urbana 28 – Localização da FOB – Vila Nova Universitária. Vetor de crescimento dos bairros nobres, situados a sudoeste da cidade. Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala - 1:10.000.*

O governo Irineu Bastos e posteriormente, a segunda administração Nuno de Assis, representaram a formação de uma nova vertente populista, composta de características janistas e ademaristas. Bastos, eleito pelas forças janistas de Bauru em 1959, conduziu sua administração dentro dos parâmetros opostos a de Nicola Avallone Júnior. Em seu período a frente da Prefeitura Municipal de Bauru, Irineu direcionou os negócios públicos com seriedade. Sua maior conquista constituiu-se na Faculdade de Odontologia. Portanto, seu maior legado vincula-se a Educação. Posicionamento administrativo semelhante a seus antigos colegas ademaristas: Octávio Pinheiro Brisolla e Nuno de Assis. A Instituição Toledo de Ensino e as Faculdades de Ciências e Letras do Sagrado Coração instalaram-se em terras bauruenses, respectivamente em 1951 e 1953.

Ideologicamente, Irineu estava atrelado ao grupo ademarista bauruense. O rompimento com o pessepismo foi ocasionado por imperativos eleitorais. Sua visão de mundo e suas perspectivas públicas estavam associadas ao universo ademarista bauruense. Consequentemente, o crescimento urbano desordenado da fase de Avallone Júnior foi estancado. A Faculdade de Odontologia, sua obra mais vultosa, possibilitou o desenvolvimento de bairros de classe média, a sudoeste da cidade. A construção do novo Paço municipal prosseguiu, identificando-se como paisagem que materializou urbanisticamente o populismo em Bauru, simbolizando, dialeticamente a junção do ademarismo e do janismo.

Durante o governo Irineu Bastos, a visão tecnocrata em relação ao gerenciamento da “coisa pública”, principalmente em seu aspecto urbano, já era observado por intermédio do crescimento político do jovem vereador udenista Nilson Ferreira da Costa. Nilson antecipou o nascimento do grupo político de Alcides Franciscato, tornando-se candidato a prefeito em

**Eleições Bauru**  
**06 de Outubro de 1963**  
**Prefeito.**



<span style="color: blue;">■</span> Nuno de Assis - PSP/PTB	<span style="color: purple;">■</span> Nilson Ferreira Costa - UDN
<span style="color: yellow;">■</span> Luiz Zuiani - PSD	<span style="color: red;">■</span> Ivaldo Crivelli - PSB

*Figura 06 - Gráfico demonstrando os resultados eleitorais do pleito majoritário, realizado em 1963 no município de Bauru e a vitória do situacionista Nuno de Assis. Fonte: Irineu Azevedo Bastos in Eleições municipais III. Analisando os resultados observa-se a volta ao poder do ademarismo e a ascensão de Nilson Costa, antecipando a instalação de governos tecnocratas em Bauru.*

1963, conquistando o segundo lugar em uma eleição bastante disputada. Posteriormente, tornou-se diretor do “Jornal da cidade”, órgão de comunicação criado em 1967 e vinculado ao grupo empresarial da família Franciscato. O candidato vitorioso, o médico e ex-prefeito Nuno de Assis, representou o retorno ao poder do pessepismo. O novo governo, inaugurado em 1964, continua a representar um híbrido entre o ademarismo e o janismo. O período de Irineu Bastos e Nuno de Assis à frente do Poder Executivo municipal produziu uma nova vertente populista, resultante de elementos anteriormente antagônicos. Em suas próprias origens, como expressão da dialeticidade das forças políticas em jogo, o governo Nuno de Assis estabeleceu-se como a última fase do populismo em Bauru, contendo em seu bojo as causas de seu desaparecimento.

A segunda administração Nuno de Assis apresentou novas formas de tratamento da questão urbana. Suas primeiras determinações possibilitaram o término das obras da nova Prefeitura, que se arrastaram por quase onze anos, desde 1954. O Paço municipal “Horácio Alves Cunha”, paisagem urbana característica dos anos populistas, foi inaugurado em 02 de agosto de 1965 (7). Paralelamente, criou o Escritório Técnico de Planejamento, órgão especial de assessoria. A opção por um órgão especializado fora consequência da implantação da tecnocracia a nível federal. A Revolução de 1964, movimento político declaradamente contrário ao populismo, passou a construir legislação específica para organizar as cidades sob a óptica da acumulação capitalista. O crescimento urbano deveria estar acoplado à lógica do capital. (8) Consequentemente, a Lei estadual nº. 9205 de 28 de

---

7 BASTOS, Irineu Azevedo, op. cit., p. 355.

8 OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A lógica da especulação imobiliária* apud MOREIRA, Ruy. *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 141 – 145.

dezembro de 1965 estabeleceu que os municípios não teriam direito a “auxílio financeiro ou empréstimo”, concedido pelo Estado se não possuísse Plano Diretor “regularmente aprovado”, após três anos de vigência da lei. O prefeito Nuno de Assis, ciente das implicações da ausência deste instrumento de ordenamento urbano legalizado, encomendou um plano em dezembro de 1966 ao Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da Universidade de São Paulo. (9) O Plano Diretor de 1967 apresentou a seguinte análise sobre a estrutura urbana de Bauru:

1. Ineficiência do sistema viário;
2. Grande número de loteamentos distantes da malha urbana, sem nenhuma infra-estrutura;
3. Os fundos de vales e as ferrovias produziram a setorização da cidade;
4. Necessidade de incorporação das rodovias ao sistema viário;
5. Ausência de viadutos para a transposição destas barreiras.

O plano propôs para o dimensionamento destes problemas, a organização de um sistema viário, em forma de malha, a partir do centro, conectando os vários setores da cidade, aproveitando os fundos de vales para áreas verdes e recreação. Preocupou-se também com os trevos da Rodovia Marechal Rondon, estabelecendo vias de acesso à cidade. (10)

A última administração populista de Bauru passou a sofrer grandes metamorfoses, preocupando-se em adaptar-se ao novo universo sócio-político, definido a partir de 1964. A Lei municipal de 03 de julho de 1968 instituiu o Plano geral de organização urbana e deu atribuições ao Escritório Técnico de Planejamento. Com o objetivo de analisar o Plano

---

9 LOSNAK, Célio José, op. cit., p. 190.

10 Análise do Plano Diretor de Bauru de 1967. Plano diretor de Bauru. SEPLAN, 1996, p. 84.

Diretor de Bauru como instrumento da modernidade Losnak op. cit., apresenta a visão do arquiteto Jurandyr Bueno, participante de sua elaboração e condutor das transformações urbanas ocorridas em Bauru após 1968:

...”O Plano Diretor de Bauru não foi implantado; entretanto, foi recebido e reiterado como obra moderna que orientou discursos, produziu noticiários, referencializou propostas políticas, legitimou posições e práticas, inspirou o direcionamento urbano e as obras públicas nas décadas de 1960 e 1970... Décadas depois, em entrevista, o arquiteto Jurandyr Bueno afirmou que o plano não foi implantado por ser ‘uma coisa importada e utópica’ ou ‘um joguinho de montar que permite dispor as peças como a gente quiser’. Entretanto, desde o início do mandato de Alcides Franciscato, em 1969, o plano era constantemente citado como símbolo de progresso, como forma de justificar a importância das obras e intervenções da Prefeitura. Tal importância estaria fundada em um projeto moderno, anteriormente definido por um saber técnico superior, legitimado por uma instituição externa a cidade, a FAU, mas que também era produto de um grande criador. Desse modo, a cada nova obra, os argumentos pretendiam confirmar o que já estava escrito; um documento importante que pairava sobre os destinos da cidade e do ‘homem comum’, anunciando as determinações de ‘novos tempos’ (progresso, modernidade, monumentos urbanos); ao mesmo tempo, divulgava-se que criação, previsão e realização dessas transformações já contidas no fazer histórico seriam produtos de um mesmo homem”... (11)

O Plano Diretor de 1967 instituiu-se como ferramenta da modernidade. Amparada na tecnocracia, ele representou a possibilidade da instalação de novos rumos urbanos para a cidade de Bauru. O populismo multiclassista, evidenciado na figura ímpar de Octávio Pinheiro Brisolla, que se sustentou por vinte anos como força política hegemônica, estava com seus dias contados. O multiclassismo, que visava adaptar os interesses de todas as classes sociais em uma única representação de forças políticas, caminhava para ser substituído pela tecnocracia e por sua opção pela expansão capitalista e as classes que a amparavam: a burguesia e as classes médias. Os tecnocratas associaram-se ao grande empresariado para determinar o término do populismo. A fundação do “Jornal da Cidade” em 1967 caracterizou esta situação política: Alcides Franciscato associou-se a Halim Aidar,

---

11 LOSNAK, Célio José, op. cit., p. 193 – 194.

empresário na área de asfalto e Israel Dias Novaes, deputado federal pela Arena para a formação deste empreendimento. Logo em seguida, outros empresários passaram a fazer parte da empresa: João Pereira Martins, proprietário da concessionária de veículos General Motors, Guilherme Ferraz, proprietário de terras e da concessionária de caminhões Mercedes Benz, Luis Carlos Pagani, loteador, Nacib Salmen, dono da concessionária de automóveis Ford, José da Silva Martha Filho, engenheiro, proprietário da maior construtora de Bauru. As eleições municipais de 1968 demonstrariam a força desta conjugação político-econômica: a candidatura majoritária de Alcides Franciscato. (12) O empresariado bauruense uniu-se contra a candidatura do populista Nicola Avallone Júnior a Prefeitura municipal.

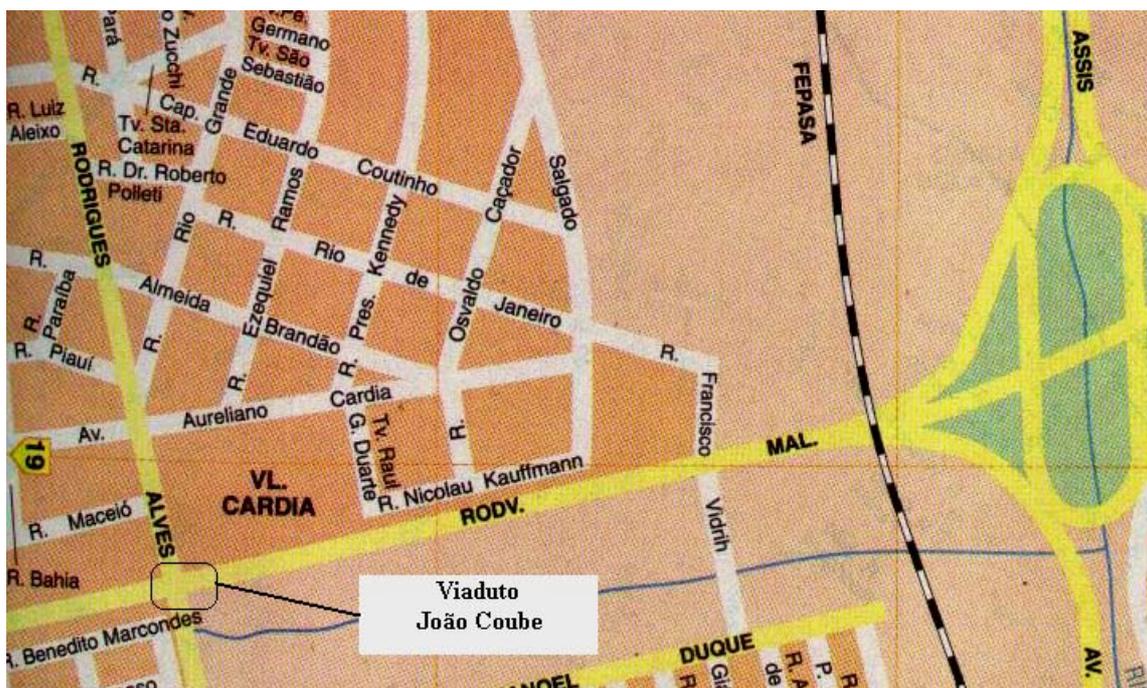
As propostas do Plano Diretor de 1967 preconizavam a inclusão de Bauru em uma nova etapa econômica: a indústria. O sistema viário implantado seria consequência desta opção. As ferrovias e o comércio tornar-se-iam secundários e a tecnocracia substituiria o populismo como força política predominante. A partir de 1969 até o final da década de 1970, Bauru passa a sofrer alterações urbanas, inspiradas no Plano Diretor de 1967:

1. Construção do Viaduto João Coube sobre a Rodovia Marechal Rondon;
2. Duplicação das Avenidas Elias Miguel Maluf, Pinheiro Machado e do Viaduto Mauá;
3. Interligação dos setores norte e oeste: construção das Avenidas Waldemar G. Ferreira e Daniel Pacífico;
4. Construção da Avenida Nuno de Assis entre o Viaduto JK até a Rua Araújo Leite;
5. Construção da Avenida Nações Unidas (13).

---

12 LOSNAK, Célio José, op. cit., p. 92 – 93.

13 Plano Diretor de Bauru - 1996, op. cit., p. 84 – 85.

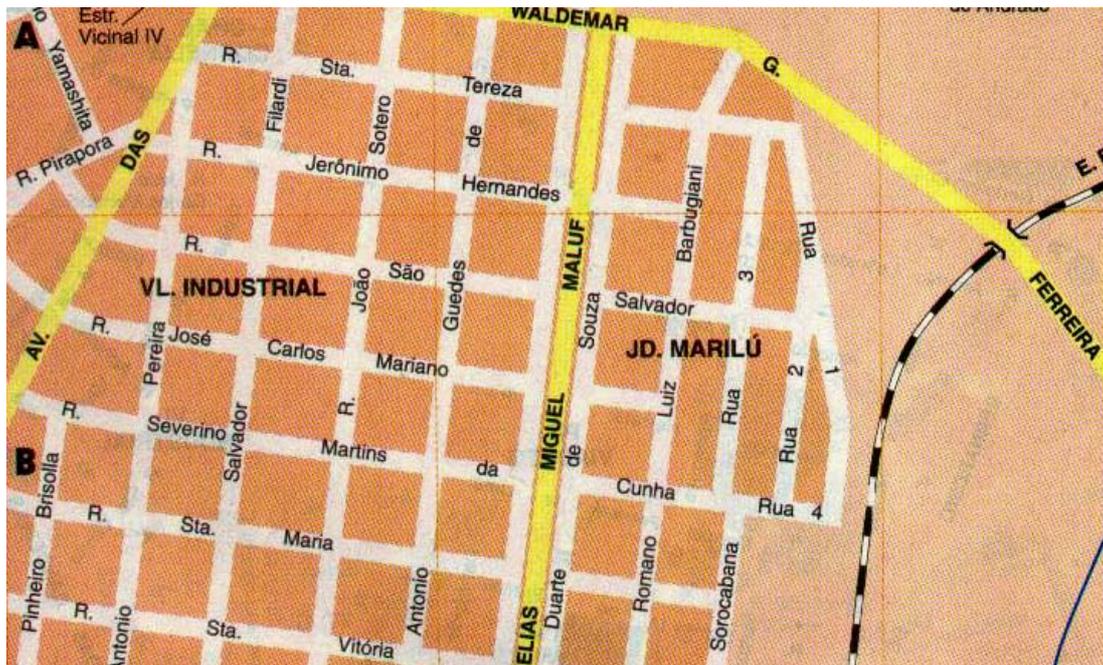


*Planta urbana 29 – Viaduto João Coube sobre a Rodovia Marechal Rondon.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



*Foto 46 – Viaduto João Coube. Elo entre o leste e o centro urbano.  
Fonte: foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*





*Planta urbana 31 – Avenida Elias Miguel Maluf.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



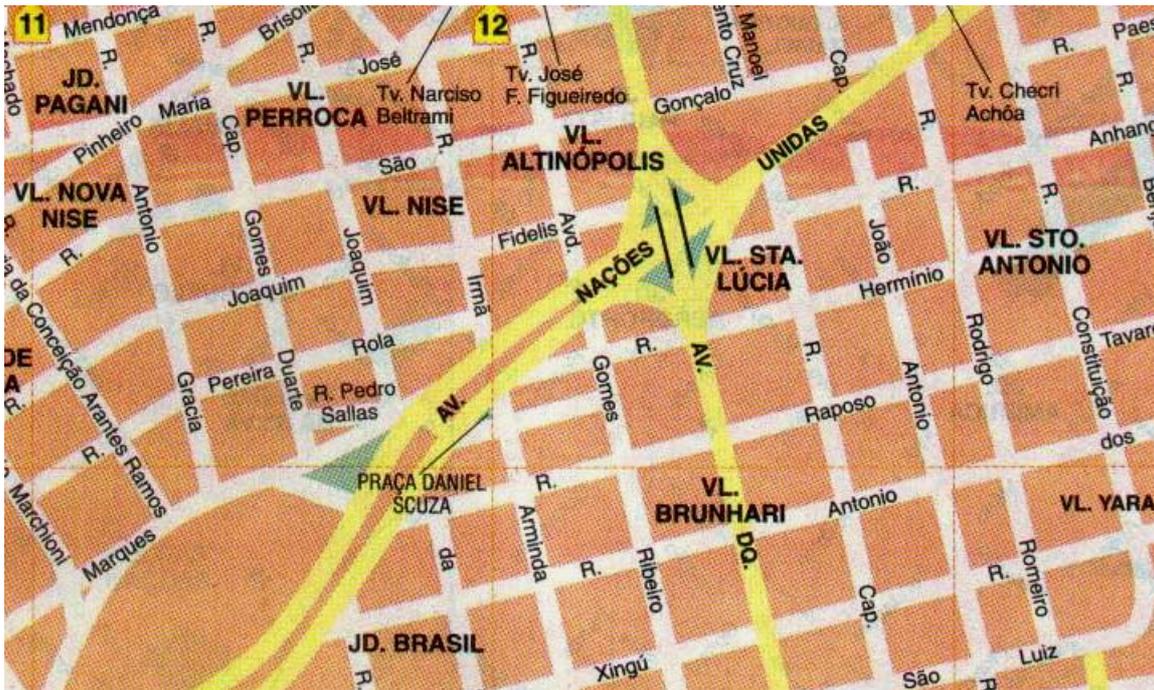
*Foto 48 – Avenida Elias Miguel Maluf. Elo entre o centro e o oeste da cidade.  
Fonte: foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*



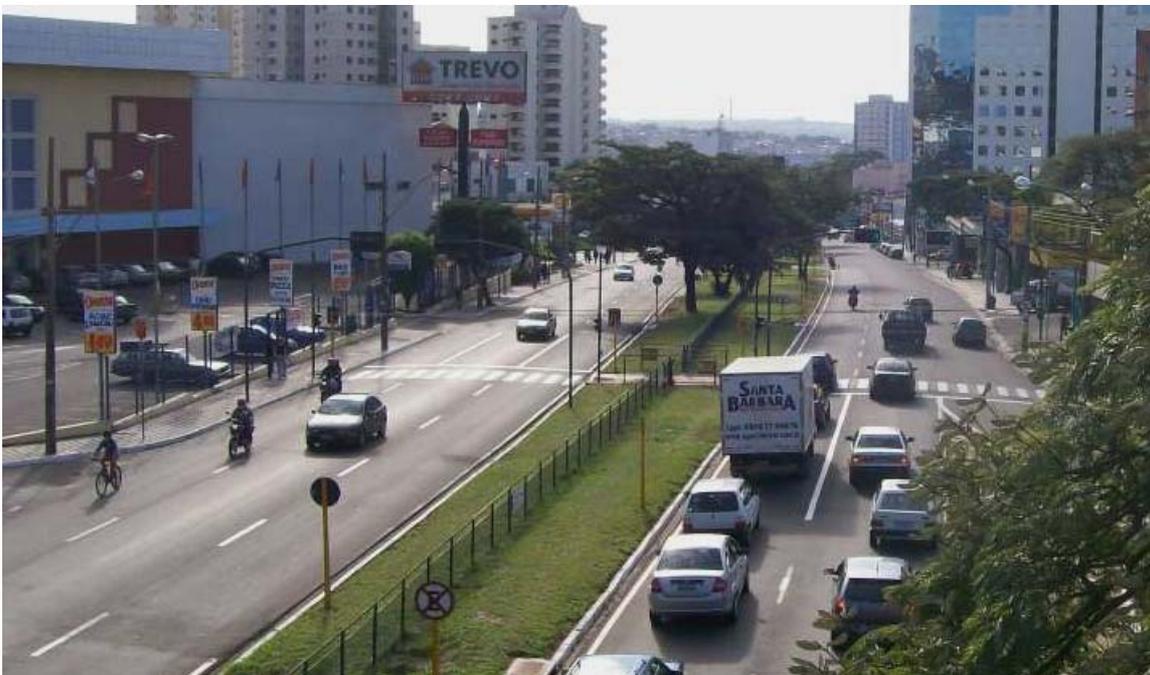
*Planta urbana 32 – Localização da Avenida Dr. Nuno de Assis.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



*Foto 49 – Avenida Dr. Nuno de Assis. Saída do Viaduto JK.  
Fonte: foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*



*Planta urbana 33 – Localização da Avenida Nações Unidas.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru. Escala – 1:10.000.*



*Foto 50 - Avenida Nações Unidas. Principal artéria urbana de Bauru.  
Fonte: foto realizada pelo autor em 27 de julho de 2007.*



Evidenciando a formação de um Estado tecnocrata após a tomada do poder pelos militares em 1964, Losnak, op. cit., identificou sua estrutura na área de investimentos urbanos:

...”No pós-64, o Estado criou vários órgãos e programas para investimentos urbanos, em sua maioria ligada ao SFH e ao BNH. Alguns foram substituídos, subdivididos, outros fracassaram, mas mantiveram uma tecnocracia que pretendia orientar o desenvolvimento urbano. Com o Estado direcionando a economia para a predominância do capital monopolista e internacional, cabiam-lhe os investimentos em infra-estrutura dos mais variados aspectos: das rodovias necessárias ao transporte de mercadorias, passando pelo escoamento do trânsito urbano, exigência e orientação de planejamentos urbanos, às melhorias das condições ambientais (saneamento: captação e fornecimento de água e canalização de esgoto, drenagem de rios) e da maioria de setores das classes trabalhadoras”... (14)

As políticas de intervenção urbana planejadas em Bauru foram inauguradas no governo Nuno de Assis. Pouco tempo antes da produção do Plano Diretor, o prefeito ademarista constituiu uma empresa de construção habitacional. A COHAB foi instalada em 1966 e rapidamente passou a produzir os primeiros núcleos habitacionais. Jardim Redentor I com 472 residências e Parque União com 305 foram os primeiros conjuntos entregues a população, respectivamente em 1968 e 1969. (15)

Como forma de promoção da propriedade privada e com o objetivo de assentamento urbano de milhares de famílias que saíam do campo em um processo de intensificação do êxodo-rural, a habitação popular foi a opção selecionada pelo Governo Federal e os demais níveis de Poder. Dentro desta perspectiva, Maricato (1997) apresenta uma correspondência da então Presidente do Banco Nacional de Habitação, Sandra Cavalcanti enviada ao

---

14 LOSNAK, Célio José, op. cit., p. 189.

15 Plano Diretor de Bauru - 1996, op. cit., p. 43.

Presidente Castello Branco em 1964, esclarecendo as razões da escolha da política habitacional popular:

...”Achamos que a Revolução vai necessitar agir vigorosamente junto às massas. Elas estão órfãs e magoadas, de modo que vamos ter que nos esforçar para devolver a elas uma certa alegria. Penso que a solução do problema de moradia, pelo menos nos grandes centros, atuará de forma amenizadora e balsâmica sobre suas feridas cívicas”... (16)

A marca da política habitacional dos governos tecnocratas, alicerçava-se na construção de grandes núcleos habitacionais. Impessoais, com uma “territorialidade lisa”, ainda a ser preenchida, produzida pelas pessoas que ali se instalassem, a “casa popular”, como é ainda hoje denominada genericamente pela população, constituiu-se em uma inovação no período pós 1964. Diferentemente da política urbana do populismo multiclassista, os tecnocratas compreendiam a cidade como força expressão da supremacia de uma classe social e de seus interesses, sobre a totalidade do tecido social. A administração Nuno de Assis, apesar de sua visão populista da sociedade, passou a conduzir os processos de mudanças urbanas, que já era observado em muitas regiões do país. O último período populista em Bauru identificou estas transformações, possibilitando a conquista do poder pela tecnocracia burguesa, representada pela vitória eleitoral do grupo de Alcides Franciscato nas eleições de 1968.

A paisagem urbana do final do populismo demonstrava ambigüidades: permanecia como reflexo deste movimento político, com alicerces anteriores ao processo revolucionário, enquanto que em seu âmago era produzida a ascensão do domínio técnico-burguês. No interior do populismo bauruense nasce a tecnocracia, identificada com as

---

16 MARICATO, Erminia. *Habitação e cidade*. São Paulo: Atual, 1997, p. 49.

forças capitalistas da cidade. O Plano Diretor, o Escritório Técnico de Planejamento e a COHAB foram reflexos destes momentos de metamorfose entre o populismo e a tecnocracia. Nas eleições de 1968 o candidato vitorioso Alcides Franciscato venceu um dos símbolos do populismo bauruense: Nicola Avallone Júnior. Irineu Bastos era seu candidato a vice-prefeito. O populismo chega a sua conclusão através da derrota eleitoral de um de seus maiores símbolos. Nicolinha e Irineu Bastos unidos representaram uma tentativa de retorno ao poder. Objetivaram o regresso a uma temporalidade extinta. Jânio Quadros e Adhemar de Barros haviam sido cassados. Os trabalhistas foram depostos em 1964. Uma nova fase política surgia, produzindo uma nova paisagem, modificando as estruturas urbanas. Entretanto, o período populista pode ser considerado como uma época de transição entre as ferrovias, que construíram a cidade e a Bauru moderna, da atualidade. Os atores políticos conduziram a transição entre estes dois momentos, estas duas temporalidades, traduzidas em concepções urbanas diferenciadas, em paisagens distintas.

Octávio Pinheiro Brisolla, a maior personalidade do ademarismo bauruense, também pode ser considerado o mais destacado político do período populista. Sua capacidade em ultrapassar dois momentos da vida política brasileira é a demonstração inequívoca de que sua figura e as marcas que deixou na política bauruense e na paisagem urbana se confundiram com sua época. Poderia ela denominar-se a “Era Brisolla.” prefeito durante a República Velha, político getulista nos anos 1930 e ademarista durante as décadas de 1950 e 1960, Octávio Pinheiro Brisolla soube expressar-se através de sua trajetória, as metamorfoses políticas, econômicas e sociais do Brasil nesta cidade. Representou as transformações entre a Bauru das ferrovias e do comércio, e a Bauru atual. Simbolizou esta transição, determinando um populismo que iria sofrer somente um intervalo, durante a administração Avallone Júnior. Os demais prefeitos, Irineu Bastos e Nuno de Assis que

compuseram este ciclo populista, eram ademaristas em sua origem. Nicola Avallone Júnior estabeleceu-se como uma exceção a toda esta fase, um ator significativo, que adquiriu importância como contraponto da figura maior da fase populista: Octávio Pinheiro Brisolla. Prefeito duas vezes, em dois momentos distintos; vereador, Presidente da Câmara de Vereadores durante os anos 1950; derrotado por duas vezes consecutivas na disputa pela Prefeitura municipal e, finalmente deputado federal na legislatura 1963 – 1967, Brisolla definiu uma época. Sua maior mágoa não se configurou nas derrotas para Avallone Júnior e para Irineu Bastos. Este desalento ocorreu com a infrutífera tentativa pela reeleição em 1967. (17) Sem recursos financeiros, a derrota ocasionou-lhe o agravamento de suas condições de saúde, produzindo seu falecimento em 1970, fato próximo ao ocaso do populismo na cidade de Bauru.

A vida política de Nicola Avallone no período populista, estende-se um pouco mais em relação à de Octávio Brisolla. Porém, esta fase também marcou a conclusão de sua participação vitoriosa na vida pública bauruense. Em 1968 é derrotado pelo grupo político de Alcides Franciscato, no pleito visando à conquista da Prefeitura municipal. Em 1971, ainda como deputado estadual, é cassado pelo Regime Militar. Mello op. cit expõe as razões que o levaram a ser cassado, através de um relato do próprio Nicolinha:

...”Fui cassado sem merecer porque atentei contra mafiosos... Investiguei a vida daquele bando de sem-vergonhas que estava vendendo cotas de uma falsa fábrica de automóveis, lembra? Diziam que a fábrica ia ser instalada num terreno lá em São Paulo, davam prazo para a produção começar e tudo o mais. Rodei as indústrias de autopeças uma por uma para saber se algumas delas iria fornecer material para a tal montadora e aí descobri que era tudo enrolação... O problema é que alguns generais estavam envolvidos. Os meus inimigos da

---

17 Depoimento de *Marco Aurélio Pinheiro Brisolla*, op. cit.

capital se uniram aos daqui e foram buscar lá no passado até aquela velha história dos paralelepípedos. Forjaram documentos, inventaram, caluniaram até que conseguiram convencer os milicos de que eu havia superfaturado as obras do asfaltamento da Rua 1º de Agosto quando era prefeito em 1956. Foi uma belíssima economia que eu fiz, isso sim; em vez de jogar no lixo como entulho, ordenei que arrancassem os paralelepípedos do centro e usassem as mesmas pedras para pavimentar as ruas do bairro da Bela Vista. Mas a oposição com inveja da minha idéia, armou um escândalo, fez o promotor quase pedir minha prisão e não sossegou enquanto não me viu pagar pelo que não fiz. Perdi o mandato de deputado estadual “.. (18)

A era populista em Bauru pode se sintetizada como uma tentativa de produzir o moderno, sem destruir o antigo, ora questionando as antigas organizações urbanas, ora preparando a cidade para os “tempos modernos”. O ademarista Octávio Pinheiro Brisolla, a maior figura política desta fase, possuía preocupações sociais, com responsabilidade sobre os negócios públicos. O janista Nicolinha, com sua capacidade empreendedora, produziu marcas profundas na textura urbana de Bauru. Irineu Bastos e Nuno de Assis foram símbolos e co-autores da transmissão entre o populismo e a “modernidade” da era tecnocrata. Conjuntamente, construíram paisagens definidas, específicas, símbolos de uma época, resultado de uma determinada temporalidade, que se expõe e que foi fixada no tecido da cidade. Em sua exterioridade, a paisagem apresenta, através de percepção, o passado de Bauru. Seu interior proporciona uma leitura infinita de relações urbanas e temporais identificadoras de sua formação, traços de um cotidiano anterior, mas que surpreende pela sua capacidade em transgredir o tempo. Em consequência, a paisagem urbana apresenta-se como um conjunto de códigos específicos, processados como fruto da atuação política sobre o espaço. A derradeira fase populista, construída pelos dois

---

18 MELLO, Lucius de, op. cit., p. 232 – 233.

últimos prefeitos, apresentou um universo de características ademaristas, janistas e tecnocratas. Por intermédio deste período de sobreposição, nasceu a paisagem urbana moderna de Bauru.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A questão primordial que deu origem a opção pelo movimento populista em Bauru, inseriu-se dentro de uma perspectiva específica. Esta cidade compôs meu cenário de vida por décadas. Apesar de ter nascido e de ter vivido durante toda minha vida na cidade de Agudos, comunidade próxima, meu relacionamento com Bauru se manifesta intensamente. Desta forma, por fazer parte de minha história, Bauru representou muitas vezes uma segunda comunidade, onde ocorre uma inserção cotidiana. Ao visualizar sua paisagem urbana, alguns questionamentos básicos, surgiram-me paulatinamente. Quais seriam seus significados? Quais os elementos que direcionaram sua produção? Estas perguntas juntaram-se a outras, muito particularmente sobre uma determinada figura da esfera política bauruense: Nicola Avallone Júnior. Ex-prefeito nos anos 1950 e deputado estadual, eleito sucessivamente para três legislaturas, Nicolinha era conhecido por toda a região como um político dinâmico e ousado. Quais as relações existentes entre este famoso ator político e as paisagens que eu observava como perdidas, isoladas dentro da modernidade bauruense? Consequentemente, a lógica interna desta pesquisa relacionou-se primeiramente com a paisagem. Em seguida, a política surge como instrumento de análise sobre esta mesma paisagem. Quanto à evolução do trabalho empreguei conceitos geográficos e da Ciência Política adaptada a esses questionamentos, conduzindo um diálogo sobre a construção teórica do conceito de populismo no Brasil. Determinei também o método dialético como intermediador entre a realidade geográfica, a paisagem e o fenômeno político, o populismo. Esta ferramenta metodológica possibilitou a análise da evolução do populismo ademarista e janista, permitindo evidenciar e explicar as metamorfoses políticas de alguns atores sociais

entre 1948 e 1968, fase determinante deste movimento em Bauru. A pesquisa não poderia ter se desenvolvido se os conceitos de paisagem e populismo não se definissem.

A paisagem demonstrou-se como categoria de importância capital para o desenvolvimento desta dissertação. A paisagem urbana analisada em Bauru é reflexo do fenômeno populista. Conjuntamente comportaram-se como integrantes do eixo central deste trabalho. O reavivamento atual da paisagem para a Geografia está relacionado ao desenvolvimento da Geografia Humanista, mais precisamente atrelada ao Culturalismo. Caracterizando esta visão apresentei a posição de Jean-Marc Besse, um filósofo que trabalha com questões de fundamentação da Geografia. Jean-Marc coloca a paisagem como desaguadouro do modo com que as pessoas se comportam e se ajustam a sua própria cultura. Na verdade, para o autor a paisagem se caracteriza como um invólucro que detém uma interioridade, cuja essência o geógrafo deve analisar. Milton Santos também coloca-se como portador desta óptica, quando aponta as palavras do historiador Marc Bloch, sobre esta categoria geográfica. Para ambos a paisagem é a memória viva de um passado já morto. Abordei a questão paisagística dentro desta óptica, relacionando-a com o poder populista, apresentando-a como resultado da atuação da política como construtora do urbano.

A preocupação com a conceituação de populismo também acompanhou-me nos estágios iniciais da pesquisa. Esta inquietação já era observada no levantamento da problematização, na formulação das hipóteses e no levantamento bibliográfico. Consequentemente decidi discutí-lo, trazendo o posicionamento de inúmeros autores, que dedicaram análises diferenciadas sobre o tema. Atualmente o populismo é proclamado como um movimento político que detém uma definição estigmatizada, verificada tanto pela população em geral quanto pela intelectualidade marxista e liberal. Desta forma, as práticas

populistas são consideradas como um conjunto de situações que descrevem o ator político, alheio às estruturas partidárias, comunicando-se diretamente com o povo com o objetivo de permanecer e usufruir-se do poder conquistado. Seu contacto com a população é direto, sem intermediários. As organizações partidárias constituem-se em elementos legais para possibilitar sua ascensão política. No contato com o povo, o carisma e o clientelismo são práticas usuais. Entretanto, a postura conceitual empregada nesta dissertação diverge desta tendência, trabalhando posicionamento contrário. O populismo, segundo esta orientação, nasce na etapa de transição entre o Brasil rural e o Brasil moderno, no final dos anos 1920. Período rico em metamorfoses, acentuadas pelo nascimento das massas urbanas. Esse movimento passa a se constituir em um fenômeno político que visava englobar todas as classes na nova sociedade que acabara de emergir.

A primeira grande experiência populista, conduzida pelo “reformismo social”, nasceu no Rio de Janeiro nos anos 1930, através da atuação do prefeito carioca Pedro Ernesto. O populismo multiclassista caracterizou-se como um instrumento que visava à inclusão das grandes massas urbanas brasileiras ao processo sócio-econômico e político. Durante o período populista no município de Bauru, constatando este processo, verificou-se um grande crescimento populacional: em 1950 possuía 65.452 moradores, em 1960 atingia o número de 92.099 e em 1970 passava a contar com 131.101 habitantes. (*Fonte Seade*) Em consequência, ao analisar o populismo bauruense, empreguei a conceituação multiclassista, construída pelo historiador Michael Conniff. Conclui que este movimento político procurou dirigir-se a todos os segmentos sociais da cidade e suas respectivas demandas, com diversificações entre as administrações janistas e ademaristas. Estas variações foram identificadas por paisagens urbanas individualizadas.

Com a finalidade de compreender o populismo multiclassista atuante em Bauru, deparei-me com a necessidade de estabelecer uma crítica a seus produtores, demarcando semelhanças, distinções e proximidades ideológicas, por intermédio do mapeamento da vida política de Adhemar de Barros e Jânio Quadros. Esta análise foi elaborada com o objetivo de esclarecer os fundamentos que os afastaram, tornando-os rivais, dividindo o cenário político de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1960. Em seguida, constatei que tanto o ademarismo quanto o janismo originaram-se do multiclassismo. Estas duas vertentes populistas tentavam atender às demandas e expectativas de todas as classes sociais. Contudo, circunstâncias e posturas políticas as diferenciaram. A concepção de Estado produziu diferenciações, gerando antagonismo e divergências políticas. Adhemar utilizava-se dele para manter-se no poder, construindo uma poderosa máquina partidária, o PSP que atrelava-se as organizações governamentais, usufruindo muitas vezes desta situação. Jânio vislumbrava uma era de reformas políticas que transformaria as relações da sociedade com o estado. O Estado janista era impessoal e austero. Em Bauru, a situação inverteu-se. O ademarismo de Brisolla tratava os negócios públicos com parcimônia. O janista Avallone Júnior conduzia a “coisa pública” como instrumento de poder, estabelecendo muitas vezes relações privadas em seu domínio.

A evolução urbana bauruense definiu-se inicialmente, como produto do estabelecimento das ferrovias, a partir do início do século XX. Além de sua atuação no crescimento citadino, as ferrovias marcaram uma época onde o poder político estava nas mãos das oligarquias. A paisagem urbana refletiu estas circunstâncias. A área ocupada de Bauru estava relacionada até fins dos anos 1940, ao espaço produzido pelas ferrovias. O Ribeirão Bauru e o Córrego das Flores demarcavam os limites urbanos, com exceção da área de Vila Falcão a oeste, de Jardim Bela Vista ao noroeste e de Vila Antártica a nordeste

e adjacências. A partir da segunda metade dos anos 1950, o crescimento da cidade acentua-se, surgindo novos bairros, distanciados do centro, em sua maioria carentes de infraestrutura. O período populista coincidiu com a rápida expansão urbana, protagonizada principalmente a partir de 1956, pela administração municipal Nicola Avallone Júnior.

O populismo ademarista, definido nas administrações Octávio Brisolla e Nuno de Assis, determinou algumas características que demarcaram a vida política e a organização urbana bauruense. O arranjo espacial visualizado, ainda detinha características da época da instalação das ferrovias: crescimento citadino era limitado aos limites dos vales dos principais rios e a economia ainda baseava-se no comércio. Entretanto, em seu bojo já continha aspectos do nascimento da modernidade que iria ser edificada nos anos posteriores. O projeto das novas instalações da Prefeitura municipal, iniciadas no primeiro governo Nuno de Assis renunciou esta nova era, na cidade de Bauru. Conjuntamente com a instalação do Hospital de Base, da Instituição Toledo de Ensino em 1951 e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus em 1953 representaram o alvorecer de uma paisagem, que paulatinamente adquiria novas feições urbanas. Esta dialeticidade demonstra a vitalidade das novas forças políticas surgidas após a Segunda Guerra Mundial e a redemocratização ocorrida no país em 1946. O ademarismo em São Paulo constituiu-se como o resultado do desdobramento deste original momento histórico, que iria descortinar-se urbanisticamente pelo interior paulista, através da atuação de seus elementos a frente do poderes municipais.

A versão ademarista do populismo bauruense encerrava-se em aspectos dissociados de sua matriz estadual. A distinção essencial consistia-se em visões antagônicas sobre o Estado. O ademarismo de Brisolla e de Nuno de Assis possuía uma vertente original. Consideravam a coisa pública como dissociada do universo privado. O ademarismo oficial

colocava o Estado a seu serviço, como seu usufruto, com o intuito de manter-se no poder indefinidamente. Porém, tanto Adhemar quanto Brisolla caracterizavam-se por tentar responder aos anseios de todas as classes sociais, constituindo-se em uma versão do populismo multiclassista. Octávio Pinheiro Brisolla considerava o poder estatal como instrumento de atendimento a todos, sem distinção econômica e social. Os problemas urbanos da atualidade bauruense não são reflexos da atuação do grupo ademarista à frente da Prefeitura de Bauru, ao contrário apresentam-se como resultado de seu contraponto político, Nicola Avallone Júnior e sua inserção na malha urbana.

A antítese ademarista evidenciou-se pela ascensão do grupo janista ao poder político bauruense, capitaneada por ‘Nicolinha’, nas eleições majoritárias mais disputadas da história do município. Avallone Júnior constituiu-se em uma versão diferenciada do populismo derrotado em 1955. Definia-se um desenvolvimentista com tintas janistas. Uma argamassa difícil de ser consolidada. O janismo detinha feições dissociadas do ademarismo regional. Considerava que a cidade de Bauru deveria desvincular-se de sua herança ferroviária e do comércio. Conseqüentemente, a atuação do Estado, no caso específico o poder público local, deveria comportar-se como instrumento de viabilização destas transformações. No emaranhado de modificações na estrutura urbana de Bauru, conduzidas pela atuação de Nicola Avallone Júnior, ora como administrador, ora como dimensionador e oficializador destes loteamentos, o caos urbano projetou-se no futuro.

Um terceiro momento do período populista coordenou-se com o governo Irineu Bastos e a segunda administração Nuno de Assis. Constituíram uma síntese do processo em curso, pois possuíram elementos tanto janistas quanto ademaristas. O próprio Irineu Bastos era um antigo correligionário de Brisolla, tornando-se candidato de Nicolinha, à sua sucessão em 1959, devido às contingências políticas da época. Direcionou sua conduta

como prefeito, divergindo das posturas de seu antecessor. Poucos loteamentos foram autorizados. A mancha urbana permaneceu, sem grandes alterações quantitativas. Sua marca como gerenciador público o remete às características de seu grupo político original. A instalação da FOB garantiu a permanência de um componente ademarista em sua administração.

O segundo governo de Nuno de Assis encerrou a fase populista. Originariamente ademarista, a posição política do prefeito caminhava a passos largos para metamorfoses estruturais. A concepção urbana de Bauru passou a sofrer influência da política nacional, pois os governos militares passaram a construir novas opções para o direcionamento das aglomerações citadinas. Estas novas orientações basearam-se na concepção burguesa da sociedade. A tecnocracia instituiu-se como instrumento que as viabilizou, associando-se ao poder do capital, construindo novos parâmetros urbanos e sociais. O período de Nuno de Assis frente à Prefeitura municipal possibilitou a geração deste poder tecnocrata. A constituição do Escritório de Planejamento, a confecção do Plano Diretor em 1967 e o estabelecimento da COHAB redirecionaram a política urbana, antes associada ao populismo e a sua maneira de visualizar a cidade. O populismo passou a ser extinto gradativamente, enquanto que a tecnocracia despontou como instrumento hegemônico do capital sobre a cidade. O ano de 1968 demarca claramente o nascedouro de uma nova fase política. A paisagem urbana produzida na fase Nuno de Assis compreende o princípio do movimento de transformação social, política e urbana de Bauru.

A razão motivadora desta pesquisa está relacionada a dois fatores preponderantes: a figura de Nicola Avallone Júnior, célebre político bauruense e a algumas paisagens urbanas desta cidade que transmitiam para mim uma sensação de “desencaixe”, não pertencente a Bauru moderna, muito menos a Bauru relacionada aos tempos da “Noroeste do Brasil”. Os

bairros sem infra-estrutura, distantes do centro urbano, a antiga TV Bauru, o antigo prédio da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, o Viaduto Mauá, as instalações da Instituição Toledo de Ensino, o Hospital de Base... Símbolos de uma época? Mas qual temporalidade, produzida por quais fatores urbanos, econômicos e políticos? Estaríamos nos referindo a uma época de transição? Um período entre a Bauru dos “trilhos” e a Bauru moderna, traduzida pelo desenvolvimento da área de serviços? Questões que freqüentemente me deixavam perplexo! A análise do período populista e de sua conseqüente paisagem urbana conduziu-me a reflexões que orientaram-me em respostas conclusivas.

O período populista em Bauru constituiu-se em uma época de transição. Fase entre dois universos distintos: a Bauru das ferrovias e a Bauru das Universidades, da Avenida Nações Unidas, da Avenida Getúlio Vargas, da pujante área de serviços da contemporaneidade. Entretanto, cabe-me evidenciar, ao término destas considerações, a força de uma personalidade que marcou indelevelmente a história política da *Sem limites*: Octávio Pinheiro Brisolla representou esta época de transição, passagem entre as velhas oligarquias da República Velha e a tecnocracia. Os bauruenses sempre consideraram Nicolinha como a figura máxima do período populista. Contudo, este atributo não lhe pertence. Brisolla tornou-se o símbolo verdadeiro de uma época, que vivenciou profundamente. O ‘velho ademarista’ caracterizava-se por nortear seu comportamento por valores éticos, imprimindo uma conduta irrepreensível no trato com a ‘coisa pública’. Iniciando sua carreira política em 1919 como prefeito, completando-a em 1967 com a tentativa infrutífera de reeleger-se deputado federal, Octávio Pinheiro Brisolla atravessou universos políticos diferentes, épocas diferentes, convivendo com poderes políticos e econômicos antagônicos. Permaneceu ininterruptamente com as mesmas características:

irredutível, inflexível quanto às suas convicções políticas, construindo em conjunto com seus companheiros, uma força política produtora de espaços urbanos harmônicos, cuja paisagem tornou-se símbolo, ultrapassando as fronteiras temporais.

Adentrando novamente às indagações levantadas ao iniciar-se este trabalho, objetivo retomá-las, apresentando ao leitor os resultados desta investigação de maneira sucinta. O problema central que viabilizou a pesquisa inseriu-se no seguinte questionamento: um fenômeno político pode condicionar a produção de uma paisagem urbana diferenciada? A conseqüente resposta baseia-se na afirmação de que o populismo criou uma paisagem urbana característica, dissociada da Bauru das ferrovias, das oligarquias da República Velha e do período getulista, cujas estruturas urbanas estiveram associadas a estas temporalidades. Estas diferenciações podem ser observadas através de paisagens urbanas definidas: a Bauru das ferrovias apresentando uma evolução citadina delimitada pelos vales dos principais rios, detentora de uma sólida infra-estrutura urbana.

O questionamento seguinte fundamentou-se na seguinte possibilidade: dentro do movimento populista surgiram diferenciações que também deixaram sinais de sua atuação, por intermédio de paisagens diferenciadas? Esta resposta caminha no sentido de evidenciar a existência de dois movimentos populistas de Bauru: janistas e ademaristas degladiaram-se pelo controle político da cidade, com acentuada predominância do grupo ademarista. Apesar dos depoimentos de vários memorialistas e historiadores bauruenses demonstrarem poucas variações ideológicas entre estes sub-movimentos políticos, cumpre-me salientar que me oponho a este posicionamento. Durante a evolução da pesquisa constatei que, grandes diferenciações entre estes grupos foram comprovadas. O ademarismo bauruense possuía um alto grau de antagonismo ideológico com sua matriz e sua maior personalidade Octávio Pinheiro Brisolla era detentor de um alto grau de responsabilidade pública.

Entretanto, permaneceu ademarista por toda sua vida. Retrato fundamental das paixões políticas. Em relação a visão sobre o desenvolvimento urbano, os ademaristas diante do poder público municipal, caracterizaram-se por um expressivo comedimento com o crescimento da cidade. Grandes loteamentos não foram introduzidos e a urbe concentrava-se entre seu centro e alguns bairros adjacentes como Jardim Bela Vista, Vila Falcão, Vila Seabra e Vila Antártica. Em relação às políticas públicas que também geraram paisagens urbanas definidas, os ademaristas atuaram na área de saúde, construção do Hospital de Base e no desenvolvimento da Educação Superior como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus e a Instituição Toledo de Ensino. Os alicerces, da face harmoniosa da modernidade bauruense estabeleceram-se durante suas administrações.

A outra vertente populista caracterizou-se pelo predomínio janista, configurada na administração Nicola Avallone Júnior. Ao contrário do grupo ademarista, Nicolinha visualizava grandes transformações no tecido urbano de Bauru, bem como em sua dependência para com as ferrovias e o comércio. O resultado desta interferência maciça na evolução citadina é observado com nitidez no estabelecimento de bairros periféricos sem infra-estrutura. Conseqüentemente, um crescimento desordenado é observado: 33 loteamentos foram registrados no governo Avallone Júnior. A faceta problemática da modernidade nasceu nestes anos. Portanto, categoricamente pode-se afirmar que existiram diferenciações entre estes sub-movimentos políticos. O ademarismo propunha-se assegurar o ambiente urbano do período hegemônico das ferrovias, ressaltando novas conquistas sociais por intermédio da Educação Superior. O janismo aventava uma cidade voltada para a modernidade, visualizada no horizonte. Para que isto acontecesse, a cidade necessitaria desenvolver-se a “todo custo”, direcionando possíveis soluções aos problemas acarretados com o crescimento urbano artificial, em um futuro ainda incerto. Com estas afirmações

pretendo oferecer uma resposta a outra questão básica levantada: janistas e ademaristas possuíam posicionamentos ideológicos diferenciados? Suas atuações políticas na construção na produção de paisagens específicas, identificam a veracidade de visões de mundo antagônicas.

O universo ademarista bauruense definiu uma fase cujo equilíbrio político projetou uma organização urbana moderada, sem grandes modificações em sua estrutura. Seu contraponto, o governo Avallone Júnior desenvolveu uma atividade política desenfreada, fragmentando a malha urbana bauruense. A síntese deste processo político é determinada no período vivenciado pelos prefeitos Irineu Bastos e Nuno de Assis, completando o ciclo populista, proporcionando a junção de elementos ademaristas e janistas, convivendo no interior de uma fase híbrida e produzindo, em seu término, a gênese do poder tecnocrata. Desta forma, o processo espaço-temporal que produziu esta complexa problemática está circunscrita no imaginário de uma geração de bauruenses, que vislumbrou a política populista como mecanismo de inserção social e na concretude isolada de suas paisagens urbanas.

Enfim, a cidade é a expressão material das diversas forças que agem no espaço. Ela é fruto, na sua materialidade e na memória daqueles que nela vivem, do processo histórico mediado pelas intencionalidades dessas forças políticas, econômicas e sociais. Não é abstração, percepção, nem representação, mas a cidade é a expressão concreta da ontologia possível do espaço, onde a paisagem urbana apresenta os registros materiais realizados pelos homens; constituindo-se em uma inscrição que deve ser lida, um texto que deve ser desvendado.

## FONTES.

### FONTES IMPRESSAS.

A Revista – nº 1, set. 1993.

A Verdade – exemplares avulsos de 1956 a 1959.

Câmara Municipal de Bauru.

Correio da Noroeste – exemplares avulsos das décadas de 1940, 1950 e 1960.

Diário de Bauru – exemplares avulsos de 1948 a 1965.

Folha do Povo – exemplares avulsos – década de 1950.

Jornal da cidade – JC nos bairros, 07 mai. 2007.

Museu Histórico Municipal.

Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.

Plano Diretor de Bauru – 1967 – SEPLAN.

Plano Diretor de Bauru – 1996 – DAE.

Revista Atenção – nº 270, setembro 2006.

### SITES PESQUISADOS.

<http://br.geocities.com/estradaferrooroestedobrasil/>

<http://www.guianet.com.br>

[http://209.15.138.224/brazil\\_mapas/s\\_Sao\\_Paulo\\_brazil.htm](http://209.15.138.224/brazil_mapas/s_Sao_Paulo_brazil.htm).

[www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev\\_bio\\_pedroernesto.htm](http://www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev_bio_pedroernesto.htm)

[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/3231\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/3231_1.asp).

<http://ciberdividas.sapo.pt/php/resposta.php.id=1351>.

[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/3231\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/3231_1.asp)

<http://www.estacoesferroviarias.com.br> - s/d

<http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>

<http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>

<http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>

<http://www.saojose.g12.br/>

[www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev bio Hugo Borghi/ htm](http://www.cpdoc.fgv/nav.historia/htm/biografias/ev_bio_Hugo_Borghi/htm)

<http://www.bauru.sp.gov.br/>

<http://www.saojose-bauru.g12.br/>

<http://www.ite.edu.br/>

<http://www.usc.br/nuphis/index.htm>

[http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_05/Reg05\\_Bauru.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_05/Reg05_Bauru.htm)

<http://www.seade.gov.br/produtos/500anos/consulta.php>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

CD-ROM.

TV Bauru 40 anos: história da TV Bauru -21/10/1999.

#### ENTREVISTAS.

Adelmo Bertusi – assessor técnico da Secretaria de Planejamento de Bauru – Entrevista realizada em 28 de novembro de 2006.

Gabriel Ruiz Pelegrina - memorialista bauruense e diretor do Núcleo de documentação e pesquisa histórica de Bauru e região. Entrevista realizada em 21 de novembro de 2006.

Irineu Azevedo Bastos – historiador bauruense e filho do ex-prefeito Irineu Bastos.

Entrevista realizada em 12 de novembro de 2006

Marco Aurélio Pinheiro Brisolla – antigo vereador e filho de Octávio Pinheiro Brisolla.

Entrevista realizada em 08 de dezembro de 2006.

Muricy Domingues – antigo udenista, Professor Doutor e ex-Chefe de Gabinete da Reitoria da Universidade do Sagrado Coração. Entrevista realizada em 17 de dezembro de 2006.

Nilson Ferreira da Costa – antigo vereador, ex-deputado estadual no período populista e ex-prefeito de Bauru. Entrevista realizada em 07 de dezembro de 2006

Paulo Pereira Rangel – antigo vereador do período populista. Entrevista realizada em 06 de novembro de 2006.

#### FONTES VISUAIS.

Arquivo pessoal de Gabriel Ruiz Pelegrina.

Arquivo pessoal de Giro Ishicava.

Arquivo pessoal de Irineu Azevedo Bastos.

Arquivo pessoal de Marco Aurélio Pinheiro Brisolla.

Associação Hospitalar de Bauru.

Faculdade de Odontologia de Bauru.

Jornal “A Verdade”.

Museu Histórico Municipal.

Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica de Bauru e Região.

TV TEM.

#### MAPAS.

<http://209.15.138.224/brazilmapas/SaoPaulobrazil.htm>

DAE – Departamento de Água e Esgoto de Bauru.

<http://www.efbrasil.eng.br/railfoto.html>

<http://br.geocities.com/estradaferronorooestedobrasil/>

<http://www.guianet.com.br>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

Museu Histórico Municipal.

Plano Diretor de Bauru – 1967.

Plano Diretor de Bauru – 1996.

SEPLAN – Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru.

PLANTAS URBANAS.

Plano Diretor de Bauru – 1967.

Plano Diretor de Bauru – 1996.

Prefeitura Municipal de Bauru – SEPLAN.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.

ANDRADE, E. L. *Sertões da Noroeste: 1945/1950*. São Paulo: [s.n.], [194 -].

ANDRADE, Manoel Corrêa de. *Populismo e organização social in Caminhos e descaminhos da Geografia*. São Paulo: Papyrus, 1998.

ARNT, Ricardo. *Jânio Quadros. O prometeu de Vila Maria*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BAHIA, Luiz Henrique Nunes. *O poder do clientelismo. Raízes e fundamentos da troca política*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

BASTOS, Irineu Azevedo. Eleições municipais e resultados I. *Diário de Bauru*, p. 4, 21 jul. 1996.

\_\_\_\_\_. Eleições municipais e resultados II. *Diário de Bauru*, p. 6, 28 jul. 1996.

\_\_\_\_\_. Eleições municipais e resultados III. *Diário de Bauru*, p. 4, 04 ago. 1996.

\_\_\_\_\_. *Falcão/Independência. Nossa gente e nossa história*. Bauru: EDUSC, 2002.

BENEVIDES, Maria Victória. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BESSE, Jean–Marc. *Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BÓBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (org.). *Dicionário de política*. 6. ed. Brasília: Editora da UNB, 1994, v. 1, p. 385 – 391.

BOTEON, Terezinha de Jesus. *TV Bauru – Canal 2: o homem como agente no processo de sua criação e instalação*. Bauru: UNESP, 1995. (Dissertação de Mestrado)

- CALDEIRA, Sandro Ferreira. *Aspectos históricos do Rádio em Bauru*. Bauru: Polaris, 1984.
- CASTELLS, M. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CONNIFF, Michael L. *Política urbana no Brasil. A ascensão do populismo: 1925 – 1945*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- CONSTANTINO, Norma Regina T.; RIGINATO, Maria Helena. *Contribuição ao estudo da paisagem urbana de Bauru*. Campinas: UNICAMP, s/d.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny (org.). *Introdução à Geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DIAS, Gilmar. Paladino do populismo: Nicola Avallone Júnior. *Revista*, Bauru, nº. 01, 1993, p. 19 – 22.
- DUARTE, A. L. *Cultura popular e cultura política no após-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimento no bairro da Mooca: 1942 – 1973*. Campinas: Unicamp, 2002. (Tese de Doutorado)
- FERRARI, Rodrigo. Bauru tem 350 quilômetros de ruas de terra. *Jornal da cidade*, Bauru, 20 mai. 2007. JC nos bairros, p. 04.
- FERREIRA, Jorge. *O nome e a coisa: o populismo na política brasileira* in FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, p. 59 – 124, 2001.
- FREDERICO, Celso. *Consciência operária no Brasil* in FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001, p. 64.
- GASPAR, Jorge. *O retorno da paisagem à Geografia. Apontamentos místicos*. Lisboa: Finistera, XXXVI, 72, 2001, p. 83 – 89.

GERMANI, Gino. *Política e sociedade em uma época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas* in FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001, p. 64.

GHIRARDELLO, N. *Aspectos do direcionamento da cidade de Bauru*. São Paulo: USP – Escola de Engenharia de São Carlos, 1992. (Dissertação de Mestrado)

GOMES, ÂNGELA DE Castro. *O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito* in FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 201, p. 21.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Reflexões sobre Geografia e Educação: notas de um debate*. Terra Livre, São Paulo, nº. 02, 1987, p. 09 – 41.

IANNI, Octávio. *O populismo na América Latina* in FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001, p. 66.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. *Poder político local. Do coronelismo ao populismo (um estudo de caso: São Carlos)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1979 (Dissertação de Mestrado).

KERBAUY, Maria Teresa Miceli; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Do clientelismo coronelista ao clientelismo de estado: a ascensão dos imigrantes na política do interior paulista*. Perspectiva, São Paulo, v. 26, 2003, p. 27 – 31.

KWAK, Gabriel. *O trevo e a vassoura. Os destinos de Jânio Quadros e Adhemar de Barros*. São Paulo: Girafa, 2006.

LACOSTE, Yves. *A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1998.

- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LIMA, J.F.T. de; LIMA, A.A.F. Populismo: o charme político dos “anos dourados”. *Diário de Bauru*, p. 16 – 17, 4 jul. 1993.
- LOSNAK, Célio José. *Polifonia urbana. Imagens e representações. Bauru: 1950 – 1980*. Bauru: EDUSC, 2004.
- MARICATO, Ermínia. *Habitação e cidade*. São Paulo: Atual, 1998.
- MARQUES, Eduardo César. *Redes sociais, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. Disponível em <http://www.culturabrasil.org/18brumario.htm>. Acesso em 21 jan. 2007, 21h35.
- POSSAS, Lídia Maria Vianna. *O trágico três de outubro. Estudo histórico de um evento*. Assis: UNESP, 1992. (Dissertação de Mestrado)
- MELLO, Lucius de. *Eny e o grande bordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*: Hucitec/Polis, 1998.
- MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A lógica da especulação imobiliária* in MOREIRA, Ruy (org). *Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- PELEGRINA, Gabriel Ruiz; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. *Ferrovias e urbanização: o caso de Bauru*. Bauru: EDUSC, 1991.
- PELEGRINA, Gabriel Ruiz. *Memorial da Câmara Municipal de Bauru: 1896 - 1996*. Bauru: Fergraf, 1996.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RATZEL, Friedrich. *Antropogeografia* in MORAES, Antonio Carlos Robert. *Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1992.

- ROCHA, José Carlos. *A urbanização da cidade de Agudos sob a lógica da acumulação*. Bauru: USC, Caderno de divulgação cultural 26, 1988.
- SAMPAIO, Regina. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global, 1982.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SCHIER, Raul Alfredo. *Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia*. Curitiba, R.RA'EGA, nº. 07, p. 79 – 85, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Geografia. Geografia e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e Filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- VICENTE, Maximiliano Martin. *Os partidos políticos em Bauru de 1930 a 1937*. Assis: UNESP, 1987. (Dissertação de Mestrado)
- WEFFORT, Francisco Côrrea. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.